

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras



Dissertação

Do trabalho ao consumo: A representação literária da sociedade em *O Paraíso das Damas*, de Émile Zola

Kassandra Naely Rodrigues dos Santos

Pelotas, 2021

Kassandra Naelly Rodrigues dos Santos

Do trabalho ao consumo: A representação literária da sociedade em *O Paraíso das Damas*, de Émile Zola

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado - do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras – Área de concentração: Literatura, cultura e tradução.

Orientadora: Prof.^a Dr. ^a Milena Kunrath

Pelotas 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S237d Santos, Kassandra Naely Rodrigues dos

Do trabalho ao consumo : a representação literária da sociedade em *O paraíso das damas*, de Émile Zola / Kassandra Naely Rodrigues dos Santos ; Milena Hoffmann Kunrath, orientadora. — Pelotas, 2021.

127 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. *O paraíso das damas*. 2. Consumo. 3. Trabalho. 4. Émile Zola. I. Kunrath, Milena Hoffmann, orient. II. Título.

CDD : 809

Kassandra Naely Rodrigues dos Santos

"Do trabalho ao consumo: A representação literária da sociedade em O Paraíso das Damas, de Émile Zola".

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de Concentração Estudos da Linguagem, do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 22 de julho de 2021

Banca examinadora:

Milena Hoffmann Kunrath

Profa. Dra. Milena Hoffmann
Kunrath

Orientadora/Presidente da banca
Universidade Federal de Pelotas

Ana Maria Lisboa de Melo

Profa. Dra. Ana Maria Lisboa de
Melo

Membro da Banca

Universidade Federal do Rio De
Janeiro

Aulus Mandagará Martins

Prof. Dr. Aulus Mandagará Martins
Membro da Banca

Universidade Federal de Pelotas

**Dedico este trabalho aos meus pais, meus
irmãos e meu marido.**

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, por novamente me possibilitar seguir em frente e concluir mais essa etapa de minha formação profissional.

Aos meus pais, Antônio e Madalena, pela dedicação, amor e apoio em todos os momentos, sempre incentivando e auxiliando minha trajetória acadêmica.

Ao meu marido Igor, que sempre me apoiou nos estudos, compreendendo minhas muitas ausências e, principalmente também, a importância de minha dedicação.

Aos meus irmãos, Ântoni e Yasmym, sempre presentes em minha vida, tornando-me mais confiante para seguir em frente.

À minha orientadora, professora Dr.^a Milena Kunrath, uma profissional incrível que com paciência e dedicação me conduziu durante essa etapa acadêmica.

Aos membros da banca, professora Dr.^a Ana Maria e professor Dr. Aulus Mandagará, pela gentileza de terem aceitado o convite em participar desta etapa.

Ao Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas por proporcionar a realização desse sonho.

Obrigada!

“O magazine, ainda vazio de clientes, e cujos funcionários iam aos poucos chegando, zunia em seu interior como uma colmeia que começava a despertar”. (ZOLA, 2008)

Resumo

SANTOS, Kassandra Naely Rodrigues dos. **Do trabalho ao consumo:** A representação literária da sociedade em *O Paraíso das Damas*, de Émile Zola. Orientadora: Prof.^a Dr. ^a Milena Kunrath. 2021. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

A presente dissertação de mestrado propõe uma análise literária da representação da sociedade de consumo no romance *O Paraíso das Damas*, publicado em 1883, de autoria do escritor francês Émile Zola, com base em teorias como a sociedade de consumo de Bauman (2008), a romantização do consumo de Campbell (2001), a evidência do excedente de Jean Baudrillard (1995), e o sistema simbólico e organizacional do consumo de Pierre Bourdieu (2010), que auxiliam a compreender a construção e desenvolvimento das relações sociais e comerciais estabelecidas na ficção. A obra literária pertence ao conjunto de romances intitulado *Os Rougon-Macquart: História Natural e Social de uma Família sob o Segundo Império* (1871–1893) e está inserida no movimento estético literário Naturalismo, inaugurado pelo próprio escritor, que propõe retratar a sociedade a partir de conceitos científicos vigentes em sua época, como a teoria *determinista* e da *hereditariedade*. O romance dialoga com seu o contexto histórico e social de criação ao apresentar o movimento migratório de jovens para centros urbanos em busca de melhores condições de trabalho, tendo em sua temática central a disseminação de uma sociedade de consumo por meio da trajetória de ascensão e expansão da loja *Paraíso das Damas*, inspirada em grandes magazines parisienses reais do século XIX.

Palavras-chave: O Paraíso das Damas; Consumo; Trabalho; Émile Zola.

Resumen

SANTOS, Kassandra Naely Rodrigues dos. **Del trabajo al consumo:** La representación literaria de la sociedad en *El Paraíso de las Damas*, de Émile Zola. Tutora: Prof. Dra. Milena Kunrath. 2021. 127 h. Disertación (Maestría en Letras) - Centro de Letras y Comunicación, Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

La presente disertación de maestría propone un análisis literario de la representación de la sociedad de consumo en la novela *El Paraíso de las Damas*, publicada en 1883, escrito por el francés Émile Zola, con base en teorías como la sociedad de consumo de Bauman (2008), la romanización del consumo de Campbell (2001), la evidencia del excedente de Jean Baudrillard (1995), y el sistema simbólico y organizativo del consumo de Pierre Bourdieu (2010), que auxilian a comprender la construcción y desarrollo de las relaciones sociales y comerciales establecidas. La obra literaria pertenece al conjunto de novelas titulado *Los Rougon-Macquart: Historia natural y social de una familia bajo el Segundo Imperio* (1871-1893) y esta insertada en el movimiento estético literario Naturalismo, inaugurado por el propio escritor, que propone retratar la sociedad a partir de conceptos científicos vigentes en su época, como la teoría *determinista* y de la *herencia*. La novela dialoga con su contexto histórico y social de creación al presentar el movimiento migratorio de jóvenes a centros urbanos en busca de mejores condiciones de trabajo, teniendo como temática central la diseminación de una sociedad de consumo a través de la trayectoria de ascensión y expansión de la tienda *Paraíso de las Damas*, inspirada en los grandes almacenes parisienses del siglo XIX.

Palabras-clave: El Paraíso de las Damas; Consumo; Trabajo; Émile Zola.

Sumário

1 Introdução.....	9
2 Século XIX: a história marcada por revoluções	14
2.1 Revolução Francesa	18
2.2 Revolução Industrial.....	27
3 A Literatura Naturalista de Émile Zola.....	33
3.1 Bem-Vindos a' <i>O Paraíso das Damas</i>.....	48
3.1.1 A urbanização e as relações de trabalho.....	59
3.1.2 A sociabilidade parisiense em sua vida privada.....	79
3.1.3 A utopia do consumo e seus reflexos na sociedade.....	89
4 Considerações Finais	117
5 Referências	122

1 Introdução

O escritor francês Émile Zola (1840-1902), conhecido como precursor do movimento estético literário Naturalista, possui uma vasta produção literária que inclui a série de romances intitulada *Les Rougon-Macquart*, em que traz para a literatura conceitos científicos de sua época como a teoria da *hereditariedade* e do *determinismo*, apoiado na crença de ser possível analisar o indivíduo através de sua posição social, composição familiar e o ambiente em que está inserido, para que assim haja uma melhor compreensão em relação do sujeito com a sociedade. Ao dedicar-se a trabalhar com o estudo do indivíduo e de grupos sociais, Zola tenta provar as teorias supracitadas que, resumidamente, creem que elementos externos e internos são influenciadores do comportamento humano.

O romance *O Paraíso das Damas*, objeto de estudo do presente trabalho, foi publicado em 1883 e é a décima primeira obra da série literária do autor. Em seu enredo, Zola recria o contexto histórico e social de Paris do século XIX por meio de um panorama de urbanização da capital francesa ao mostrar como o processo de industrialização influenciou no crescimento do sistema de trabalho e, consequentemente, no desenvolvimento urbano.

Desta forma, assim como presente na história, o aumento do fluxo de migrantes advindos do interior em busca de melhores oportunidades de trabalho nas grandes cidades resultou em mudanças econômicas e sociais, e na constituição de relações comerciais estabelecidas através do surgimento dessa nova sociedade capitalista.

No romance, as relações sociais que envolvem a prática do consumo muitas vezes são pautadas no estímulo ao desejo por produtos supérfluos, aquilo que excede as necessidades, entre as causas está o início de uma produção industrial em grande escala que fornece mais variedades de produtos aos consumidores.

O consumo do excedente aumenta a segregação da sociedade em classes, estrutura padrões de grupos sociais e estimula o indivíduo a encaixar-se em algum grupo, onde posteriormente seu poder individual será substituído pelo poder da comunidade. Esse sistema social pautado no ato de consumir torna a relação entre sujeito, consumo e sociedade um processo recíproco de transformação, uma vez que o meio influencia o sujeito e, consequentemente, o sujeito também influencia o meio.

A narrativa literária desenvolve-se através da construção de personagens absortos em um sistema de trabalho e/ou consumo que reflete na desigualdade social já existente. Essa constante discrepancia de realidades sociais é retratada pela presença de dualidades: o pobre e o rico; o tradicional e o moderno; a simplicidade e o luxo. Contrastam estes que são ampliados quando ambas perspectivas sociais são representadas lado a lado como, por exemplo, a expansão do grande magazine que aos poucos consome todo os pequenos comércios tradicionais.

Isto posto, o objetivo desse estudo é analisar a representação da sociedade de consumo presente no romance supracitado. A proposta inicial desse trabalho surge do interesse em analisar a representação das personagens femininas e o desenvolvimento de suas relações dentro dessa sociedade capitalista. Entretanto, no decorrer da pesquisa e composição do trabalho, fez-se necessário ampliar a análise, desviando-a de uma pesquisa que se restringisse apenas ao feminino e abraçasse a representação do trabalho e consumo no romance de forma mais ampla, escolha de pesquisa que parte da crença de que por meio de boas narrativas literárias podemos conhecer o passado e, por conseguinte, compreendemos melhor nossa contemporaneidade.

A pesquisa iniciou com o resgate histórico do processo de urbanização da França do século XIX, pois conhecer mais sobre a história e cultura que envolve a época de criação de determinada obra literária auxilia em uma melhor compreensão das representações narrativas, bem como a escolha por parte do escritor em cada característica que compõe o romance, tecendo assim

um diálogo entre o campo artístico da literatura e seu contexto social de criação. Desta forma, uma obra literária pode tornar-se atemporal devido à sua temática, ao mesmo tempo que sempre terá marcas de seu período histórico.

Este trabalho está dividido em quatro grandes partes, sendo a primeira a presente introdução. No segundo capítulo, que tem por título *Século XIX: a história marcada por revoluções*, há o desenvolvimento de parte do contexto histórico e social da França do século XIX e tem por base a pesquisa do teórico Eric Hobsbawm (1977a, 1977b) que discorre sobre a transição de uma sociedade predominantemente rural para o início e desenvolvimento centros urbanos e a influência dos movimentos revolucionários na modernização da Europa. Esse capítulo subdivide-se na abordagem de dois significantes movimentos revolucionários da história que influenciaram a composição do romance: a Revolução Francesa e a Revolução Industrial.

O terceiro e maior tópico, intitulado *A Literatura Naturalista de Émile Zola*, apresenta inicialmente informações biográficas sobre o escritor, compiladas através de pesquisas dos teóricos Henri Mitterand (2008) e Michel Winock (2006), intercaladas com a abordagem de conceitos teóricos e científicos que embasam ou debatem sobre a criação do movimento estético literário Naturalista, mais especificamente, a literatura zolaiana, tais como tratados por Otto Maria Carpeaux (2012) em sua análise da história da *literatura naturalista*, György Lukács (2011) com a teoria do *romance histórico* e os próprios escritos teóricos de Émile Zola, em que o romancista debate sobre o diálogo entre realidade e ficção e o propósito da teoria do *romance experimental*.

Nesse capítulo há o subtítulo, *Bem-Vindos a’O Paraíso das Damas*, no qual se inicia o desenvolvimento da análise literária do romance *O Paraíso das Damas* através de um resgate das características do movimento estético literário naturalista discorridas no tópico anterior, aplicando-as no enredo, personagens e ambiente presente na narrativa literária. Destaca-se que, para a pesquisa desse trabalho, é utilizada na análise a edição obra publicada em 2008, pela editora Estação Liberdade, traduzida por Joana Canêdo.

O subcapítulo encontra-se subdividido por temáticas em três partes que se voltam para a representação ficcional da sociedade no romance. Na primeira parte, cujo título é *A urbanização e as relações de trabalho*, está a trajetória de urbanização da França e como são desenvolvidas as relações entre grupos sociais, desde o debate sobre movimentos trabalhistas do século XIX estimulados por Friedrich Engels e Karl Marx (2001), que buscam melhores condições de trabalho, até a teoria mais contemporânea, proposta por Zygmunt Bauman (2008), que discorre sobre uma perspectiva do trabalhador como uma mercadoria vendável. Tais teorias que dialogam temáticas presentes na obra literária tais como: a desvalorização do trabalhador como pequena e substituível parte de um grande sistema, a transformação no espaço de trabalho e a inserção de benefícios aos funcionários.,

A segunda parte, intitulada *A sociabilidade parisiense em sua vida privada*, traz para a pesquisa o teórico Philippe Ariès (2009), que aborda conceitos sobre a convivência social em âmbito mais íntimo, a formação da estrutura familiar e o início das reuniões restritas a pequenos círculos sociais dos indivíduos pertencentes a Paris do século XIX. Assim como também a teórica Michele Perrot (1998), que aborda sobre a contextualização da mulher e a distinção entre gêneros em diferentes esferas da sociedade.

Na terceira parte desse capítulo, denominada *A utopia do consumo e seus reflexos sociais*, é aprofundada a representação do consumo e das relações comerciais, apoiando-se em conceitos teóricos de Colin Campbell (2001), que aborda a romantização do consumo, de Jean Baudrillard (1995), com a organização dos signos de consumo e a evidência do excedente, de Pierre Bourdieu (2010), que contribui com a teoria do sistema simbólico e organizacional do consumo, e, novamente, Zygmunt Bauman (2008), com sua teoria da sociedade de consumo que transforma os sujeitos em mercadorias.

Por fim, o último tópico do trabalho traz as *Considerações Finais* da pesquisa, que estabelece um diálogo entre o que foi desenvolvido e seus reflexos na sociedade dos dias atuais, pois, ao construir um panorama histórico e político da França em diálogo com a narrativa ficcional, busca-se primeiro

compreender os comportamentos humanos presentes na obra literária, para que assim possamos perceber as mudanças dos paradigmas ao longo da história e seus reflexos nas questões sociais que permeiam nossa contemporaneidade.

2 Século XIX: a história marcada por revoluções

A história da humanidade passa por expressivas transformações devido às revoluções, principalmente na Europa e parte da América do Norte, que resultaram nos conceitos das palavras como “industrial”, “fábricas”, “capitalismo” e “socialismo”.

Por volta de 1780, o mundo não globalizado parecia maior, pois, se não fosse por algum acontecimento ou recrutamento militar, as pessoas viviam e morriam em localidades próximas onde nasciam, isto é, a população vivia basicamente nas áreas rurais, não havendo geograficamente tanta circulação humana.

A sociedade urbana daquela época era constituída por pequenas cidades de províncias, onde o homem poderia percorrer em poucos minutos, a pé, a distância do campo até a praça da catedral que era rodeada pelos edifícios públicos. Segundo Hobsbawm:

Estas cidades de província não eram menos urbanas por serem pequenas. Os autênticos homens das cidades desprezavam o campo ao redor com o desprezo que sentem os eruditos e os homens de espírito pelos fortes, lentos, ignorantes e estúpidos. (HOBSBAWM, 1977a, p.28)

Já havia uma forte segregação entre a cidade com suas atividades urbanas e o campo com suas atividades rurais, sendo que, em alguns países, essa “barreira” era construída por meio de impostos ou, em alguns casos, até mesmo materializada através de uma muralha. Essa divisão entre campo e cidade refletia nos habitantes que, com exceção da população mais pobre que trabalhava em serviços precários nas cidades, distinguiam-se em aparência e comportamento. Porém, a maior distinção entre um trabalhador ou camponês de um membro de classe dominante acontecia por meio da posse de propriedades.

Ainda no século XVIII, a estrutura agrária na Europa tinha como principal fonte de renda líquida o aluguel de terras, o que ocasionava em um enorme

distanciamento entre duas marcantes classes sociais: os proprietários de terras, quase senhores feudais que acumulavam bens e riquezas, e os camponeses, a maioria em situação análoga à escravidão, cujo trabalho era braçal e sem perspectiva de vida, sendo a maioria empregados nas terras de outra pessoa, cultivando e produzindo suas fontes de renda.

Embora houvesse ocorrido uma modificação da condição de servo do camponês no final da Idade Média, o trabalho no campo ainda possuía como característica a servidão, porque a mão de obra do trabalhador já era vendida como mercadoria indissociável do sujeito, que era explorado tanto por meio de cobrança de aluguéis e de outros rendimentos monetários, e, se livre de proprietário, ainda devia ao senhor local obrigações financeiras. De acordo com Hobsbawm (1977a, p.33), o agricultor, verdadeiro dono das terras, era quem tinha uma boa estabilidade econômica e quem, posteriormente, pertencerá a classe de empresários.

Com exceção de algumas regiões, a agricultura europeia era ainda tradicional e suficiente. Todavia, o século XVIII também é marcado tanto pela expansão demográfica agrícola, quanto pela urbanização crescente e ampliação da atividade de fabricação e de comércio como conhecemos hoje.

A expansão da produção industrial teve início através de um sistema doméstico em que o mercador comprava a mão de obra artesanal ou produtos dos artesões, que vendiam suas mercadorias basicamente pelo valor da produção do artigo, para revendê-los em um mercado mais amplo, criando assim um precoce capitalismo industrial. E, devido ao surgimento desse sistema de empregabilidade de pessoas em determinadas funções com a finalidade aumentar a produção, nasce também o grupo social composto por empregados.

Outra característica marcante do século XVIII é a instauração de ideologias voltadas ao conhecimento humano, à racionalidade, ao progresso social e à tentativa de controle sobre a natureza, ideais que permeavam as

classes economicamente mais progressistas, constituídas por pessoas relacionadas a avanços políticos e científicos. Conforme Hobsbawm:

Um individualismo secular, racionalista e progressista dominava o pensamento “iluminado”. Libertar o indivíduo das algemas que o agrilhoavam era o seu principal objetivo: do tradicionalismo ignorante da Idade Média, que ainda lançava sua sombra pelo mundo, da superstição das igrejas (distintas da religião “racional” ou “natural”), da irracionalidade que dividia os homens em uma hierarquia de patentes mais baixas e mais altas de acordo com o nascimento ou algum outro critério irrelevante. A liberdade, a igualdade e, em seguida, a fraternidade de todos os homens eram seus slogans. No devido tempo se tornaram os slogans da Revolução Francesa. (HOBSBAWM, 1977a, p.37)

França e Inglaterra tornam-se centros dessas ideologias políticas e científicas devido às revoluções. O movimento iluminista, por exemplo, é difundido nesse período, influenciado pelo contexto de progresso da produção, do comércio e da racionalidade econômica e científica. O pensador desse movimento defendia a liberdade de todos os homens por meio recusa de todas as formas de dogmatismo, centralizando assim a ciência e a razão em cima da religião e da fé que já predominava na sociedade.

O *Iluminismo*, mesmo que difundido no capitalismo e que seus defensores, na maioria, pertencessem à classe média, é inovador para sua época ao intitular “novos homens racionais” pessoas a partir de mérito ou habilidade e não somente por nascimento e hereditariedade como até então. Portanto:

É mais correto chamarmos o “iluminismo” de ideologia revolucionária, apesar da cautela e moderação política de muitos de seus expoentes continentais, a maioria dos quais - até a década de 1780 - depositava sua fé na iluminada monarquia absoluta. Pois o iluminismo implicava a abolição da ordem política e social vigente na maior parte da Europa. Era demais esperar que os *anciens régimes* se abolissem voluntariamente. Ao contrário, como vimos, em alguns aspectos eles estavam-se fortalecendo contra o avanço das novas forças econômicas e sociais. E suas fortalezas (fora da Grã-Bretanha, as Províncias Unidas e alguns outros lugares onde já tinham sido derrotados) eram as próprias monarquias em que os iluministas moderados depositavam sua fé. (HOBSBAWM, 1977a, p.38)

Isto é, a monarquia passou a adotar a filosofia iluminista para autopromoção, sem realmente praticá-la, e quando faziam, era com a finalidade de multiplicar suas riquezas e poder, sem dedicar-se de fato às

ideologias por trás do movimento, pois, para as famílias mais abastadas, vindas de uma tradição hierárquica e hereditária, não era vantajoso que realmente ocorresse a liberdade de todos os homens.

Desta forma, poucos eram aqueles pertencentes às classes mais altas que de fato acreditavam nos ideais revolucionários e na libertação de camponeses do sistema feudal, o que resultou no início de um conflito entre a “velha” e a “nova” burguesia.

2.1 Revolução Francesa

A Revolução Francesa foi responsável por transformar o sistema político e a ideologia da França, marcando uma ruptura na história, pois, iniciava uma divergência entre a monarquia absolutista e a sociedade que começava a visar outras formas de governo como a monarquia parlamentar e a república. Segundo Hobsbawm, foi no próprio país que surgiu as ideologias provenientes da Revolução Francesa:

A França forneceu o vocabulário e os temas da política liberal e radical-democrática para a maior parte do mundo. A França deu o primeiro grande exemplo, o conceito e o vocabulário do nacionalismo. A França forneceu os códigos legais, o modelo de organização técnica e científica e o sistema métrico de medidas para a maioria dos países. A ideologia do mundo moderno atingiu as antigas civilizações que tinham até então resistido as ideias europeias inicialmente através da influência francesa. Esta foi a obra da Revolução Francesa. (HOBSBAWM, 1977a, p.72)

Contudo, a Revolução Francesa não foi um acontecimento isolado, seus resultados são impactantes, tornando-se uma referência histórica em todos os países por influenciar movimentos revolucionários posteriores e ter suas ideias absorvidas pelo socialismo e comunismo modernos.

Em 1789, a França era governada pelo chamado Antigo Regime, uma monarquia absoluta que concentrava todo o poder nas mãos do rei. E devido suas participações e investimentos em guerras, somado a uma estiagem que devastava parte da produção agrícola, o país passava por uma enorme crise financeira e agrária que afetava principalmente a população mais pobre que vivia de sua agricultura.

Em meio a uma desigualdade social extrema, parte do clero e a nobreza eram isentos de impostos e viviam no luxo, situação que alimentou uma raiva por parte do povo e da pequena burguesia que não se conformavam que as classes altas possuíssem tudo. Nesse período, a composição da sociedade francesa era de aproximadamente 23 milhões de franceses, sendo em torno de 400 mil pertencentes à nobreza:

Elas [pessoas pertencentes à nobreza] gozavam de consideráveis privilégios, inclusive de isenção de vários impostos (mas não de tantos quanto o clero, mais bem organizado), e do direito de receber tributos feudais. Politicamente sua situação era menos brilhante. A monarquia absoluta, conquanto inteiramente aristocrática e até mesmo feudal no seu *ethos*, tinha destituído os nobres de sua independência política e responsabilidade e reduzido ao mínimo suas velhas instituições representativas – propriedades e *parlements*. O fato continuou a se agravar entre a mais alta aristocracia e entre a *noblesse de robe* mais recente, criada pelos reis para vários fins, principalmente financeiros e administrativos; uma classe média governamental enobrecida que expressava tanto quanto podia o duplo descontentamento dos aristocratas e dos burgueses através propriedades e cortes de justiça remanescentes. (HOBSBAWM, 1977a, p.75)

A riqueza da monarquia era tanta que Luís XIV, avô de Luís XVI, construiu Versalhes, um exuberante palácio que abrigava a monarquia e parte do clero em fartas reuniões e festas somente para a alta sociedade, tudo sustentado pelos impostos do povo.

Os problemas financeiros da monarquia pioraram a situação econômicas do país e as tentativas de reforma anteriores, 1774 a 1776, fracassaram. Mas, embora Versalhes seja marcada pela exuberância, outra possível culpada pela crise, maior causadora da dívida, foram as sucessivas guerras, principalmente a americana.

Por consequência, a primeira ameaça ao absolutismo foi a realização da Assembleia dos Notáveis, em 1787, com participantes escolhidos. A reivindicação por parte da aristocracia era a recusa de pagar pela crise caso seus privilégios não fossem aumentados.

Como mencionado, a situação das classes inferiores era tão precária e contrapunha-se à realidade de extravagâncias da nobreza, pois, se de um lado predominava o luxo, do outro, a população passava fome a ponto de mendigar, saquear e até linchar pessoas pegadas comendo algum alimento que não compartilhassem com os demais.

Nesse período, a França possuía uma sociedade *Estamental*, isto é, estava dividida classes sociais denominadas Estados, não havendo a possibilidade de ascensão social dos indivíduos, assim, quem nascesse

pertencente a determinado Estado, morreria sendo parte dele. O Primeiro Estado era constituído por uma parte elitzada do clero que possuía o domínio religioso, cerca de um terço das terras francesas e isenção de impostos; o Segundo Estado era a nobreza, constituída por governantes que viviam na extravagância e também estavam isentos de impostos; o terceiro grupo, composto por 80% da população, representa as classes mais atingidas pela crise.

Esse Terceiro Estado ainda estava subdividido em grupos, dentre eles: os *Girondinos*, uma alta burguesia francesa de comerciantes que tinha por característica serem mais moderados, eram pessoas que não necessariamente passam fome, mas almejam ter o poder político em suas mãos, pois possuíam apenas a economia do país; a segunda parte da população, os *Jacobinos*, uma baixa burguesia formada por professores, médicos, filósofos e advogados, pessoas com ideais mais radicais e revolucionários; a terceira, e maior parte da população, era composta por camponeses, pessoas extremamente pobres e as mais atingidas pela crise agrária, e os *Sans-culottes*, artesões ou pequenos trabalhadores urbanos assalariados ou desempregados que se tornaram a alternativa para o radicalismo burguês. Os *Sans-culottes*:

(...) eram organizados, principalmente nas "seções" de Paris e nos clubes políticos locais, e forneciam a principal força de choque da revolução - eram eles os verdadeiros manifestantes, agitadores, construtores de barricadas. (...). Na verdade, os sansculottes eram um ramo daquela importante e universal tendência política que procurava expressar os interesses da grande massa de "pequenos homens" que existia entre os pólos do "burguês" e do "proletário", freqüentemente talvez mais próximos deste do que daquele porque eram, afinal, na maioria pobres. (HOBSTAWM, 1977a, p.81)

Como já mencionado, até então o poder do país pertencia a uma monarquia absoluta e aristocrática influente que expandia seu império e seu comércio colonial rapidamente. Entretanto, existia uma relação de apoio recíproco entre parte dos membros instruídos da classe média, pois:

Um príncipe necessitava de uma classe média e de suas idéias para modernizar o seu Estado; uma classe média fraca necessitava de um príncipe para quebrar a resistência ao progresso, causada por arraigados interesses clericais e aristocráticos. (HOBSTAWM, 1977a, p.39).

Por volta de maio de 1789, o Primeiro e o Segundo Estados unem-se para tentar resolver o problema da crise francesa por medo de que a população entrasse em um imenso colapso e a crise acabasse atingindo a eles que viviam no palácio de Versalhes. Para isso, o clero e a nobreza convocam a Assembleia dos Estados Gerais e convidam o Terceiro Estado a participar. Essa desesperada decisão teve por objetivo discutir sobre a aplicação de impostos e a melhora da situação da França, porém, esse evento coincide com a profunda crise socioeconômica, tornando-se somente uma segunda ameaça ao poder absolutista.

A Assembleia torna-se um evento histórico, porque em 175 anos não havia reunião entre representantes dos três Estados da sociedade. O Terceiro Estado por ser mais numeroso continha mais políticos envolvidos, no entanto, representados apenas por Girondinos e Jacobinos, os camponeses e trabalhadores urbanos não possuíam voz ativa.

Com o objetivo de diminuir o poder do Terceiro Estado, e por já haver um expressivo número de participantes na Assembleia, foi decretado que seria apenas um voto por Estado. Desse modo, o clero e a nobreza uniram-se novamente por seus interesses e isolaram o Terceiro Estado, decidindo, por dois votos a um, que o Primeiro e o Segundo Estados continuariam com a isenção de impostos e para o Terceiro Estado haveria aumento tributário para solucionar a crise da França.

De acordo com Hobsbawm, a Revolução Francesa resulta dessa tentativa malsucedida de recuperar a economia da França que igualou todos os indivíduos pertencentes ao Terceiro Estado, ignorando as diferentes necessidades que cada grupo busca sanar:

(...) a Revolução começou como uma tentativa aristocrática de recapturar o Estado. Esta tentativa foi mal calculada por duas razões: ela subestimou as intenções independentes do "Terceiro Estado" - a entidade fictícia destinada a representar todos os que não eram nobres nem membros do clero, mas de fato dominada pela classe média - e desprezou a profunda crise sócio-econômica no meio da qual lançava suas exigências políticas. (HOBBSBAWM, 1977a, p.76)

Logo, os representantes do Terceiro Estado inconformados com a situação e em forma de protesto foram para a quadra onde acontecia o jogo da Pela, defendendo que não sairiam dali enquanto a situação não fosse resolvida. A manifestação não teve o resultado esperado, contudo, esse momento é considerado o início do processo revolucionário.

O lema da Revolução Francesa, “liberdade, igualdade e fraternidade”, defende a luta por diretos igualitários a todos, como direito à vida, à liberdade de ir e vir, à propriedade, dentre outros. Surge também a possibilidade de todos, sem distinção, ser enxergados como parte igual do país, direitos até então negados às classes mais baixas: ““O povo” identificado com “a nação” era um conceito revolucionário; mais revolucionário do que o programa liberal-burguês que pretendia expressá-lo.” (HOBSBAWM, 1977a, p.78)

Ressalta-se que nesse mesmo período também ocorre uma separação entre a igreja e o Estado, o que facilita a discordância e desunião entre o Primeiro e Segundo Estados.

Indignados com o sistema de governo atual e impulsionados pelo já citado ideal iluminista de liberdade, representantes do Terceiro Estado reuniram-se e decidiram separar-se desse modelo de monarquia absolutista, formando assim a Assembleia Nacional Constituinte, uma organização de caráter revolucionário e tinha por objetivo acabar com a monarquia e construir um governo voltado para eles, propondo sanar as diferentes necessidades de cada esfera desse Estado:

(...) sua política em relação aos camponeses era o cerco das terras comuns e o incentivo aos empresários rurais; para a classe trabalhadora, a interdição dos sindicatos; para os pequenos artesãos, a abolição dos grêmios e corporações, Dava pouca satisfação concreta ao povo comum, exceto, a partir de 1790, com a secularização e venda dos terrenos da Igreja (bem como dos terrenos da nobreza emigrante) que tinha a tripla vantagem de enfraquecer o clericalismo, fortalecer o empresário rural e provinciano e dar a muitos camponeses uma retribuição mensurável por suas atividades revolucionárias. (HOBSBAWM, 1977a, p.82)

Em 14 de julho de 1789 foi decidido em assembleia geral a destituição do poder monárquico com a derrubada do rei, marco inicial da revolução. E a

população, juntamente com os *Sans-culottes*, destruíram com as próprias mãos o símbolo do absolutismo, a Bastilha, prisão onde os reis encarceravam seus opositores:

Em tempos de revolução nada é mais poderoso do que a queda de símbolos. A queda da Bastilha, que fez do 14 de julho a festa nacional francesa, ratificou a queda do despotismo e foi saudada em todo o mundo como o princípio de libertação. (HOBSBAWM, 1977a, p.79)

Após o rei Luís XVI e a rainha Maria Antonieta serem destronados, o Terceiro Estado redigiu a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, documento contra o antigo regime inspirado nos ideais iluministas e liberais que concretiza o pensamento da Revolução Francesa no contexto social da época e a França transforma-se em uma monarquia constitucional por meio da instauração da Constituição de 1791, ou seja, as pessoas pertencentes à realeza não perderam seus títulos de nobreza, porém, não possuíam mais poder de governar, estando agora abaixo da constituição. É nessa transição que ocorreu também a perda dos privilégios feudais por parte da aristocracia e a classe média, embora o feudalismo mesmo só tenha acabado em 1793.

Ainda em 1791, o rei Luís XVI, que estava preso na França, é reconhecido e capturado durante uma tentativa fuga para Áustria, sendo preso novamente e condenado à morte. O destino do rei divide visivelmente a população: os Jacobinos, mais radicais, queriam matá-lo; enquanto os Girondinos, mais moderados, não.

Novamente o modelo político da França é substituído de Assembleia Nacional Constituinte para a Convenção Nacional de 1792 e os debates políticos passaram a ser realizados por meio de convenções com o objetivo de debater sobre o futuro da França.

Era comum a divisão da população que constituía o Terceiro Estado em grupos ideológicos por acolher uma grande parcela de pessoas com realidades e posicionamentos diversos. Por esse motivo, a convenção era composta pelos Girondinos, sentados à direita, os Jacobinos, sentados à esquerda e no centro sentavam pessoas que decidiam sua posição política conforme o lado que

estivesse ganhando, a Planície. Características políticas que se tornaram um simbolismo ecoado até os dias atuais:

(...) as massas indo além dos objetivos dos moderados rumo a suas próprias revoluções sociais, e os moderados, por sua vez, dividindo-se em um grupo conservador, daí em diante fazendo causa comum com os reacionários, e um grupo de esquerda, determinado a perseguir o resto dos objetivos moderados, ainda não alcançados, com o auxílio das massas, mesmo com o risco de perder o controle sobre elas. E assim por diante, com repetições e variações do modelo resistência - mobilização de massa - inclinação para a esquerda - rompimento entre os moderados - inclinação para a direita - até que o grosso da classe média passe daí em diante para o campo conservador ou seja derrotado pela revolução social. Na maioria, das revoluções burguesas subsequentes, os liberais moderados viriam a retroceder, ou transferir-se para a ala conservadora, num estágio bastante inicial. (HOBSBAWM, 1977a, p.80)

Nessa convenção, o grupo esquerdo dos Jacobinos, cujo nome após significará “revolução radical”, ganhou força devido à sua insurgência por mudança oposta aos Girondinos e, com o apoio dos *Sans-culottes*, passaram a governar a França liderados por Maximilien Robespierre, instaurando um período de terror para a população e transformando a Revolução Francesa em uma espécie de ditadura conhecida como a República Jacobina (1793-1794).

Para Hobsbawm (1977a):

Os sansculottes saudaram um governo revolucionário de guerra, e não apenas porque corretamente defendiam que só assim a contrarrevolução e a intervenção estrangeira podiam ser derrotadas, mas também porque seus métodos mobilizavam o povo e traziam a justiça social mais para perto. (Eles desprezavam o fato de que nenhum esforço efetivo de guerra moderna é compatível com a democracia direta, voluntária e descentralizada que acalentavam.) Os girondinos, por outro lado, temiam as consequências políticas da combinação de uma revolução de massa com a guerra que eles provocaram. Nem estavam preparados para competir com a esquerda. Eles não queriam julgar ou executar o rei, mas tinham que competir com seus rivais, "a Montanha" (os jacobinos), por este símbolo de zelo revolucionário: a Montanha ganhou prestígio, não a Gironde. (HOBSBAWM, 1977a, p.85)

Com a finalidade de obter mais controle político, Robespierre inaugurou o Comitê de Salvação Pública, que futuramente se transformará no efetivo Ministério da Guerra Francês, uma organização francesa que cuidava das finanças e tentava inibir qualquer tipo de rebelião por parte daqueles que são contra a revolução. Dessa organização também surgiu a Lei do Máximo, que

garantia que os preços dos produtos passariam a ser tabelados com um valor máximo para evitar a inflação.

O regime jacobino reforçou a falta de poder do Primeiro e Segundo antigos Estados, confiscou as terras do clero e mobilizou a população contra seus opositores. Os apoiadores do governo, por meio de um Tribunal Revolucionário, passaram a perseguir todos aqueles que consideravam traidores da revolução, condenando-os à pena de morte na guilhotina, dentre os traidores estavam o rei Luís XVI e a rainha Maria Antonieta.

Esse radicalismo contra os opositores causou pânico na população em geral que estava com medo de ser levada à guilhotina e, devido ao terror difundido por toda a parte, os Jacobinos começaram a perder força política ao passo que os Girondinos passaram a investir no povo.

As pessoas estimuladas com um possível fim do terror da *Ditadura Jacobiana* apoiaram os Girondinos na derrubada do governo com o golpe 9º *Termidor* ou *Reação Termidorianas*, e o líder Maximillien Robespierre foi morto na guilhotina, e instaurou-se um sistema político por meio de Diretório, em que três pessoas governavam a França. Desde o início da revolução, a parte mais necessitada da população foi manipulada politicamente por aqueles que possuíam um pouco mais de poder.

Com os Girondinos no governo (1795 – 1799), o voto que antes era universal, torna-se o Voto Censitário, restrito a critérios de rendas, isto é, a pessoa teria que possuir uma renda mínima para poder votar. E, novamente, os mais abastados eram enaltecidos e o povo esquecido por aqueles que ajudara a chegar ao poder.

O governo investiu no exército francês tanto para evitar ataques de outros países absolutistas, quanto como represália interna, para inibir a manifestação da população. O sistema político da França foi mais uma vez substituído pelo regime de Consulado e entre os três cônsules estava Napoleão Bonaparte.

Com o forte investimento no exército, Bonaparte reivindica e assume o poder, em 1804, através de um golpe de Estado conhecido como o Golpe do 18 de Brumário, intitulando-se imperador da França, uma vez que a imagem de rei estava defasada e colocando fim na Revolução Francesa.

Bonaparte permaneceu no poder até 1814, quando a monarquia não absolutista retornou ao governo. Seu governo é marcado por controvérsias à medida que para uns trouxe prosperidade e estabilidade, sendo considerado um governante bem-sucedido, enquanto, para outros, causou revolta devido à propagação da fome e às muitas perdas em guerra.

Tanto a Revolução Francesa, quanto as Guerras Napoleônicas englobaram vivências de diferentes grupos sociais, o que influencia em uma nova concepção de história e de sua relação com o presente. A História, antes sempre vista como algo distante no passado, passa a estar no presente tanto no cotidiano quanto na memória desses indivíduos, em que um único acontecimento resume o destino de uma totalidade.

2.2 Revolução Industrial

Uma das principais características da Revolução Industrial foi a mudança relativa da maneira de viver das pessoas. Por volta de 1780, ocorre uma transformação no poder produtivo que resultou em um rápido aumento de produção de mercadorias e, consequentemente também, de necessidade de mão de obra.

Se antes os trabalhos eram voltados basicamente ao artesanato, manufatura ou atividades no campo, após essa ruptura ocorreu uma maior migração de camponeses para as áreas urbanas e as pessoas passaram a depender financeiramente do trabalho em fábricas.

Não há uma data precisa de início da Revolução Industrial, muito menos uma data de fim, porque, segundo Hobsbawm (1977a, p.45), ela ainda acontece. O historiador também considera que o período de industrialização na Grã-Bretanha, “ponto de partida” da Revolução Industrial, tenha começado entre 1780 a 1800, um pouco antes da Revolução Francesa. Seu início estava restrito à Inglaterra que tinha uma burguesia com forte poder econômico, que acumulava capital ao possuir o domínio do comércio marítimo, conhecendo vias fluviais de fácil acesso e facilitando assim a circulação de produtos.

Nesse período, houve um crescimento na produção agrícola ocasionado principalmente pela fabricação de mercadorias de consumo em massa. Como já mencionado, os proprietários quase monopolizavam as terras, porém, quem as cultivava eram camponeses sem posses e pequenos agricultores com o objetivo de produzir produtos semimanuais como, por exemplo, o tecido, um dos principais produtos que teve sua produção expandida durante a Revolução Industrial.

As atividades agrícolas cumpriam três funções fundamentais na sociedade de industrialização e já estavam predominantemente voltadas ao mercado e as manufaturas:

(...) aumentar a produção e a produtividade de modo a alimentar uma população não agrícola em rápido crescimento; fornecer um grande e crescente excedente de recrutas em potencial para as cidades e as indústrias; e fornecer um mecanismo para o acúmulo de capital a ser usado nos setores mais modernos da economia. (HOBSBAWM, 1977a, p. 47)

Em alguns lugares como na Saxônia, Normandia e Inglaterra, a expansão industrial iniciou por meio do sistema “doméstico” que consistia no trabalho na matéria prima de produtos por parte de trabalhadores ou antigos artesãos e camponeses em suas casas, com ferramentas próprias ou alugadas, para só após fornecer os produtos aos mercados.

Em vista disso, a Revolução Industrial é considerada um período de vitória em vendas do mercado exportador sobre o doméstico e de inovação em maquinaria ao criar novos equipamentos simples e baratos que rapidamente pagavam o valor investido por meio do aumento de produção, tais como: a máquina de fiar; o tear movido a água; e, um pouco mais tarde, o tear a motor.

A indústria do algodão cresceu rapidamente e empregou muito mais trabalhadores que as demais indústrias. Entre as vantagens dos investimentos nesse nicho estavam sua matéria prima vinda do exterior, a utilização de mão de obra escrava na primeira etapa de produção e a mecanização que expandia a produtividade da mão de obra industrial, gerando cada vez mais lucros. Portanto, se no campo o trabalho era realizado por escravos, nas fábricas, a mão de obra era composta em sua maioria por mulheres e crianças devido às suas personalidades, que também a tornava mais barata por ser desvalorizada:

Nas fábricas onde a disciplina do operariado era mais urgente, descobriu-se que era mais conveniente雇用 as dóceis (e mais baratas) mulheres e crianças: de todos os trabalhadores nos engenhos de algodão ingleses em 1834-47, cerca de um-quarto eram homens adultos, mais da metade era de mulheres e meninas, e o restante de rapazes abaixo dos 18 anos. (HOBSBAWM, 1977a, p.67)

Fatores como os citados acima fez com que muitos empresários desejassesem a modernização industrial, pois, beneficiavam-se da inflação sobre o lucro ao aumentar consideradamente o valor da venda de seus produtos em comparado a produção. Em outras palavras, uma pequena parte da população abastada buscava formas de ganhar mais dinheiro, fazendo comum uso do

esquema de comprar no mercado mais barato para vender no mais caro. O que predominava era uma política engajada no lucro, em que “o dinheiro não só falava como governava” (HOBBSAWM, 1977a, p. 47).

É em meio a esse contexto histórico de transformações urbanísticas e início da produção industrial que surgiu duas significativas classes sociais, que, de certa forma, são consideradas antagônicas por seu grande distanciamento econômico: a burguesia industrial, constituída por proprietários de indústrias, e o proletariado, trabalhadores urbanos que recebem o essencial para sobreviver.

Contudo, a Revolução Industrial também deu origem à classe média composta por artesãos, comerciantes, agricultores de mais recursos, engenheiros e funcionários públicos, reorganizando assim toda a estrutura de classes sociais:

Naturalmente, os ricos consumiram prodigamente, dando uma contribuição para a procura global que foi desproporcional a seus números, mas eles, então, sempre fizeram isso. Também é correto assinalar que a contribuição dada pelas classes mais baixas cresceu tanto quanto ganhava impulso a Revolução Industrial. Não obstante, parece ser verdade que a expansão bastante considerável da procura, na primeira etapa da Revolução Industrial, teve origem essencialmente de classe média. (CAMPBELL, 2001, p. 42)

A agricultura ainda tinha muito poder, mas estava em visível declínio devido ao crescimento industrial. Motivo pelo qual o século XVIII foi marcado por várias crises econômicas com consequências sociais como a miséria e o descontentamento por parte de impulsionares da revolução social, trabalhadores da indústria e as populações pobres da cidade, que, futuramente, ocasionará nas revoluções de 1848, como já discorrido no capítulo anterior. Entretanto, essas transformações preocupavam grande parte da sociedade. Segundo Hobsbawm:

O descontentamento não estava ligado apenas aos trabalhadores pobres. Os pequenos comerciantes, sem saída, a pequena burguesia, setores especiais da economia eram também vítimas da revolução industrial e de suas ramificações. Os trabalhadores de espírito simples reagiram ao novo sistema destruindo as máquinas que julgavam ser responsáveis pelos problemas; mas um grande e surpreendente número de homens de negócios e fazendeiros

ingleses simpatizava profundamente com estas atividades dos seus trabalhadores luditas porque também eles se viam como vítimas da minoria diabólica de inovadores egoístas. A exploração da mão-de-obra, que mantinha sua renda a nível de subsistência, possibilitando aos ricos acumularem os lucros que financiavam a industrialização (e seus próprios e amplos confortos), criava um conflito com o proletariado. Entretanto, um outro aspecto desta diferença de renda nacional entre pobres e ricos, entre o consumo e o investimento, também trazia contradições com o pequeno empresário. (HOBSBAWM, 1977a, p. 55)

Períodos regulares de crise na economia aumentam o desemprego, quedas na produção e falências. Nesse cenário, o compartilhamento dos mesmos problemas durante a crise por parte dos trabalhadores e da pequena burguesia resultaram em movimentos massivos como “radicalismo”, “democracia” e “república”. E para os capitalistas, essa instabilidade econômica também ameaçava os lucros, cujos problemas sociais só os atingiria se fosse derrubada a vigente ordem social.

Como já mencionado, a expansão da Revolução Industrial é marcada pela transferência da mão de obra rural para industrial, o que resultou no declínio da população agrícola e no aumento da população urbana. A sociedade passa a ser composta por alguns poucos, mas influentes, proprietários de terras, um número expressivo de arrendatários comerciantes e uma grande população de trabalhadores contratados. Contudo, nas áreas rurais ainda haviam trabalhadores, tanto aqueles que não possuíam outra alternativa, como também pessoas que por diferentes motivos resistiam à urbanização: camponeses pobres e a pequena nobreza tradicionalista do interior que perdia seu poder.

Com a industrialização nos centros urbanos aumentou a necessidade de pessoas para trabalhar nas cidades, logo, trabalhadores pobres e pequenos produtores do antigo setor não industrial eram atraídos a migrarem com a promessa de salários altos e a liberdade da cidade grande. Entretanto, alguns trabalhadores, mesmo em dificuldade econômica, ainda se faziam relutantes a abandonar o modo de vida tradicional. De acordo com Michelle Perrot (1998):

Antes de ser atrativo, a cidade é necessidade. Os migrantes, que são essencialmente gente do campo, vêm a ela primeiro para procurar

trabalho, para viver melhor, o que comporta também a busca do prazer. (PERROT, 1998, p.16).

O carvão é outro importante produto da Revolução Industrial que crescia no início do século XVIII, sendo considerado uma moderna e, ao mesmo tempo, primitiva indústria por não haver tanta modernização em seu processo de extração, mesmo utilizando das mais recentes máquinas a vapor. Sua expansão e mineração aumentava desde o final do século XVI e no século XIX já era considerado a principal fonte de energia industrial que proporcionava a construção de ferrovias.

A expansão rápida de linhas ferroviárias acontecia devido à necessidade por parte dos empresários em aumentar a circulação e o comércio de produtos. E as classes mais elevadas economicamente acumulavam tantas riquezas que sobrava para investir industrialização por meio da construção dessas ferrovias. Hobsbawm cita John Francis ao descrever o homem rico de 1851 que via:

(...) o acúmulo da riqueza, com o qual um povo industrializado sempre sobrepuja os métodos comuns de investimento, empregado de forma legítima e justa... O dinheiro que em sua juventude tinha sido gasto em empréstimos de guerra e, em sua maturidade, nas minas sul-americanas, estava agora construindo estradas, empregando mão-de-obra e incrementando os negócios. A absorção de capital (pela ferrovia) era no mínimo uma absorção, se mal sucedida, no país que a efetuava. Contrariamente às minas estrangeiras e aos empréstimos estrangeiros, não podia ser exaurida ou ficar totalmente sem valor. (FRANCIS, 1851 *apud* HOBSBAWM, 1977a, p.64)

Se o período de revoluções ocorridas na Europa trouxe uma sensação de aceleração no tempo e, também, fez com que o povo passasse a pertencer aos acontecimentos históricos de sua época, a modernização urbana ocasionada pela Revolução Industrial também alimentou a imaginação das pessoas, influenciando no impulso da produção de uma literatura que coincidisse mais com as pessoas e acontecimentos de seu tempo, e aflorando um caráter mais documental nos textos literários produzidos.

Por fim, não somente todo esse processo de expansão industrial, mas também de movimentos revolucionários que transformaram os diferentes espaços sociais de importância para o progresso da urbanização estão

eternizado na literatura pelo escritor francês Émile Zola que constrói um panorama em movimento entre o passado e o futuro, abrangendo diferentes esferas da sociedade de forma mais aproximada à realidade, desde as condições precárias de trabalho nas minas de carvão de *Germinal* (1885) até o início de uma globalização e modernização por meio do funcionamento de locomotivas nas expansivas linhas ferroviárias de *A Besta Humana* (1890).

3 A Literatura Naturalista de Émile Zola

Émile Édouard Charles Antoine Zola, nascido em 2 de abril de 1840 em Paris, filho de François Zola, engenheiro civil de origem veneziana e Émilie Aubert, francesa da região de Beace, vive parte de sua infância com estabilidade financeira, contudo, com a morte de seu pai em 1847, a família passa por dificuldades, tendo que recorrer a empréstimos para se manter. Ainda na infância, em 1848, Zola é internado na escola Bourbon em Notre-Dame com a finalidade de receber educação religiosa, somente retornando para Paris aos dezoito anos devido à morte de sua avó. Mesmo tendo nascido na França, por ser filho de estrangeiro, só consegue sua nacionalidade francesa posteriormente.

Zola tem sua primeira publicação literária, versos escritos em homenagem ao seu pai, em 1859 no jornal *La Provence* e no mesmo ano, e por não obter o *baccalauréat*, diploma do ensino médio, abandona os estudos.

Em março de 1862, começa a trabalhar na livraria e também editora *Hachette* como auxiliar administrativo no setor de remessas, em seguida passando para auxiliar de publicidade e, posteriormente, fixando-se no cargo de assessor de imprensa, o que faz com que o escritor consiga conhecer diferentes áreas do processo editorial. No ano seguinte, inicia na imprensa como escritor ao publicar dois contos em *Revue du Mois* e colabora como contista, cronista e crítico no *Journal populaire de Lille*, sendo promovido a chefe de publicidade em 1864.

Durante seu trabalho na livraria, aos poucos Zola tem acesso a diferentes jornais e revistas, conhecendo e estabelecendo vínculos com outros escritores atuantes em sua época. Nesse mesmo período aproxima-se da literatura de Stendhal e Flaubert como leitor, apresentando sua simpatia pela literatura de estética realista. Ainda em 1864 publica seu primeiro livro *Contos para Ninon* pela editora *Albert Lacroix*, onde já demonstra questões da estética

naturalista, e tem a publicação de seu primeiro romance, *A confissão de Claude*, no ano seguinte.

A expansão do jornalismo por meio da imprensa a vapor traz uma maior divulgação de informações, e a literatura em prosa, mais especificamente o gênero literário romance, começa a ocupar mais espaço na sociedade, absorvendo e propagando diferentes movimentos estéticos. Isso ocorre devido à união do jornalismo impresso com uma produção literária visada para a comercialização. Escritores começam a publicar seus romances em folhetins, iniciando assim, pelo público leitor dos jornais, um comércio da literatura. Isto posto, surge uma dependência por parte da escrita literária de produção e publicação em massa, o que faz com que cada vez mais escritores tenham que se dedicar exclusivamente à sua escrita como fonte de renda, dependendo dela para sobreviver.

Em 1866, Zola deixa seu trabalho na livraria *Hachette* para viver somente de sua escrita, produzindo textos para diferentes jornais e revistas, entre os quais está uma análise sobre Hippolyte Taine em *La Revue contemporaine*. E, nesse mesmo período, demonstra sua admiração por escritores como Edmond (1822-1896) e Jules (1830-1870) de Goncourt, Gustave Flaubert (1821-1880), Honoré de Balzac (1799-1850).

Grande parte da literatura que circula na Europa durante o século XIX foi produzida pensada nos leitores de sua época: uma burguesia ascendente composta por pessoas com estudo e que transitam nos meios sociais cultos. Nesse contexto social o movimento conhecido por *L'art pour l'art*, que propunha defender uma produção artística com função unicamente estética, desvinculando-a de questões políticas e sociais, passa por sua primeira crise.

No século XIX, a atribuição do valor literário por parte da crítica considerava muito a moral e a propagação dos bons costumes, porque se acreditava que a literatura podia influenciar o comportamento dos leitores. Por esse motivo, era incentivada a circulação de romances que iam ao encontro de

ideias mais conservadores que pregassem os preceitos religiosos e aos valores da burguesia.

Logo, havia, de certa forma, uma distância entre a vivência empírica dos sujeitos e o valor estético da obra de arte. No campo literário, o público não se identificava mais com os romances produzidos no Romantismo e suas temáticas que valorizavam a alta sociedade, pois eram carregados pelo valor estético, faltando assim uma relação mais próxima à realidade. Assim, escritores voltam-se mais para produção de *Romance Histórico*, em que se busca mais aproximação entre realidade vivida e a obra literária.

Os romances, de modo geral, trazem consigo resquícios de seu contexto histórico de criação, seja nas temáticas narrativas, na composição estética, no ambiente ficcional de desenvolvimento ou até na construção de suas personagens. No entanto, a popularização do *Romance Histórico* tal como entendido por Lukács (2011) ocorre devido as intensas transformações históricas ocasionadas pelas revoluções que, ao serem transpostas para a literatura, faz com que a população passe a se identificar com as personagens e a história dos romances produzidos.

De acordo com Lukács (2011), a construção do *Romance Histórico* não é apenas a transferência de uma cópia do passado para a escrita literária de forma aleatória, mas sim o recorte por parte do escritor da realidade a ser perpetuada, capturando algo no tempo que faça sentido no presente. O tempo é intrínseco ao romance que, por sua vez, não consegue escapar de seu período histórico:

E o romance não se propõe a reproduzir de forma verossímil um simples recorte da vida, mas quer antes - com sua caracterização de uma parte limitada da realidade, apesar de toda a riqueza do mundo figurado - despertar no leitor a impressão da totalidade do processo social de desenvolvimento. (LUKÁCS, 2011, p.146)

À vista disso, o *Romance Histórico* parte da proposta de unir narrativa ficcional a acontecimentos históricos, criando personagens e cenários em coerência com o contexto social de sua época, utilizando-se de uma descrição unilateral e niveladora. O contexto histórico não é a temática central do

romance, mas aparece internalizado no desenvolver da narrativa e nas ações e interações das personagens, o que proporciona ao leitor conhecer um passado através de diferentes perspectivas literárias que aborde os costumes, temáticas e cotidiano de determinada época.

Já conforme Carpeaux (2012), o princípio da literatura de cunho mais realista é marcado pelo escritor Honoré de Balzac que caracteriza essa transição entre a literatura romântica e o Realismo/Naturalismo, modificando todo um entendimento de composição de romances. Para o teórico, Balzac influencia muito no, que hoje conhecemos por, romance, e a história do gênero literário pode ser dividida em antes e depois do escritor:

Com ele, até o termo mudou de sentido. Antes de Balzac, “romance” fora a relação de uma história extraordinária, “romanesca”, fora do comum. Depois, será o espelho do nosso mundo, dos nossos países, das nossas cidades e ruas, das nossas casas, dos dramas que se passam em nossos apartamentos e quartos. (CARPEAUX, 2012, p.25)

A inauguração do movimento estético literário Realismo ocorre, para Carpeaux (2012), com a publicação do romance *Madame Bovary* (1857) pelo escritor Gustave Flaubert, uma narrativa sobre o adultério feminino que apresenta uma representação mais objetiva da realidade, porém, ainda contendo alguns resquícios do romantismo. Em geral, a literatura de cunho realista se propunha a retratar os costumes da burguesia como crítica à sociedade de sua época, distanciando sua escrita principalmente do idealismo romântico.

Logo, ressalta-se que os movimentos estéticos coexistem em paralelo uns aos outros e não são sistemas fechados, ou seja, o Realismo e o Naturalismo são vertentes que principiam de alguns mesmos ideais como o radicalismo sociológico ou até mesmo a função documental da literatura, e se encontram no mesmo contexto histórico e social do Romantismo.

Como visto, os romances escritos por Émile Zola são inspirados em tendências literárias de escritores como os irmãos Goncourt, Flaubert, Balzac, citados anteriormente, mas também Alphonse Daudet (1840-1897) e Henri-

Marie Beyle (1783-1842), conhecido como Stendhal, que substituía no ato de narrar o lado positivo da sociedade pela descrição de acontecimentos do cotidiano da nova composição social consolidada através de conturbadas de transformações sociais:

O novo estilo brota da necessidade de configurar de modo adequado as novas formas que se apresentam na vida social. A relação entre o indivíduo e a classe tornara-se mais complexa do que nos Séculos XVII e XVIII. O ambiente, o aspecto exterior, os hábitos do indivíduo, podiam ser sumariamente indicados e, no entanto, a despeito dessa simplicidade, podiam constituir uma clara e completa caracterização social. A individualização era alcançada quase que exclusivamente pela própria ação, pelo modo segundo o qual os personagens reagiam ativamente aos acontecimentos. (LUKÁCS, 1968, p.51)

Mesmo possuindo perspectivas diferentes da sociedade, as ideologias desses escritores continuam sendo frutos da época em que viveram, período esse de intenso confronto entre a função estética e a função utilitária da literatura, em que o debate sobre os limites da imaginação na construção de narrativas literárias se tornam cada vez mais presentes. De acordo com Émile Zola, a característica de imaginação presente nos romances idealistas e, antes, um elogio aos autores, transforma-se em algo mais próximo de uma crítica à sua escrita:

Insisto nesse declínio da imaginação porque vejo nisso a própria característica do romance moderno. Enquanto o romance foi uma recriação do espírito, um divertimento ao qual não se pedia senão graça e verve, comprehende-se que a grande qualidade era antes de tudo mostrar nele uma invenção abundante. Mesmo quando o romance histórico e o romance ilustrando uma tese apareceram, ainda era a imaginação que reinava onipotente, para evocar os tempos idos ou para chocar como os argumentos das personagens construídas segundo as necessidades da justificação. (ZOLA, 1995, p.11)

A imaginação passa a ser substituída pelo *senso do real*, conceito que defende a importância em representar através da escrita a natureza tal como ela é. Para Zola: “Um grande romancista é, hoje em dia, aquele que possui o senso do real e que exprime com originalidade a natureza, fazendo-a viva por sua própria vida.” (ZOLA, 1995, p.15). Logo, existe uma autonomia na natureza que o escritor não interfere, apenas expõe os acontecimentos.

Esse debate sobre produções artísticas serem fiéis à realidade ocorre desde Aristóteles (384 a.C. -322 a.C.) e seu conceito de verossimilhança (1996, p.39) que acontece quando há um convencimento por parte do leitor dos fatos expostos na narrativa. Entretanto, ser verossímil não significa ser verdadeiro, mas apenas que há coerência na narrativa, pois, por mais realista que uma obra de arte pareça, ela sempre será uma idealização da realidade.

Com base nisso, não que em romances do movimento estético literário naturalista não houvesse *invenção*, mas ela parte da análise de situações e comportamentos humanos com o objetivo de representar a realidade, uma vez que Émile Zola constrói a ficção ao mesmo tempo que considera discursivamente o naturalismo como uma estética da verdade:

Com o romance naturalista, o romance de observação e de análise, as condições mudam imediatamente. O romancista inventa ainda mais; inventa um plano, um drama; apenas, é uma ponta de drama, a primeira história surgida, e que a vida cotidiana sempre lhe fornece. Em seguida, na estruturação da obra, isso tem bem pouca importância. Os fatos só estão lá como desenvolvimentos lógicos das personagens. O grande negócio é colocar em pé criaturas vivas, representando diante dos leitores a comédia humana com a maior naturalidade possível. Todos os esforços do escritor tendem a ocultar o imaginário sob o real. (ZOLA, 1995, p.11)

Deste modo, mesmo sabendo da impossibilidade de se produzir uma cópia fiel da realidade, o real torna-se referência exterior que, por sua vez, é transposto à escrita por meio da estética da narrativa.

Os escritores naturalistas por serem adeptos à ideia de verossimilhança e pautados em uma visão pessimista da sociedade refletem no *Naturalismo* uma forte tendência à exposição da vulnerabilidade e vícios humanos. Esse realismo pessimista que aborda os diversos problemas dos diferentes grupos sociais faz com que a imaginação acabe por ter a mínima importância e as narrativas ganhem uma característica documental.

Esse novo conceito de Zola de produzir narrativas que se aproximasse mais à realidade, expondo problemas sociais pouco abordados na literatura, diferencia-se das produções feitas até então por ser fortemente embasado por um viés mais científico que propunha a analisar manifestações intelectuais e

passionais do indivíduo por meio da família ou de grupos sociais, o que faz com que escritores naturalistas busquem apoio nas ciências sem rejeitar a ficção. De acordo com o escritor:

Portanto, para me resumir, o romancista e o crítico partem hoje do mesmo ponto, o meio exato e o documento humano apreendido na natureza, e empregam, em seguida, o mesmo método para chegar ao conhecimento e à explicação, de um lado, da obra escrita de um homem e, do outro, dos atos de uma personagem, a obra escrita e os atos considerados como os produtos da máquina humana submetida a determinadas influências. Daí, é evidente que um romancista naturalista é um excelente crítico. Basta-lhe introduzir no estudo de um escritor qualquer o instrumento de observação e análise do qual se serviu para estudar as personagens que ele apreendeu na natureza. É um erro crer que o diminuem como romancista quando dizem frivolamente dele: "É apenas um crítico". (ZOLA, 1995, p.17)

Os estudos científicos difundidos pela Europa do século XIX apresentam um discurso determinista, proposto inicialmente pelo historiador francês Hippolyte Taine, que explica o comportamento e ações do indivíduo através de fatores pré-estabelecidos, isto é, recusa-se o livre-arbítrio do homem e pré-determinava suas atitudes de acordo o meio social em que está inserido e a linhagem genealógica que possui. Conforme Caroni (1995), acredita-se que há:

(...) um enfoque negativo da condição humana centrada na sua dimensão natural e sem o conforto de nenhum suporte espiritual: coisa no universo das coisas o homem está condicionado pelo meio ambiente e pelo estigma hereditário que se renovam sem parar no ciclo vida-morte. Como a pedra e a planta, o ser humano tem o seu destino inscrito no cosmos universal, e não escrito numa bíblia qualquer. A metafísica cede seu lugar à física, mesmo se o mistério persiste... (CARONI, 1995, p.7)

Os romancistas de literatura naturalista, influenciados pelas ciências experimentais, não se contentam em somente observar a sociedade e passam a usar a escrita literária como instrumento de documentação social, propondo-se a construir descrições narrativas mais metódicas que se aproximem da realidade e trazem consigo uma longa reflexão moral sobre a natureza humana.

Émile Zola, que discorre mais detalhadamente sobre a construção do romance naturalista em seu texto teórico *O Romance Experimental*, publicado em 1880, manifesta essa preocupação em construir narrativas mais próximas à

realidade e apoiadas nas ciências, mas, ao mesmo tempo, ciente da condição de estética literária e de sua impossibilidade de ser uma cópia do real. De acordo com o escritor, o objetivo desse *método experimental* iguala-se ao de uma pesquisa científica, que “(...) consiste em encontrar as relações que prendem um fenômeno qualquer à sua causa próxima, ou em outras palavras, em determinar as condições necessárias à manifestação deste fenômeno” (ZOLA, 1982. p. 27), não se preocupando com o *porquê*, mas explicando o *como*.

O *Método experimental* quando aplicado na literatura torna o romancista em *observador* e *experimentador*. Sua função como observador é de expor os fatos, colocando os personagens em determinado ambiente, para que após, como o experimentador, inicie a experiência por meio da exposição do desenvolvimento das personagens em suas narrativas individuais:

(...) os romancistas naturalistas observam e experimentam, e que todo seu trabalho nasce da dúvida em que se colocam diante das verdades mal concebidas, dos fenômenos inexplicados, até que uma idéia experimental desperte bruscamente um dia seu gênio e os impele a instruir uma experiência, para analisar os fatos e dominá-los. (ZOLA, 1982. p. 36)

Entre os pilares da construção do romance naturalista de Zola destaca-se o *Positivismo*, visto na preocupação pela organização racional da ordem social e o progresso da humanidade ambos por meio da crítica social. Outra teoria base do movimento é à dos três fatores determinista, citada anteriormente, a qual defende que a ação humana não é livre, mas sim está condicionada a fatores pré-estabelecidos como raça, meio e momento histórico e tem por finalidade explicar os fenômenos artísticos e literários. Para o escritor, os fenômenos humanos são respaldados por um determinismo social absoluto, pois:

O homem não está só, ele vive numa sociedade, num meio social; assim, para nós romancistas, este meio social modifica constantemente os fenômenos. Aliás, nosso grande estudo reside nisso, no trabalho recíproco da sociedade sobre o indivíduo e do indivíduo sobre a sociedade. (ZOLA, 1982. p. 43)

Zola acredita que, se na medicina e na filosofia experimental o objetivo é conhecer a vida e modificá-la, o escritor naturalista aplica o *método experimental* ao estudo natural e social do homem, buscando ser mestre dos fenômenos e elementos intelectuais e pessoais dos sujeitos para poder conduzi-los.

Por conseguinte, a teoria científica determinista auxilia os romancistas naturalistas na análise das personagens em sua ação individual e social, cabendo a elas, por sua vez, a função de comprovar por meio de suas ações os fenômenos pré-estabelecidos pelo determinismo:

Eis onde se encontram a utilidade prática e a elevada moral de nossas obras naturalistas, que fazem experiências com o homem, que desmintam e tornam a montar peça por peça a máquina humana, para fazê-la funcionar sob a influência dos meios. Quando os tempos tiverem caminhado, quando possuirmos as leis, bastará agir sobre os indivíduos e sobre os meios, se quisermos chegar ao melhor estado social. É assim que fazemos sociologia prática e que nosso trabalho auxilia as ciências políticas e econômicas. Não conheço, repito-o, trabalho mais nobre nem de aplicação mais vasta. Ser mestre do bem e do mal, regular a vida, regular a sociedade, resolver com o tempo todos os problemas do socialismo, e, sobretudo, trazer bases sólidas para a justiça, resolvendo pela experiência as questões de criminalidade, não é ser os operários mais úteis e mais morais do trabalho humana? (ZOLA, 1982. p. 49)

Por esse motivo, nos romances de Zola, não temos grandes heróis, sujeitos excêntricos ou que, de alguma maneira, fujam do que seria verossímil para sua época. São personagens comuns com características humanas, que não somente se constituem, mas principalmente se transformam em relação ao ambiente onde estão inseridos.

Destaca-se que as características e ações dessas personagens também são construídas amparadas em teorias científicas e desenvolvidas dentro de um processo contínuo que, por vezes, perpassa mais de um romance como na saga literária *Rougon-Macquart*. De acordo com Carpeaux (2012):

Mas os indivíduos de Zola não são abstrações personificadas; são, ao contrário, “casos” atípicos, exemplificações de conceitos abstratos. Não são maníacos, obsidiados por determinada paixão. Até pode acontecer que não tenham nenhum caráter definido. Pois o mundo de Zola já não é estático. Encontra-se em movimento, em evolução, conforme as leis da biologia, do darwinismo, da hereditariedade. A mera observação dos fatos sociais já não basta para dominá-los.

Precisa-se, para tanto, de uma teoria científica. É o determinismo de Claude Bernard: fornece as razões do comportamento dos indivíduos. (CARPEAUX, 2012, p.277)

Para Zola, diferente de escritores idealistas que admitem influências desconhecidas e não constroem uma análise da sociedade, os escritores naturalistas submetem cada fato à observação e à experiência, apoiando-se nas ciências e baseando-se em terreno sólido. Os romancistas experimentadores aceitam os fatos determinados, voltando-se para o racional e não se aventurando em sentimentos pessoais, pois seu objetivo é o de documentar a sociedade através da ficção:

(...) aquele que aceita os fatos provados, que mostra, no homem e na sociedade, o mecanismo dos fenômenos que a ciência domina, e que faz o seu sentimento pessoal intervir apenas nos fenômenos cujo determinismo ainda não está de forma alguma fixado, procurando controlar o mais que puder este sentimento pessoal, esta idéia *a priori*, pela observação e pela experiência. (ZOLA, 1982. p. 75)

Sendo assim, Zola vê o romance naturalista mais do que uma simples narrativa literária, mas também como uma ferramenta de experiência onde prevalece a aplicação do método experimental ao estudo da natureza do homem e de suas ações na sociedade, e em que todo fenômeno determinado destrói uma hipótese e a substitui.

Com a finalidade de concretizar sua perspectiva de ideal literário, Émile Zola publica, em 1867, o romance *Thérèse Raquin*, precursor do movimento estético literário Naturalismo. Seu enredo é desenvolvido em torno de um casal e as consequências de um adultério feminino dentro de uma sociedade conservadora. Porém, o romance diferencia-se de outros com mesma temática por apresentar uma ruptura literária em sua estética ao trazer personagens e ações animalizadas, embasadas no determinismo social e hereditário que justifica o lado patológico dos indivíduos. Assim, mesmo com seus destinos impostos pelo meio social onde estão inseridos, as personagens agem conforme suas naturezas. Logo no prefácio do romance é exposto com clareza os objetivos da construção da narrativa, que também serve de defesa ao romance:

Em *Thérèse Raquin*, eu quis estudar temperamentos e não caracteres. Aí está o livro todo. Escolhi personagens soberanamente dominados pelos nervos e pelo sangue, desprovidos de livre arbítrio, arrastados em cada ato de sua vida pelas fatalidades da própria carne. Thérèse e Laurent são animais humanos, nada mais. Procurei acompanhar nesses animais o trabalho surdo das paixões, as violências do instinto, os desequilíbrios cerebrais ocorridos na seqüência de uma crise nervosa. (...). Começa-se, espero, a compreender que o meu objetivo foi um objetivo científico antes de tudo. Quando as minhas duas personagens, Thérèse e Laurent, foram criadas, eu tive o prazer de levantar e resolver determinados problemas: (...). Que se leia o romance com cuidado e ver-se-á que cada capítulo constitui o estado de um caso curioso de filosofia. Numa palavra, não tive senão um desejo: considerando um homem vigoroso e uma mulher insaciada, procurar neles o animal, e mesmo ver unicamente o animal, lançá-los num drama violento, e observar escrupulosamente as sensações e os atos desses seres. Eu simplesmente fiz com dois seres vivos o trabalho que os cirurgiões fazem com cadáveres. (ZOLA, 2010, p.10).

O romance foi execrado por grande parte da crítica literária de sua época devido à predominância de princípios mais conservadores em grande parte da sociedade que vivia da propagação das aparências. Em contraponto, o alvoroço resulta na difusão dos ideais e conceitos literários naturalistas e na produção de outros trabalhos de Zola que aperfeiçoam a estética.

Se o romance idealista apoia-se em uma tradição mais clássica, em que não se expunha as mazelas da sociedade para que pudesse tornar-se entretenimento de simpatizantes do governo monárquico, o romance naturalista busca romper essa tradição e surge de uma proposta antagônica, tanto em suas temáticas quanto em sua estética, vendendo-se como uma literatura mais democrática que, mesmo não contendo a característica de produção literária destinada ao comércio, conquista ao público leitor, sendo uma literatura consumida por diferentes grupos sociais sem que tivesse que renunciar à sua forma. Segundo Michel Winock (2006):

(...) Zola não agrada a todo mundo, mas sua própria fome de sucesso, de prestígio e de dinheiro dota-o de uma inesgotável energia. Sua carreira não está terminada, mas, nesse ano de 1885 – justamente o ano em que morre Victor Hugo -, Zola, o “depravado”, o “pornográfico”, o “ímpio”, oferece aos olhos dos franceses um incomparável espelho multifacetado de sua sociedade, sem complacência, mas sem desalento. Moralista e sociólogo, à sua maneira, sem pregações, Zola é também uma testemunha insubstituível. (WINOCK, 2006. p. 736)

Portanto, mesmo fortemente marcado por um pessimismo social em que sua utilidade vem da forma e da proposta de denunciar a realidade ao expor cruentamente as mazelas da sociedade, há críticos que acreditam que a fé depositada nas ciências presente no naturalismo na verdade mascara um otimismo. Segundo Caroni (1995), essa busca nas ciências para solução dos problemas sociais apresenta uma idealização utópica semelhante à do Romantismo:

Além do que, como um espírito autêntico de seu tempo, Émile Zola vai introduzir, nessa visão naturalista, a esperança moderna por excelência do milagre científico. Pois na verdade a ciência torna-se, para ele como para sua época, um alibi espiritual. Com ingenuidade, acredita-se então no poder sobre-humano de um progresso científico apto a regenerar e apurar a espécie humana. E é isto mesmo que seus livros dizem. Cada romance descreve a mecânica humana em funcionamento — donde, às vezes, o aspecto francamente demonstrativo ou obsceno —, mas para detectar o órgão doentio a fim de saná-lo ou extirpá-lo. Novo sopro otimista estremece dessa forma o conjunto de uma obra, toda ela voltada para o futuro mirífico onde se implantará sobre a Terra uma sociedade perfeita para a raça regenerada. Médico e sociólogo implícito, Zola aparece como um místico materialista trabalhando por uma ciência e um socialismo forjadores da miragem paradisíaca. Que esta crença impregne seus escritos já não há dúvida alguma para os seus leitores não-ocasionais, bem como para a crítica especializada, que tem enfatizado o arranjo por assim dizer messiânico da arquitetura global de uma produção artística em que o ciclo dos Rougon-Macquart figura uma espécie de Antigo Testamento precedendo o conjunto final dos Evangelhos. (CARONI, 1995, p.7)

O estudo científico presente em seus romances também é fortemente marcado pelo conceito de *hereditariedade*, situação que ocorre quando uma condição genética é herdada por um indivíduo de seu antepassado. Contudo, ao ser transposto à literatura naturalista, acredita-se na possibilidade de também herdar características psicológicas como a índole, as taras e até os vícios. Assim, para Zola: “(...) a questão da hereditariedade tem uma grande influência nas manifestações intelectuais e passionais do homem.” (ZOLA, 1982. p. 42).

A hereditariedade é trabalhada em seus romances tanto em casos isolados, como ao longo da saga literária intitulada *Os Rougon-Macquart: História Natural e Social de uma Família sob o Segundo Império* (1871 – 1893), cuja composição da obra completa, segundo Carpeaux (2012), é inspirada na

vasta obra de Honoré de Balzac, *A Comédia Humana*, principalmente por sua divisão estrutural das narrativas em núcleos temáticos. Similar a Balzac, “(...) o ciclo de Zola constitui um panorama em movimento, um imenso romance histórico que não podia ser só um romance porque compreendendo a sociedade inteira, e sim um ciclo de romances históricos (...)” (CARPEUX, 2012, p.280), porém, suas personagens reaparecem em diferentes romances com a finalidade de continuar uma ação. De acordo com Winock (2006), as diferenças entre as duas grandes obras também estão nos grupos e perspectivas retratadas nos romances:

Um grande projeto, de fato, esse afresco, cujo princípio ele explicou ao diretor de *La Cloche*, deveria rivalizar com a obra de Balzac e ir mais longe, até, visto que Balzac quase não falou do povo das cidades, os operários. E mais: Zola não pretende limitar-se a uma história “social”, quer escrever também uma história “natural”, ou seja, uma história de naturalista, uma história científica. Fazer romance experimental, como Claude Bernard fez ciências experimentais. (WINOCK, 2006. p. 720)

O conjunto de obras, iniciado em 1871 com a publicação d'*A Fortuna dos Rougon*, romance que tem por temática a corrupção na província, é composto de vinte volumes que juntos apresentam um panorama social da ascensão até a decadência de uma família francesa.

A coletânea possui diversificados núcleos e temáticas narrativas, cujas personagens transitam entre as obras, sendo comum herdarem condições físicas e psicológicas de seus pais. Essa característica torna possível que o leitor acompanhe o crescimento e a vida de algumas personagens, e suas relações sociais estabelecidas ao longo da saga. De acordo com Lukács, seus romances têm como centralidade as diferentes temáticas:

A descrição rebaixa os homens ao nível das coisas inanimadas. Perde-se nela o fundamento da composição épica: o escritor que segue o método descritivo compõe à base do movimento das coisas. Já vimos como Zola representa o modo pelo qual um escritor deve tratar o tema. O verdadeiro centro dos seus romances é um complexo de coisas: o dinheiro, a mina, etc. Tal método de composição tem como efeito o tornar os diversos e determinados aspectos objetivos do complexo de coisas em partes individualizadas dentro do romance. (LUKÁCS, 1968, p.69)

Após a publicação do segundo romance da saga, *O Regabofe* (1871), ambos publicados com o apoio do editor Albert Lacroix, o projeto *Rougon-Macquart* é comprado pelo editor Georges Charpentier, e Émile Zola logo inicia o terceiro romance do ciclo, *O Ventre de Paris* (1873), produzindo em seguida em torno de dois romances por ano que contém a seguinte sequência: *A Conquista de Plassans* (1874); *O Crime do Padre Mouret* (1875); *O Senhor Ministro* (1876); *A Taberna* (1876); *Uma Página de Amor* (1878); *Naná* (1879); *A Roupa Suja* (1882); *O Paraíso das Damas* (1883); *A Alegria de Viver* (1884); *Germinal* (1885); *A Obra* (1886); *A Terra* (1887); *O Sonho* (1888); *A Besta Humana* (1890); *O Dinheiro* (1891); *A Derrocada* (1892); e, por último, *O Doutor Pascal* (1893).

A diversidade de ambientes retratados em seu panorama de romances faz com que Zola consiga transitar por diferentes espaços da sociedade. Todavia, semelhante ao ocorrido com o romance *Thérèse Raquin*, muitas de suas narrativas sofreram severas críticas por terem como temáticas questões consideradas estigmas sociais tais como: o alcoolismo (*A Taverna*); a hipocrisia da burguesia (*Roupa Suja*); a precariedade de trabalho (*Germinal*); a prostituição (*Naná*); dentre outras que descrevem contextos sociais poucos explorados na literatura:

Na França, a obra de Zola repercutiu principalmente pela forte impressão das cenas eróticas sobre as massas dos leitores; Zola parecia um revolucionário escandaloso; e os protestos dos republicanos de 1877 só pretendiam defender *l'honneur des classes ouvrières* contra o caluniador dos costumes populares. E fora da França, em ambientes literários mais atrasados, Zola foi fatalmente interpretado como radical, assim como Taine. (CARPEAUX, 2012. p. 257)

Em razão disso, durante muito tempo Émile Zola foi rotulado de imoral, sendo que para o escritor não há imoralidade em expor a verdade, ao contrário, quanto mais fiel à realidade mais próxima à moralidade a narrativa está. Hoje, Zola, mesmo sendo considerado um escritor de seu tempo, possui uma literatura atemporal devido às temáticas abordadas em seus romances.

No entanto, os romances de Zola, mesmo repletos de criticidade social e apoiados em engajamento político, não se restringem apenas em tragédias,

algumas de suas narrativas contêm a felicidade e a superação de personagens independe do meio em que se encontram, contrariando também a teoria determinista como, por exemplo, os romances *Doutor Pascal* (1893) e *O Paraíso das Damas* (1883), sendo esse último objeto de análise do presente trabalho.

A história de Émile Zola também é marcada por seu posicionamento ideológico em sua vida pessoal. Em um manifesto político, o escritor escreve sua polêmica carta aberta denominada *J'accuse*, destinada ao então presidente da França, Félix Faure, e publicada na primeira página do jornal *L'Aurore* em 13 de janeiro de 1898, em que defende abertamente a inocência do capitão Alfred Dreyfus, condenado pelo governo francês à deportação perpétua por supostamente fornecer informações à Alemanha. Essa atitude fez com que Zola se exilasse na Inglaterra após julgado e condenado a um ano de prisão, regressando à França somente após onze meses, quando houve o reconhecimento de que estava certo.

Por fim, Émile Zola falece em 29 de setembro de 1902 devido a uma asfixia por inalação de fumaça ocasionada por uma falha na aeração de sua lareira. Entretanto, ressalta-se que o escritor recebia constante ameaças, o que fez com que a sua morte, mesmo sendo tratada como um acidente, fosse cercada de desconfiança e especulações.

3.1 Bem-Vindos a' *O Paraíso das Damas*

No romance *O Paraíso das Damas*, publicado em 1883, Émile Zola reconstrói parte da cidade de Paris do século XIX através representação das transformações urbanísticas que ocorrem devido à ascensão e à expansão de grandes magazines e que transformam principalmente na maneira que se organiza o comércio local.

Para Ligia Chiappini Leite (2002): “Quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou. Por isso, NARRAÇÃO e FICÇÃO praticamente nascem juntas.” (LEITE, 2002, p.7). Logo, pensando em um trabalho mais eficaz e que houvesse um estreitamento entre a narrativa ficcional e a realidade, a escrita de Zola parte de um testemunho real, pois ele defende que antes da criação literária deve haver uma pesquisa de campo, para que o escritor fosse introduzido ao ambiente que pretendesse retratar, observando e anotando as características do grupo social e suas atividades cotidianas:

E, uma vez completados os documentos, seu romance, como já o disse, se estabelecerá por si mesmo. O romancista terá apenas que distribuir logicamente os fatos. De tudo o que tiver apreendido resultará a ponta do drama, a história que ele necessita para montar o arcabouço de seus capítulos. O interesse já não se encontra na estranheza dessa história; ao contrário, quanto mais banal e geral ela for, mais típica se tornará. Fazer mover personagens reais num meio real, dar ao leitor um fragmento da vida humana, aí se encontra todo o romance naturalista. (ZOLA, 1995, p.11)

Realizar um estudo prévio da realidade que se propõe retratar proporciona aos romances a característica de mais veracidade. No entanto, ressalta-se que mesmo inserido no ambiente, por não o pertencer, Zola possui ainda uma visão externa do meio social, semelhante a um espectador.

Conforme já realizado em outras de suas obras literárias, *A Taverna* (1878), *Naná* (1880) ou *Germinal* (1885), a narrativa *O Paraíso das Damas* é o resultado de uma extensa e minuciosa pesquisa de campo sobre diversos aspectos comerciais, tais como: finanças, realidade dos vendedores e vendas

de mercadorias. Questões pertinentes nas grandes magazines da França como *Bon Marché*, *Louvre* e *Place Clichy*, existentes na época de composição do romance e que transpassam a história até os dias atuais:

No dossiê de preparação do romance, há 71 folhas manuscritas dedicadas à elaboração dos personagens, além das 307 folhas só sobre o tema do livro: as lojas de departamento francesas. Pela abundância de informações e de riqueza de detalhes, o caderno de pesquisa para *Au Bonheur des Dames* é um dos mais representativos do método de trabalho de Zola, consistindo em um valioso material de estudo sobre o comércio parisiense na segunda metade do século XIX. (Rocha, Frid e Corbo, 2006, p.71)

O romance divide-se estruturalmente em quatorze capítulos intercalados principalmente em alterações entre núcleos narrativos como: atividades de consumo x cotidiano de trabalho. Logo, também estão em diálogo com as mudanças dos ambientes como: comércio tradicional x acontecimentos na grande loja.

O desenvolvimento do enredo ocorre de forma linear, porém, contém capítulos que apresentam um mesmo acontecimento focalizado em diferentes personagens, proporcionando assim para o leitor distintas perspectivas sobre a trama.

É sabido que nenhum discurso é realmente neutro, todavia, há uma tentativa de ocultamento da presença do escritor na narrativa naturalista que tenta passar credibilidade ao buscar ser o mais neutro possível, não expondo explicitamente suas opiniões. Para isso, o escritor apoia-se em um narrador em terceira pessoa com características como a objetividade e a impessoalidade.

A neutralidade aparece através do uso de uma narrativa *indireta livre*, segundo modelo de Friedman (2007), como se a história se desenvolvesse sozinha sem a intervenção do narrador. O *narrador onisciente neutro* assume uma posição privilegiada de conhecimento de toda a história, descrevendo cada detalhe do ambiente em que a narrativa se desenvolve. Ainda em concordância com o teórico:

Com relação à caracterização, embora um autor onisciente possa ter predileção pela cena e, consequentemente, permita a seus

personagens falar e agir por eles mesmo, a tendência predominante é descrevê-los e explicá-los ao leitor com sua voz própria. (FRIEDMAN, 2007. p.175)

Em vista disso, o narrador de *O Paraíso das Damas*, assim como em outros romances de Zola, é marcado por sua onisciência e indiferença ao passo que demonstra conhecer a história por diferentes perspectivas, inclusive pensamentos e ações das personagens, porém, não demonstra juízo de valor, pois os fatos narrados já expõem a crítica social por si só.

Essa ausência de interferência narrativa não significa, para Friedman (2007, p.174), que o autor não possui voz ao usar o *narrador onisciente neutro*, ao contrário, sua ideologia está intrínseca à obra desde a escolha para a construção da narrativa, uma vez que até o desenvolvimento e ações de suas personagens traz a visão política e social de Zola.

Destaca-se que a construção estética do narrador naturalista também dialoga com a proposta de narrativas literárias embasadas em teorias científicas, pois, quem narra a história assume a posição de cientista e faz de suas personagens objetos de estudo, como já discorrido sobre, o que dialoga com a característica predominante da onisciência que, segundo Friedman, “é que o autor está sempre pronto a intervir entre o leitor e a estória, e, mesmo quando ele estabelece uma cena, ele a escreverá como a vê, não como a vêem seus personagens.” (FRIEDMAN, 2007, p.175).

Esse narrador em terceira pessoa sustenta a representação da desigualdade socioeconômica com uma explícita distância entre a linguagem das personagens de diferentes grupos sociais em comparado com a linguagem daquele que narra a história, o que contribui principalmente para o desenvolvimento de uma narrativa constantemente dualizada.

Outra característica importante do romance naturalista presente em *O Paraíso das Damas* está na descrição dos ambientes que ocorre de forma detalhista e não arbitrária, pois está sempre em diálogo a algum acontecimento. Essa descrição mais detalhada localiza-se principalmente no início dos capítulos com o objetivo de introduzir o leitor no ambiente antes

mesmo de mostrar as ações das personagens. Visto isso, é comum haver inclusive destaque de objetos que compunham o cenário como decoração, móveis, roupas, tecidos, dentre outros:

Essa suntuosa tenda de paxá era mobiliada com poltronas e divãs feitos com sacos de camelo, alguns recortados de losangos coloridos, outros recobertos de ingênuas rosas. A Turquia, a Arábia, a Pérsia, as Índias, via-se de tudo ali. Era como se tivessem esvaziados os palácios, saqueados as mesquitas e os bazares. O ouro velho dominava no desgaste dos tapetes antigos, cuja cores embaciadas mantinham um calor sombrio, como brasas extinguindo-se numa fogueira apagada, uma bela cor cozida de velho mestre. E visões do Oriente flutuavam sob o luxo dessa arte bárbara, no meio do cheiro forte que as velhas lâs haviam guardado dos países do sol. Ao atravessar esse salão oriental às oito horas da manhã, Denise, que começava justamente nessa segunda-feira, ficou estupefata por não reconhecer a entrada da loja e, plantada na porta, perturbou-se ainda mais ao encontrar esse cenário de harém. (ZOLA, 2008, p.125)

No romance é perceptível três núcleos de ambiente, são eles por ordem de predominância no desenvolvimento narrativo: o espaço público do comércio, onde se desenvolvem as relações tanto de trabalho como de consumo; o ambiente o privado da burguesia, onde ocorrem reuniões de socialização apenas para os amigos mais íntimos pertencentes à mesma classe social; e o terceiro espaço, o semiprivado, pouco explorado na narrativa e que se encontra entre esses dois, composto pelos lares/comércios tradicionais, são famílias que compartilham suas casas com o ambiente de trabalho e comércio.

A narrativa é introduzida com foco na personagem de Denise Baudu, uma jovem de vinte anos que, após a perda de seus pais e o fim das economias, vai a Paris junto com seus irmãos Jean, de dezesseis anos, e Pepé, de cinco anos, a procura de seu tio Baudu. Ao não conseguir emprego nas lojas tradicionais da vizinhança, Denise começa a trabalhar como vendedora na grande loja *Paraíso das Damas* que aparece ainda em processo de expansão.

Desejada e temida, a expansão das lojas de departamentos estimula principalmente a migração de jovens residentes no interior, como representada pela personagem de Denise, que se desvinculam de suas famílias em direção

a centros urbanos na busca de trabalho. Esses indivíduos juntos constituem uma nova classe social localizada entre a burguesia e a classe operária.

Fortemente apoiado na teoria Darwiniana de seleção natural, o romance apresenta um cenário em que a popularização do consumo em massa faz com que pequenos comerciantes locais sejam aos poucos engolidos pelo crescimento de grandes lojas como a fictícia *Paraíso das Damas*, espaço central onde se desenvolve o enredo literário. Portanto, a influência das ciências na literatura naturalista está também presente na personificação do espaço físico da loja de departamentos que para sua descrição é atribuído características animalescas: “O magazine, ainda vazio de clientes, e cujos funcionários iam aos poucos chegando, zunia em seu interior como uma colméia que começava a despertar.” (ZOLA, 2012 p. 32).

Desta forma, a narrativa explora o contraste entre as duas realidades ao expor tanto o ponto de vista de quem se beneficia com a expansão do grande magazine, quanto a perspectiva dos comerciantes tradicionais em decadência, prejudicados por essa mudança na organização social.

Essa dualidade está presente ao longo de toda narrativa desde a primeira página em que mostra o deslumbramento de Denise e seus irmãos pela grandiosidade da loja de departamentos em contraponto ao também conhecimento da triste realidade dos pequenos comércios locais que aos poucos vão à falência, até o final do romance com a devastação de todo comércio tradicional da vizinhança. Assim, se de um lado vemos a necessidade dessa ascensão para a modernidade social e as oportunidades que ela proporciona, do outro, nos compadecemos com o declínio lento de pequenos comerciantes e suas famílias.

As personagens de Zola possuem características verossímeis ao humano, sem heroísmo ou vilania, e não são o centro da narrativa, mas sim suas ações e o ambiente em que estão inseridas, isto é, o escritor não desenvolve sua narrativa em torno da trajetória ou ações de apenas uma

personagem, e sim dos acontecimentos que envolvem diferentes grupos sociais em determinado espaço.

Por essa razão, suas personagens, mesmo não sendo marcantes ao ponto de se tornarem ícones literários, distanciam-se do caricato e possuem por característica a massificação de indivíduos em grupos sociais, são o que Carpeaux considera por *tipos coletivos* (2012, p.283), ou seja, representam uma generalidade social por meio da troca do herói individual pelo herói coletivo. Isto posto, os sujeitos perdem a individualidade quando inseridos no mesmo ambiente e, indiferente do grupo social que se encontre, são reduzidos à expressão de uma amplitude social.

Na obra, essa representação do coletivo está relacionada ao capitalismo, tanto por meio do grupo de trabalhadores da loja que são submetidos ao sistema exaustivo e competitivo de trabalho, como também pela burguesia que, na função de consumidor, também movimenta esse sistema capitalista, temáticas que serão desenvolvidas mais detalhadamente durante os próximos capítulos do presente trabalho.

Os capítulos do romance são intercalados entre dois focos narrativos de personagens antagônicos, Denise Baudu e Octave Mouret. Nessas transições narrativas há também o emprego de um *narrador onisciente seletivo múltiplo* que, de acordo com Friedman, apresentada o desenvolvimento de diferentes personagens a partir de suas perspectivas e ações no decorrer da narrativa:

Neste ponto, o leitor ostensivamente escuta a ninguém; a estória vem diretamente das mentes dos personagens à medida que lá deixa suas marcas, Como resultado, a tendência é quase inteiramente na direção da cena, tanto dentro da mente quanto externamente, no discurso e na ação; e a sumarização narrativa, se aparece de alguma forma, é fornecida de modo discreto pelo autor, por meio da “direção da cena”, ou emerge através dos pensamentos e palavras dos próprios personagens. (FRIEDMAN, 2007, p.177)

À vista disso, se Denise Baudu, a jovem pobre vinda do interior que “(...) sentia um abandono sem fim ao se perceber tão insignificante nessa grande máquina pronta para esmagá-la com tranquila indiferença” (ZOLA, 2012. 197) é a protagonista representante de uma classe trabalhadora, do outro lado

temos Octave Mouret, um jovem viúvo, rico e ambicioso, “o inventor dessa máquina de sangrar mulheres” (ZOLA, 2012. 113) que busca o progresso de seu estabelecimento acima de tudo.

A personagem de Mouret também representa a aplicação da teoria da *hereditariedade* no romance, conceito científico desenvolvido durante toda a saga *Rougon-Macquart*. Por esse motivo, ressalta-se que os romances *A Conquista de Plassans*, publicado em 1874 e *Roupa Suja*, publicado em 1882, por trazerem informações sobre o passado dessa personagem, proporcionam um melhor entendimento sobre suas manifestações sociais e psicológicas na narrativa *O Paraíso das Damas*.

A Conquista de Plassans, planejado inicialmente para ter grandes analogias ao romance *Madame Bovary*, descreve acontecimento de parte da história de um ramo da família *Rougon-Macquart* constituída através da união dos primos François Mouret e Marthe Rougon, pais de Octave, Serge e Désirée. Seu enredo é desenvolvido a partir da chegada e hospedagem de um clérigo, padre Faujas, na fictícia cidade Plassans e a tentativa de integrar-se à sociedade burguesa local, fazendo parte de um jogo de interesse e poder.

Quanto à hereditariedade, destaca-se que o romance supracitado mostra a relação que a linhagem da família de sobrenome *Mouret* possui com comércio, iniciando com o chapeleiro conhecido apenas por Mouret que se casa com Ursule Macquart e após seu filho, François Mouret, que inicia nos negócios ainda como caixeiros dos Rougons e consegue juntar rapidamente sua fortuna:

Contei-lhe que o patrão era o senhor Francisco Mouret, antigo negociante de Marselha, que em quinze anos, ganhara uma fortuna no comércio dos vinhos, dos azeites e das amêndoas. Acrescentei que o patrão tinha preferido vir gastar seus rendimentos aqui em Plassans, cidade sossegada, onde moram os pais da senhora. Achei mesmo meio de lhe dizer que a senhora era sua prima; que o senhor tinha quarenta anos e ela trinta e sete; (...). (ZOLA, 1956a, p. 35)

Nesse romance, Octave Mouret aparece poucas vezes e é caracterizado como um jovem alegre, brincalhão, mas que dá desgostos à sua família por não ser comprometido com os estudos e já demonstrar uma relação

desregrada para com mulheres, personalidade oposta à de seu irmão. Ainda jovem, é enviado para cidade de Marselha para trabalhar no comércio e aprender mais sobre a área:

E saiu [François Mouret]. No dia seguinte sem prevenir ninguém, partiu para Marselha, onde passou oito dias com o seu filho Otávio. Mas regressou preocupado, envelhecido. Otávio poucas consolações lhe dava. Encontrara-o levando uma vida devassa, crivado de dívidas, escondendo as amantes nos armários; aliás, não disse uma palavra acerca daquelas coisas. (ZOLA, 1956a, p.175)

Os acontecimentos do romance *Roupa Suja* ocorrem quase no mesmo período de tempo que a história de *A Conquista de Plassans*, tendo seu início com a chegada de Octave Mouret, aos vinte e dois anos, à cidade de Paris, após viver três anos em Marselha. A narrativa tem como temática central o cotidiano de diferentes núcleos familiares pertencentes à burguesia que dividem o mesmo edifício parisiense, onde predomina a disputa entre classes sociais, a priorização da preservação das aparências e, principalmente, a hipocrisia social.

Sendo uma das personagens principais, Octave Mouret é introduzido no romance logo em seu início e é caracterizado como um jovem ambicioso e oportunista que tem por objetivo principal conquistar a capital por meio das mulheres:

Sempre sonhara uma coisa assim, mulheres pegando-o pela mão e ajudando-o em seus negócios. Mas aquelas voltavam, confundiam-se com uma obstinação cansativa. Não sabia qual escolher, esforçava-se por conservar a sua voz terna, os seus gestos meigos. E, bruscamente, oprimido, exasperado, cedeu a seu fundo de brutalidade, ao desdém feroz que tinha pela mulher, sob seu ar de adoração amorosa. (ZOLA, 1956d, p.24)

Seguindo os passos dos homens da família Mouret, Octave inicia sua trajetória profissional como caixeiro da já existente, porém, ainda tradicional, loja *Paraíso das Damas*, demonstrando constantemente sua inclinação aos negócios que envolvem o comércio e sendo reconhecido socialmente por isso, mesmo após um de seus relacionamentos amorosos, o adultério cometido por Maria, ser exposto e tornar-se um escândalo social:

Tinha paixão pelo comércio, o comércio do luxo da mulher, onde há uma sedução, uma posse lenta por palavras doiradas e olhares aduladores. E narrou, com risos de vitória, como ganhara os cinco mil francos, sem os quais, com sua prudência de judeu, oculta sob seu exterior de boêmio amável, nunca se teria arriscado a vir a Paris. (ZOLA, 1956d, p.16)

A relação de Mouret com as mulheres no meio comercial, bem como sua obsessão sexual convergem à medida que esse romance é permeado pelo mesmo discurso de posse sobre as mulheres que vemos presente em *O Paraíso das Damas*, como se todas ao seu redor existissem apenas para satisfazer suas vontades. Seu constante desejo sexual só parece amenizado quando consegue, por fim, realizar seu sonho de se casar com a viúva Senhora Hédouin e controlar a loja *Paraíso das Damas*, pondo em prática as suas ideias inovadoras sobre o comércio:

Otávio, no **Paraíso das Damas**, reassumira seu encargo, cuja importância aumentava de dia para dia. A Sra. Hédouin, depois da morte do marido, não podia dar conta dos negócios que cresciam constantemente; seu tio, o velho Deleuse, pregado numa cadeira pelos seus reumatismos não cuidava de coisa alguma; e, naturalmente o rapaz, muito ativo, minado pela necessidade de altos comércios, chegara em pouco tempo a adquirir na casa uma importância decisiva. Aliás, irritado ainda de seus amores imbecis com Berta, não sonhava mais em se utilizar das mulheres, receava-as até. O melhor, parecia-lhe, era tornar-se tranquilamente o associado da Sra. Hédouin, depois de começar a dança dos milhões. (ZOLA, 1956d, p.358)

A trajetória dessa personagem nas duas obras referenciadas acima reflete em sua construção no romance *O Paraíso das Damas* e, consequentemente também, em suas ações, onde as condições hereditárias tanto psicológicas quanto físicas são reforçadas:

(...) ele [Octave Mouret] puxara a seu pai, com quem se parecia física e moralmente, um homem que conhecia o valor dos tostões; e, se tinha de sua mãe essa pitada de fantasia nervosa, talvez isso fosse mais valioso de sua sorte, pois graças a ela sentia a força invencível de sua paixão em tudo ousar. (ZOLA, 2008, p. 67)

Nesse terceiro romance, já adulto, há uma continuidade na obsessão em seduzir as mulheres ao seu redor, contudo, mais direcionado ao ato do consumo por meio de mecanismos capitalistas, temática central da obra:

Mouret, ao contrário, afetava êxtases, ficava embevecido e fagueiro diante das mulheres, sendo constantemente arrebatado por novos

amores. E essas paixões passageiras eram como um reclame para suas vendas, como se abraçasse todo o sexo feminino num mesmo afago, para melhor atordoá-lo e mantê-lo à sua mercê. (ZOLA, 2008, p.64)

O empresário ainda possui sua conduta cortês para com as mulheres, tendo também algumas amantes ao longo do romance, porém, por buscar estar sempre em posição de poder, sente a necessidade de não possuir vínculos afetivos, preservando sua imagem de viúvo independente:

Depois da morte da senhora Hédouin, ele jurara não se casar novamente: por dever a uma mulher sua primeira chance, estava desde então resolvido a extraír sua fortuna de todas as outras mulheres. Como Bourdoncle, ele sentia como uma forte superstição que o dono de um grande magazine devia ser solteiro se quisesse manter a realeza masculina sobre os desejos desvairados de seu séquito de freguesas: uma mulher ao seu lado transformaria o ar, expulsaria as outras ao trazer seu cheiro. (ZOLA, 2008, p.460)

A personagem de Octave Mouret é marcada nesses dois últimos romances em que mais aparece pelo expressivo discurso de posse sobre as mulheres, seja para satisfazer suas necessidades sexuais ou financeiras. Portanto, mesmo que tente transparecer com frequência que Mouret possui uma relação amigável para com as mulheres de seu ciclo social, consumidoras ou não, ele sempre as vê como pessoas fracas e espera que inevitavelmente sucumbam às tentações, seja por meio dos adultérios cometidos em *Roupa Suja*, mesmo que estejam vulneráveis, ou seja durante as compras, suscetíveis a diferentes estímulos em *O Paraíso das Damas*.

Desta forma, constrói-se uma velada relação de dependência por parte de Mouret com as mulheres, pois, mesmo sendo vistas por ele como inferiores que devem ser sujeitadas às suas vontades e utilizadas a seu benefício, o empresário depende desse “oposto” para manter sua posição social de controle e poder.

Vale ressaltar que, as teorias sobre determinismo social e a hereditariedade também são abordadas em outros momentos nos romances de Zola e também em personagens externos família *Rougon-Macquart* como, por exemplo, através da construção de Colomban, uma vez que no início do romance é descrito como:

"(...) um rapaz honesto que dava duro na loja havia dez anos e que ganhara sua posição com o suor de seu trabalho! Aliás, ele não era qualquer um; tinha como pai brejeiro de Colombar um veterinário conhecido em toda a região de Seine-et-Oise, um artista em sua profissão, mas que se deixava levar pelo estômago.

- Graças a Deus – disse o comerciante para concluir – se o pai bebe e corre atrás de um rabo de saia, o filho soube aprender aqui o preço do dinheiro." (ZOLA, 2008, p.43)

No entanto, mais próximo ao final do romance, é exposto que ele não "foge" às leis das ciências, sendo corrompido pelo meio:

E ele [Colombar] caiu, caiu na desgraça, Ah! O infeliz, que estava tão bem integrado do verdadeiro comércio, que tinha todas as minhas idéias! Por uma bruaca, um desses manequins que desfilam nas vitrines das casas de má reputação! Não, isso confunde a razão! (...). Devia estar no sangue, o pai morreu no ano passado de tanto correr atrás de mulheres de boa vida. (ZOLA, 2008, p.420)

Conforme discorrido sobre, as teorias científicas aplicadas em *O Paraíso das Damas* servem tanto de explicação para os acontecimentos da narrativa e desenvolvimento das personagens, como também de conexão de um romance ao outro da saga, em que as narrativas, mesmo contendo diferentes temáticas, compõe juntas obra maior.

3.1.1 A urbanização e as relações de trabalho

Nessa seção discorreremos sobre o processo de urbanização e as características do sistema de trabalho na França durante o século XIX, para que possamos compreender a influência desse contexto histórico na obra literária *O Paraíso das Damas*.

Como vimos, as revoluções causam transformações ideológicas na sociedade e auxiliam consideravelmente no desenvolvimento urbano da capital francesa, resultando em profundas mudanças sociais principalmente na relação entre produção, trabalho e consumo. A Paris do século XIX estabelece-se como centro urbano próspero e lugar de uma burguesia em ascensão que vivia do comércio, do acúmulo de capital e da sociedade privada, tendo o controle do poder político e o econômico.

Todo esse cenário de modernização é descrito no romance *O Paraíso das Damas*, em que retrata o surgimento e monopolização comercial de um grandioso e imponente magazine que, conforme cresce, consome os comércios tradicionais ao seu redor:

Outrora, quando o comércio era honesto, os artigos de moda compreendiam os tecidos, não mais do que isso. Hoje, só lhes passa pela cabeça montar nas costas dos vizinhos e engolir tudo o que vêm pela frente... Pois é disso que o bairro reclama, porque as lojas pequenas começam a sofrer terrivelmente. Esse Mouret as arruina... (ZOLA, 2008, p.55)

Nesse romance, o escritor Émile Zola constrói uma narrativa repleta de dualidade apoiada no contraste entre as duas realidades distintas que se confrontam: o comércio tradicional e o “novo” comércio. Desta forma, por dedicar-se ao estudo de grupos sociais, a narrativa apresenta ambos pontos de vista, tanto daqueles que se beneficiam com a expansão da loja, a burguesia e a nova classe de trabalhadores; quanto os prejudicados por essa mudança, pequenos comerciantes tradicionais.

A dualidade é vista logo no início do romance com a chegada a Paris da personagem Denise Baudu que cumpre uma função de guiar o leitor nesse cenário de desigualdade, que é ampliado quando as duas perspectivas são representadas lado a lado:

A loja [Velho Elbeuf] conservava seu odor rançoso, à meia-luz na qual todo o antigo comércio, simples e honesto, parecia chorar de abandono. Porém, o que a [Denise] apaixonava era, do outro lado da rua, o Paraíso das Damas, cujas vitrines conseguia avistar através da porta aberta. (ZOLA, 2008, p.45)

O desenvolvimento industrial e a modernização do comércio prejudicam os pequenos estabelecimentos tradicionais, arruinando aos poucos esses comerciantes que não conseguem se adaptar as transformações e acabam por serem oprimidos por um predomínio econômico. Essa transformação nas relações comerciais influencia no aumento de uma desigualdade social já existente para parte da população, levando muitos à miséria, uma vez que os trabalhadores desses comércios tradicionais passam a viver em condições cada vez mais precárias.

A transposição do comércio tradicional para a produção e comercialização em grande escala aparece no romance conforme os pequenos comerciantes são engolidos pelo grande magazine. Assim, adepto da teoria darwiniana, como já mencionado, a escrita de Zola é fortemente marcada por uma animalização, ou seja, são atribuídas características e ações animalescas a personagens. Para Lukács, a constância no elemento animalesco presente nas obras do escritor traz uma crítica ao sistema capitalista:

Sabemos que a insistência zoliana no quase refere ao elemento animalesco constitui um protesto contra a bestialidade do capitalismo, cujas leis ele não chega a compreender. Na sua obra, contudo, êste protesto irracional leva a uma fixação do elemento inumano, à atribuição de um caráter permanente ao animalesco. (LUKÁCS, 1968, p.76)

Logo, através da perspectiva dos comerciantes tradicionais que sucumbem aos poucos é comum e justificável que questões relacionadas a essa modernização comercial, tal como a própria loja *Paraíso das Damas*, sejam caracterizadas com elementos animalescos referentes à destruição:

Então Baudu gritou mais forte, acusando aquela feira livre ali da frente, aqueles selvagens, que se massacravam entre si em sua luta pela vida, de destruir a instituição familiar. (...). Apesar da segurança que afetava, quando anunciou esse golpe final, fora cheio de um terror profundo, pois percebia muito bem o bairro invadido, devorado pouco a pouco. (ZOLA, 2008, p.54)

O resultado disso é a já mencionada personificação do espaço físico, em que a grande loja fictícia se transforma também em um personagem do romance principalmente ao ser comparada a um monstro:

A senhora Baudu, que acabara de almoçar, encontrava-se ali parada, toda pálida, com seus olhos brancos fixados no monstro; e, embora resignada, não podia vê-lo, dar com ele assim do outro lado da rua, sem que um desespero mudo lhe inchasse as pálpebras. (ZOLA, 2008, p.46)

Antes do surgimento de grandes estabelecimentos comerciais era mais comum que os indivíduos exercessem funções em trabalhos hereditários, ou seja, o comércio tradicional tem como base a característica de ambiente familiar, sendo passados de pai para filho ou genro através do casamento de suas filhas que, de certa forma, tornam-se parte dos bens materiais do pai e deveriam ser passadas adiante. Inseridos dentro desse sistema e conformados em suas rotinas diárias, as famílias de comerciantes não possuem tempo ou impulso para refletir sobre a modernização do meio social que fazem parte, apenas ecoam tradições que lhe são impostas, como representado no romance através da família de Baudu:

Era um hábito patriarcal da casa. O fundador, Aristide Finet, dera sua filha Desirée a Hauchecorne, seu primeiro balonista; Baudu, desembarcado na rua de la Michodière com sete francos no bolso, desposara a filha de Hauchecorne, Elisabeth. Agora ele pretendia, por sua vez, ceder a filha, Geneviève, e o comércio a Colomban assim que os negócios retomassem o rumo. Se estava retardando assim um casamento decidido havia três anos, era por um escrúpulo, uma teimosia de probidade: ele recebera o comércio próspero, não queria passá-lo às mãos de um genro com clientela inferior e operações duvidosas. (ZOLA, 2008, p.43)

O apego à tradição em oposição ao deslumbramento da modernidade reflete nos diálogos e ações dos comerciantes mais antigos que recusam qualquer mudança, até mesmo as ofertas de compra de seus estabelecimentos, não desistindo de suas lojas mais por orgulho, mesmo que já não obtivessem lucros, como é visto na personagem do senhor Baudu, tio de Denise:

- Tudo isso são fantasmagorias. Comércio é comércio, não tem nada para se apresentar aí... Ah! Concordo que eles tenham sucesso, mas isso é tudo. Durante muito tempo, acreditei que eles acabariam por ser arruinados; sim, esperava por isso, com paciência, lembra-te? Pois bem, não! Parece que hoje são os larápios que fazem fortuna, enquanto as pessoas honestas morrem na miséria... Este é o ponto em que chegamos, sou obrigado a me inclinar diante dos fatos. E me inclino, meu Deus!, me inclino... (ZOLA, 2008, p.258)

Outra personagem fortemente marcada pela oposição ao progresso comercial é o Velho Bourras que, mesmo sendo constantemente prejudicado desde o início da narrativa pelo crescimento da loja *Paraíso das Damas*, resiste duramente em ceder o espaço de seu pequeno comércio para a expansão da loja, resultando em sua miséria:

A pequena casa de Bourras, comprimida entre o Paraíso das Damas e a mansão Duvillard, agarrada ali como um ninho de andorinha no vão de um muro, parecia a ponto de ser esmagada com um murro no dia em que a loja invadisse a mansão. E esse dia tinha chegado, o colosso se desviava do fraco obstáculo, cingindo-o com sua abundância de mercadorias, e ameaçava engoli-lo, absorvê-lo pela força única de sua inspiração gigante. Bourras sentia muito bem o aperto que fazia estalar sua lojinha; via-se diminuir, e temia ser ele mesmo sugado para dentro do monstro, passar para o outro lado com seus guarda-chuvas e suas bengalas, tanto a terrível mecânica roncava nessa hora. (ZOLA, 2008, p.246)

A decadência econômica dos pequenos comerciantes é constante e lenta, concomitantemente à expansão da loja *Paraíso das Damas* que inaugurava novas seções de produtos diversificados desde perfumista, florista até sapataria. Todos comerciantes ao redor do grande magazine padeciam e Denise assistia a tudo, com a impotência de quem necessita dessa máquina para sobreviver:

Meu Deus! Apenas torturas! Famílias que choram, velhos largados nas calçadas, todos os dramas pungentes da ruína! E ela não podia salvar ninguém, tinha consciência de que aquilo era bom, que esse estrume de misérias era necessário à saúde da Paris de amanhã. (ZOLA, 2008, p.432)

Em contraponto, todo esse progresso industrial e de expansão do comércio representa uma modernização na sociedade. Segundo a historiadora Jeanne Gaillard:

Que existe uma aliança entre a Paris moderna e a loja de departamento, não há a menor dúvida para Zola; que a estética da loja de departamentos caminha justamente com uma admiração

precoce pelo urbanismo do Segundo Império, não se faz dúvida ao leitor. (GAILLARD, 2008, p.21)

Essa urbanização crescente beneficia um pequeno grupo composto pelos proprietários de grandes estabelecimentos que possuem a maior parte do poder econômico da cidade e acumulam capital. No romance, vemos o crescimento financeiro de Octave Mouret, um empreendedor que acredita estar fazendo o certo para o desenvolvimento social e urbano:

Mas nós temos a mente aberta, e se ele não pode ocupar a sobrinha em sua loja, ora, nós lhe mostraremos que a sobrinha só precisou bater à nossa porta para ser acolhida.... Repita-lhe que ainda gosto muito dele, que não deve me culpar pelas mudanças: são as novas condições do comércio. Diga-lhe ainda que ele acabará afundando se continuar a teimar com um monte de velharias ridículas. (ZOLA, 2008, p.89)

Como já mencionado, nesse contexto social é quase impossível que pessoas pertencentes às classes mais pobres ascendessem socialmente, pois, para isso, são necessárias a posse de bens ou o mínimo de instrução, o que lhes são negados. Esse determinismo social é resultado de um individualismo entre classes sociais mais elevadas, que se beneficiam desse sistema por necessitar de mão de obra barata para manterem suas posições econômicas perante a sociedade:

A introdução de um sistema individualista puramente utilitário de comportamento social, a selvagem anarquia da sociedade burguesa, teoricamente justificada por seu lema "cada um por si e Deus por todos", parecia aos homens criados nas sociedades tradicionais pouco melhor do que a maldade desenfreada. (HOBSBAWM, 1977a, p.222)

A modernização do comércio conquista também as personagens jovens, que se encantam com a novidade e grandiosidade da loja *Paraíso das Damas*, assim como visto na protagonista Denise Baudu, e tem no comércio uma oportunidade de melhora de vida, refletindo assim um posicionamento ideológico que favorece: "a evolução lógica do comércio, as necessidades dos tempos modernos, a grandiosidade dessas novas criações, enfim, o bem-estar crescente do público." (ZOLA, 2008, p. 258)

A atração pela conversão do tradicional ao moderno também é simbolizado através da relação entre as personagens Colombe e Geneviève.

O jovem sucessor do senhor Baudu na administração do estabelecimento *Velho Elbeuf* abandona seu compromisso com noiva e, consequentemente, sua posição dentro do comércio tradicional ao apaixonar-se por Clara, uma vendedora da loja *Paraíso das Damas*:

O golpe que abatia Geneviève fora o desaparecimento repentino de Colombar. Primeiro, seduzido por Clara, ele dormira fora de casa uma vez; depois, cedendo à loucura de desejo dos rapazes dissimulados e castos, tornou-se o cachorro obediente dessa garota e não voltara para casa na segunda-feira – simplesmente escrevera ao patrônio uma carta de adeus, feita com frases cuidadosas de um suicida. Talvez, no fundo desse ataque de paixão, houvesse também o plano esperto de um rapaz feliz em renunciar a um casamento desastroso; a loja dos Baudus ia tão mal como sua prometida, a hora era boa para romper por uma tolice. E todo mundo falava dele como uma vítima fatal do amor. (ZOLA, 2008, p.417)

A obra materializa em Geneviève a comodidade do tradicional que enfraquece e em Clara, a novidade do moderno que seduz, duas ideologias fortemente presentes que perpassam durante todo o romance. Assim, a morte lenta de Geneviève devido à tristeza do abandono significa o triunfo do comércio moderno sobre o comércio tradicional:

O pequeno comércio do bairro queria dar aos Baudus um testemunho de simpatia; e nessa solicitude havia também uma espécie de manifestação contra o Paraíso da Damas, que acusavam da longa agonia de Geneviève. Todas as vítimas do monstro estavam ali, (...). Enquanto esperava o carro fúnebre, atrasado por algum problema, essa gente vestida de negro andava de um lado para o outro na lama, erguia olhares de ódio em direção ao Paraíso, cuja as vitrines claras, os mostruários radiantes de alegria, pareciam-lhes um insulto diante do Velho Elbeuf, ainda mais soturno em seu luto. Algumas cabeças de vendedores curiosos apareciam atrás das vidraças; mas o colosso mantinha sua indiferença de máquina lançada a todo vapor, inconsciente dos mortos que pudesse ter feito pelo caminho. (ZOLA, 2008, p.424)

A desigualdade social não é perpassada somente pelas classes mais abastadas, mas também está enraizada no discurso e ações de alguns próprios trabalhadores, não revolucionários, convencidos de um reducionismo social. Destaca-se que a consciência de classe só surgiu entre 1815 a 1848, tendo o próprio termo “classe trabalhadora”, com seu significado mais específico, seu uso frequente depois de 1830.

Ainda durante o início da Revolução Industrial não são todos que estão empregados em grandes lojas ou fábricas mecanizadas e mesmo esses trabalhadores de grandes comércios, que tem uma mudança significativa de vida, também são submetidos a diferentes tipos de explorações trabalhistas por parte de seus patrões:

Materialmente, é provável que o novo proletariado fabril tivesse condições algo melhores. Por outro lado, não era livre, encontrava-se sob o rígido controle e a disciplina ainda mais rígida imposta pelo patrão ou por seus supervisores, contra quem realmente não tinha quaisquer recursos legais e só alguns rudimentos de proteção pública. Eles tinham que trabalhar por horas ou turnos, aceitar os castigos e multas com as quais os patrões impunham suas ordens ou aumentavam seus lucros. Em áreas isoladas ou nas indústrias, tinham que fazer compras na loja do patrão, frequentemente recebendo seus pagamentos em *mercadorias miúdas* (permitindo, assim, que os empregadores inescrupulosos aumentassem ainda mais os seus lucros), ou eram obrigados a morar em casas fornecidas pelo patrão. (HOBSBAWM, 1977a, p.229)

Isto posto, por uma visão mais ampla, a classe de trabalhadores, mesmo que pertencentes a diferentes níveis econômicos, são explorados como mão de obra barata e de fácil substituição, renegados como sujeitos de direito e excluídos das tradicionais instituições e meios sociais.

Além do comércio tradicional, ainda existe outra grande parcela da população que se encontra em condição de extrema pobreza e, por necessitar dedicar a maior parte de seu tempo ao trabalho para sobreviver, apenas vive em um sistema precário, não pensando sobre ele, o que torna essa falta de consciência de classe por parte dos trabalhadores um benefício ao lucro da burguesia empresarial que cresce cada vez mais.

Vale ressaltar que, mesmo que não seja uma temática presente na narrativa *O Paraíso da Damas*, nessa mesma época ocorre a organização de movimentos sociais por parte dos operários, fruto de ideologias marcantes já mencionadas, as quais buscam melhorias na realidade dos trabalhadores braçais. Em o *Manifesto Comunista* de 1848, Friedrich Engels e Karl Marx discorrem sobre o papel da burguesia no controle da desigualdade da sociedade capitalista e o forte antagonismo entre as classes sociais:

Na mesma medida em que se desenvolve a burguesia — isto é, o capital — desenvolve-se também o proletariado, a classe dos trabalhadores modernos, que só sobrevivem à medida que encontram trabalho, e só encontram trabalho à medida que seu próprio trabalho multiplica o capital. Esses trabalhadores, que precisam se vender a varejo, são uma mercadoria como qualquer outro artigo vendido no comércio, sujeita, portanto, a todas as vicissitudes da concorrência e a todas as oscilações do mercado. (ENGELS e MARX, 2011, p.35)

Ou seja, tanto no contexto histórico como na ficção há um antagonismo de dependência em que a burguesia depende do trabalhador para aumentar seu capital, ao mesmo tempo que o trabalhador resiste à opressão econômica pois depende desse pouco para sobreviver, sendo ambos necessários para composição da sociedade capitalista.

Dentro desse contexto histórico e social, os trabalhadores urbanos não compõem apenas um grupo de pessoas pobres contra a burguesia, mas sim passam a sentir-se pertencentes a um grupo, a “classe dos operários”, que reivindicam mais direitos trabalhistas, por meio de movimentos e atividades organizadas:

Os "pobres" não mais se defrontavam com os "ricos". Uma classe específica, a classe operária, trabalhadores ou proletariado, enfrentava a dos patrões ou capitalistas. A Revolução Francesa deu confiança a esta nova classe; a revolução industrial provocou nela uma necessidade de mobilização permanente. (HOBSBAWM, 1977a, p.230)

Émile Zola, em seu outro romance, *Germinal* (1885), retrata um pouco desse contexto histórico de lutas sociais geradas por um determinismo econômico advindo do capitalismo crescente. A narrativa que expõe o cotidiano de exploração e miséria sofrido por trabalhadores de várias minas de carvão na cidade de Montsouy, interior da França, os quais se unem para organização de uma greve, motivados pela revolta contra os patrões. A temática abordada nessa obra registra na literatura o início desses grupos organizados e cooperativos que começam a pensar e a priorizar o coletivo em contraponto ao individualismo presente na burguesia. Segundo Winock (2006):

O assunto é de uma dramática atualidade: em 1878, uma greve é deflagrada em Anzin; outra eclode em 1884. O movimento operário despertou, na França, com a chegada dos republicanos ao poder, a volta dos *communards* e o Congresso Operário de Marselha, em 1879, que deu origem a um Partido Operário. (...) Socialismo,

comunismo e anarquismo, nihilismo tornam-se as assombrações do fim do século XIX. (WINOCK, 2006. p. 733)

Entretanto, *Germinal* não é um romance sobre revolução, mas tem por objetivo utilizar da estética naturalista para criticar a realidade de opressão e desigualdade que vive determinado grupo de trabalhadores apagado socialmente. Segundo Santos (2017):

(...) a metáfora animal relacionada ao coletivo exclui a individualidade e expõe a impossibilidade dos trabalhadores de possuírem o livre arbítrio, uma vez que fadados a permanecerem nesse ciclo, os mineradores, assim como os insetos, não são capazes de evoluir, mudar de vida. Por outro lado, há esperança já que agora os trabalhadores conhecem a força do movimento coletivo e suas limitações. (SANTOS, 2017, p.46)

Os movimentos trabalhistas não estão restritos apenas aos trabalhadores assalariados de fábricas e indústrias, mas envolve todo trabalhador pobre e urbano. Os artesãos independentes e empregados domésticos, trabalhadores que vivem do mesmo trabalho de antes da Revolução Industrial, porém, sob mais pressão, também adquirem consciência política e estão ativos na militância. Tanto que os primeiros sindicatos trabalhistas são formados por pequenos comerciantes e ganham adeptos por suas características de solidariedade, lealdade e cooperação. Pela Europa:

Os primeiros sindicatos eram quase invariavelmente de impressores, chapeleiros, alfaiates etc. O núcleo da liderança do cartismo em uma cidade como Leeds - e este fato é típico - era constituído de um marceneiro que se transformara em tecelão manual, um par de artífices impressores, um vendedor de livros e um cardador de lã. Os homens que adotaram as doutrinas cooperativas de Owen eram em sua maioria estes "artesãos", "mecânicos" e trabalhadores manuais. Os primeiros comunistas alemães da classe trabalhadora foram artesãos ambulantes, alfaiates, marceneiros e impressores. Os homens que se rebelaram contra a burguesia parisiense em 1848 foram os habitantes da velha comunidade artesã Faubourg Saint-Antoine, e não (como na Comuna de 1871) os habitantes proletários de Belleville. Na mesma medida em que o avanço da indústria destruía estas mesmas fortalezas da consciência de "classe trabalhadora", fatalmente minava a força destes primeiros movimentos trabalhistas. (HOBSBAWM, 1977a, p.235)

Esses movimentos trabalhistas, fortemente marcados pela organização de autodefesa, protestos e tentativas de revoluções, são mais que um instrumento de luta, tornam-se um modo de viver voltado à comunidade que proporciona aos seus integrantes um propósito de vida e coerência coletiva, em

que o mais importante do que a própria vitória é a união de pessoas que até então não se sentiam pertencentes à sociedade. De acordo com Engels e Marx (2011):

A verdadeira consequência de suas lutas não é a vitória imediata, mas a unificação cada vez mais abrangente dos trabalhadores. Estimula-a o crescimento dos meios de comunicação, que, criados pela grande indústria, põem os trabalhadores das mais diversas partes em contato uns com os outros. Basta, porém, esse contato para centralizar numa luta nacional, numa luta de classes, as muitas lutas locais, todas elas de caráter idêntico. Mas toda luta de classes é uma luta política. (ENGELS e MARX, 2011, p.38)

O que une esses indivíduos que se encontram em situação precária de sobrevivência não é o simples fato de serem pobres, mas sim o trabalho que vivenciam juntos, ajudando e apoiando uns aos outros nas mesmas atividades, em que o coletivo deve ser priorizado. A realidade do cotidiano de trabalho torna-os um exército:

A solidariedade inquebrantável era sua única arma, pois somente, assim eles poderiam demonstrar seu modesto, mas decisivo ser coletivo "Não ser furador de greve" (ou palavras de efeito semelhante) era - e continuou sendo - o primeiro mandamento de seu código moral; aquele que deixasse de ser solidário tornava-se o Judas de sua comunidade. Uma vez que adquiriram uma fagulha mínima de consciência política, suas demonstrações deixaram de ser meras erupções ocasionais de uma "turba" exasperada, que se extinguiam rapidamente, e se converteram no rebulir de um exército. (HOBSBAWM, 1977a, p.233)

Retornando ao romance *O Paraíso das Damas*, a nova classe social que vemos na obra, constituída por funcionários do comércio e estabelecida entre a burguesia e a classe operária, não deixa de ser uma corrente do novo proletariado que surge a partir da tradição jacobina, enquanto os empresários, tal como representado por Octave Mouret, advêm de uma herança mais próxima à girondina.

O surgimento dessa nova classe de trabalhadores e seu não pertencimento a grupos sociais já existentes é discorrido no romance por meio dos vendedores da loja *Paraíso das Damas*, os quais não se identificam mais com a classe operária, mas também não possuem poder aquisitivo suficiente para pertencer à burguesia:

Quase todas as vendedoras, em sua convivência cotidiana com a clientela rica, adquiriam os modos da sociedade; e assim acabava-se criando uma classe indefinida, flutuando entre a operária e a burguesa. Sob sua arte de se vestir, sob suas maneiras cuidadas e frases aprendidas, freqüentemente havia apenas uma falsa instrução, a leitura de jornalecos, as tiradas de teatro de vaudeville, as bobagens comuns das ruas de Paris. (ZOLA, 2008. p.198)

A ascensão dos magazines estimula também a migração de jovens residentes no interior, que se desvinculam de suas famílias em direção a centros urbanos em busca de trabalho. Muitos não possuem dinheiro ou pertences, apenas podendo vender sua *força de trabalho* assim como é representado através da personagem de Denise Baudu que chega à cidade de Paris, junto a seus irmãos, em busca de sobrevivência após a morte de seus pais e o fim de suas economias:

Denise vinha a pé da estação Saint-Lazare, onde desembarcara de um trem de Cherbourg com seus dois irmãos, depois de passar uma longa noite na dura banqueta de um vagão de terceira classe. Ela dava as mãos a Pepe, e Jean a seguia, todos os três esgotados pela viagem, intimidados e perdidos no meio da vasta Paris, (...). (ZOLA, 2008, p.31)

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2008) explica que a expansão do capitalismo transforma socialmente o conceito de trabalho e estrutura a relação entre empresa, empregadores e empregados ao atribuir de um valor (salário) a *força de trabalho* do trabalhador. No entanto, essa capacidade de trabalho torna-se uma mercadoria singular por ser inviável ser comercializada separada do trabalhador, pois o “produto”, quando adquirido, não se torna propriedade exclusiva e incondicional do comprador, isto é, quando o empresário compra a força de trabalho não adquire a pessoa inteira:

(...) a “capacidade de trabalho” não pode ser comparada nem vendida em separado de seus portadores. De maneira distinta de outras mercadorias, os compradores não podem levar sua compra para casa. O que compraram não se torna sua propriedade exclusiva e incondicional, e eles não estão livres para *utere et abutere* (usar e abusar) dela à vontade, como estão no caso de outras aquisições (BAUMAN, 2008, p. 15)

A singularidade da força de trabalho encontra-se também em sua composição que é única, uma vez que, ao se tornar mercadoria, o trabalhador é estimulado a entrar em uma “competição”, em que existe uma propensão

pela constante busca pelo aperfeiçoamento e agregação de valores a sua mercadoria com a finalidade de torná-la mais atrativa. Um exemplo seria o currículo, que tem por objetivo a propaganda da pessoa que:

(...) são aliciadas, estimuladas ou forçadas a promover uma mercadoria atraente e desejável. Para tanto, fazem o máximo possível e usam os melhores recursos que têm à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajadas a colocar no mercado promover e vender são **elas mesmas**. (BAUMAN, 2008, p. 9)

Sem existência de um currículo, tal qual como é entendido nos dias atuais, no romance, o estímulo à competição entre os trabalhadores ocorre no cotidiano por meio do maior número de vendas que proporcionam aos funcionários uma porcentagem do valor de todos os produtos vendidos. Octave Mouret:

Passou a estimular seus balonistas a vender toda e qualquer mercadoria concendendo-lhes uma porcentagem sobre o menor pedaço de pano, o menor objeto vendido por eles. Era um mecanismo que revolucionara o comércio de modas, criando entre os vendedores uma luta pela existência da qual os patrões se beneficiavam. (ZOLA, 2008, p.67)

Essa competição entre os vendedores anula quaisquer características individuais, não havendo distinção entre homens e mulheres. Logo, todos inseridos nesse mecanismo de disputa tornam opositores:

Era uma luta surda, à qual elas traziam o mesmo rancor; no cansaço que compartilhavam, sempre em pé, o corpo quebrantado, os sexos desapareciam, restavam apenas os interesses contrários, irritados pelo frenesi do comércio. (ZOLA, 2008, p. 150)

Por consequência, conforme aumenta a possibilidade de crescimento profissional também cresce a disputa e rivalidade no ambiente de trabalho, mesmo que isso ocasionasse a derrubada de algum colega. Ascender profissionalmente não resulta apenas em uma melhoria na condição financeira, mas também em uma mudança no *status social*:

Aliás, todos na seção, desde o contínuo que sonhava em se tornar vendedor, até o primeiro cobiçando a situação de gerente, todos tinham apenas uma idéia fixa: desalojar o colega acima de si para subir um degrau, abatendo-o se ele se tornasse um obstáculo. E essa batalha de ambições, esse choque de uns contra os outros, servia ao bom funcionamento da máquina: era o que inflamava a venda,

acendia a chama do sucesso da loja de que Paris tanto se espantava. (ZOLA, 2008, p.204)

A transformação da força de trabalho em mercadoria tende a ser uma transição desleal porque além da constante busca por parte do trabalhador em ampliar o leque de valores da mercadoria “força de trabalho” há também, do outro lado, uma procura por parte dos compradores por exclusividade, em que se valoriza trabalhadores mais aperfeiçoados e com menos vínculos com o mundo externo ao trabalho:

O empregado ideal seria uma pessoa sem vínculos, compromissos ou ligações emocionais anteriores, e que evite estabelecê-los agora uma pessoa pronta a assumir qualquer tarefa que lhe apareça e preparada para se readjustar e refocalizar de imediato suas próprias inclinações, abraçando novas prioridades e abandonando as adquiridas anteriormente; uma pessoa acostumada a um ambiente em que “acostumar-se” em si – a um emprego, habilidade ou modo de fazer as coisas é algo malvisto e, portanto, imprudente; além de tudo, uma pessoa que deixará a empresa quando não for mais necessária, sem queixa nem processo. Uma pessoa que também considera as perspectivas de longo prazo, as trajetórias de carreira gravadas na pedra e qualquer tipo de estabilidade mais desconcertantes e assustadoras do que a ausência das mesmas. (BAUMAN, 2008, p. 12)

Essa procura por profissionais dedicados exclusivamente ao trabalho é exposta no romance através da rotina dos empregados da loja, cotidiano voltado ao trabalho de caráter produtivo. À vista disso, sob influência do período histórico capitalista da Revolução Industrial e com a expansão da produção e do consumo, os trabalhadores inseridos nesse mecanismo tendiam a ser desumanizados e ter suas individualidades anuladas pelo coletivo. De acordo com Lukács (1968):

O caráter "acabado" do capitalismo não significa naturalmente que tudo esteja em forma definitiva e acabada e que a luta e desenvolvimento tenham cessado, ainda que nos fixemos na vida de um só indivíduo. Tal caráter significa apenas que o sistema capitalista se reproduz sempre como tal e a cada vez em um nível mais elevado de inumanidade "acabada". O sistema se reproduz ininterruptamente, mas este processo de reprodução é, na realidade, uma série de lutas encarniçadas que se realizam também no âmbito da vida de um indivíduo dado, o qual sofre um processo de transformação em acessório desumanizado do sistema capitalista, mas não é acessório de nascença. (LUKÁCS, 1968, p.83)

A maioria dos funcionários da *Paraíso das Damas* passa grande parte de seu tempo vinculado ao ambiente de trabalho, sendo comum muitos

residirem em pequenos e simples dormitórios do estabelecimento, não havendo assim um distanciamento entre as horas de trabalho e às de descanso:

Era um cubículo estreito que se abria para o telhado por uma janela basculante, e simplesmente mobilhado com uma pequena cama, um armário de nogueira, uma mesa de toalete e duas cadeiras. Vinte quartos como aquele se alinhavam ao longo de um corredor de convento pintado de amarelo; e das trintas e cinco vendedoras da casa, as vinte que não tinham família em Paris dormiam ali, enquanto as outras quinze alojavam-se fora, algumas na casa de tias ou primas postícias. (ZOLA, 2008. p. 126)

Residir em seu local de trabalho somado à convivência cotidiana composta por uma grande e exaustiva carga horária em suas funções resulta no apagamento de suas identidades durante o funcionamento da “máquina”. A vida social externa àquele ambiente da loja é limitada e muitos vínculos sociais são estabelecidos ali mesmo, o que auxilia na perda gradual da individualidade dos trabalhadores, tornando-os pequenas partes de um grupo maior:

Contudo, havia pouco espaço para devaneios imprudentes em meio à labuta de sua existência. Na loja, no assolamento das treze horas de trabalho, não se pensava absolutamente em amores entre vendedores e vendedoras. Se a inoxidável batalha do dinheiro não apagara os sexos, para matar o desejo bastaria o afã de cada minuto, que dominava as mentes e quebrava o corpo. Mal se podia citar alguma rara ligação amorosa em meio às hostilidades e camaradagem entre homens e mulheres. Pois eram apenas pequenas peças daquela enorme engrenagem, levados pelo movimento da máquina, abdicando de sua personalidade, adicionando simplesmente suas forças a esse banal e poderoso falanstério. Somente na rua a vida individual era retomada num brusco despertar da fogueira das paixões. (ZOLA, 2008, p.174)

Para Engels e Marx (2011), a perda do caráter de autonomia e individualidade do trabalhador ocorre também devido à modernização do maquinário industrial, que prejudica essa classe ao, inevitavelmente, torná-las apenas uma pequena parte substituível e barata dessa grande máquina:

A indústria moderna transformou a pequena oficina do mestre patriarcal na grande fábrica do capitalista industrial. Massas de trabalhadores, comprimidas nas fábricas, são organizadas de maneira soldadesca. Como soldados rasos da indústria, elas são submetidas à supervisão de toda uma hierarquia de oficiais e suboficiais. Não são apenas servos da classe burguesa, do Estado burguês: são também, todo dia e a todo momento, transformados em servos das máquinas por seu supervisor e, sobretudo, pelos próprios fabricantes burgueses. Esse despotismo é tanto mais mesquinho,

detestável e amargurante quanto mais abertamente ele proclama ter por propósito o lucro. (ENGELS e MARX, 2011, p.36)

Isso reflete na estética da escrita do romance visto que tanto a estrutura física do grande magazine quanto o funcionamento interno são constantemente comparados a uma máquina, onde os trabalhadores se transformam em peças e os consumidores, o combustível:

Havia ali o ronco contínuo de uma máquina em plena atividade, que enfornava as clientes amontoadas nas diversas seções, aturdidas diante das mercadorias, e depois lançava em direção aos caixas. E tudo isso era regrado, organizado com um rigor mecânico, toda uma população de mulheres passando pela força e pela lógica das engrenagens. (ZOLA, 2008, p.46)

Essa desvalorização do trabalhador também é fortemente marcada pela frequência de admissões e demissões na loja, onde também permeia uma visão estrutural dos funcionários como peças substituíveis de um grande maquinário:

Se não havia trabalho, suprimia-se o pão dos operários; e isso passava pela engrenagem indiferente da máquina, as peças inúteis sendo tranqüilamente jogadas de um lado como ruelas pelas quais não se guarda nenhum reconhecimento dos serviços prestados. Azar daqueles que não sabiam criar o seu espaço! (ZOLA, 2008, p.196)

Com os destinos dependentes da boa vontade do patrão e sem que houvesse alguma segurança ou estabilidade, os trabalhadores não possuem outra escolha a não ser aceitar as decisões que lhes são impostas. Portanto, o comum é ocorrer demissões sem justificativas ou apenas vinculadas a períodos do ano conforme o lucro do patrão, o que torna mais rígida a permanência dos funcionários no estabelecimento:

Quando a estação morta do verão chegou, um vento de pânico soprou pelo Paraíso das Damas. Era o desespero dos licenciamentos, das demissões em massa com as quais a direção varria a loja, vazia de clientes durante o calor de julho e agosto. (...). Tratava-se agora de baixar os custos devolvendo às ruas um bom terço dos balonistas, os fracos que se deixaram devorar pelos fortes. (...). Tudo lhe servia de pretexto para desentulhar a casa. Ele [Bourdoncle] inventava infrações, especulava sobre as mais leves negligências: (...) E mesmo os mais valentes tremiam diante do massacre que ele deixava atrás de si. (ZOLA, 2008, p. 195)

Durante o período de demissões em massa, os poucos trabalhadores mais afortunados, na melhor das situações, são afastados em umas “férias” não remuneradas:

Os protegidos obtinham quinze dias de férias não pagas, o que era uma maneira um pouco mais humana de diminuir os gastos. E os vendedores aceitavam a situação precária por força da necessidade e do hábito. (ZOLA, 2008, p. 196)

A condição de trabalho em que vivem os vendedores da fictícia *Paraíso das Damas* pode ser considerada uma “terceirização” de mão de obra que, para Bauman (2008, p.11), outra pessoa além do próprio trabalhador lucra com o produto, em outras palavras, o trabalhador vende-se a alguém que irá vendê-lo. Desta maneira, o empresário Octave Mouret sempre lucrará em cima do trabalho seus funcionários.

Outra resultante dessa transição desigual é que empregadores, visando apenas benefício próprio, tendem a desvalorizar o “produto” a ser comprado, dificultando uma possível ascensão do trabalhador que se adquirir consciência de seu valor tornará mais custoso seu produto.

Essa desvalorização ocorre principalmente por meio do pagamento de salários suficientes apenas para suprirem necessidades do dia a dia e pequenos luxos nas poucas horas de folga, caso o trabalhador ainda não tivesse que sustentar a família:

Conversaram mais um pouco, contando-se o que haviam feito na véspera e o que fariam no domingo seguinte. Favier apostava nas corridas, Hutin passeava de canoa e entretinha cantoras de café-concerto. Mas uma mesma necessidade de dinheiro os fustigava: pensavam apenas em dinheiro, batiam-se por dinheiro de segunda a sábado para poder devorar tudo no domingo. (ZOLA, 2008. p. 134)

A desvalorização do empregado pelo empregador é apresentada no romance através da relação da personagem Octave Mouret com seus vendedores. Neste caso, destaca-se a personagem de Robineau que, após ter dedicado sete anos de trabalho na loja, é demitido e investe toda a economia que possui na construção de uma loja de tecidos, uma tentativa frustrada de vencer a loja *Paraíso das Damas*:

Mas, se de um lado e de outro a honra estava salva, a situação se tornava mortífera para Robineau. O Paraíso das Damas tinha adiantamentos e uma clientela que lhe permitia equilibrar seus lucros; enquanto ele, apoiado apenas por Gaujean, não podendo se compensar com outros artigos, ficou esgotado, deslizando cada dia um pouco mais pela rampa da falência. Ele fora completamente afetado por sua temeridade, apesar da numerosa clientela que as peripécias da luta lhe tinham trazido. Um dos seus tormentos secretos era ver essa clientela deixá-lo aos poucos, retornar ao Paraíso, depois do dinheiro perdido e dos esforços que fizera para conquistá-las. (ZOLA, 2008, p. 242)

Sua falência, seguida da tentativa de suicídio, torna-o mais uma vítima de Octave Mouret e, sobretudo, comprova que mesmo que exista de alguma maneira uma pequena ascensão, dificilmente o comércio tradicional conseguirá superar o poder da imponente *Paraíso das Damas*.

Em contraponto, o romance também apresenta ao longo de sua narrativa a inserção de benefícios para os funcionários. Isso ocorre à medida que a personagem Denise Baudu conquista mais espaço na loja e influência sobre Octave Mouret. Portanto, a criação e expansão de grandes lojas também proporciona para uma parcela dessa sociedade melhora na condição financeira e um pouco mais de humanidade em questões trabalhistas. São benefícios que hoje conhecemos por direitos trabalhistas, tais como plano de carreira, férias remuneradas e até aposentadorias:

(...) o destino dos vendedores melhorou pouco a pouco, substituíram as demissões em massa por um sistema de férias concedidas durante as estações mortas; decidiram criar um caixa de seguro coletivo, que colocaria os empregados ao abrigo dos desempregos forçados, e lhe asseguraria uma aposentadoria. Era o embrião das grandes sociedades operárias do século XX. (ZOLA, 2008, p. 410)

Há um maior investimento em vantagens para os empregados que passam a ter mais oportunidades de aperfeiçoarem-se como profissionais. Logo, a loja *Paraíso das Damas* começa a suprir algumas necessidades e desejos de seus trabalhadores, transformando-se em uma pequena cidade com seu próprio sistema social:

Em seguida, instalaram uma sala de jogos para os vendedores, dois bilhares, mesas de gamão e de xadrez. Passaram a oferecer cursos noturnos na casa, cursos de inglês e de alemão, cursos de gramática, aritmética e geografia; chegaram até a dar lições de equitação e de esgrima. Uma biblioteca foi criada, com dez mil volumes à disposição

dos empregados. E acrescentaram ainda um médico permanente, que dava consultas gratuitas, banhos, bufês e um salão de cabeleireiro. A vida era completa ali, tinha-se de tudo sem precisar sair, o estudo, a mesa, a roupa, a cama. O Paraíso das Damas se bastava, prazeres e necessidades, no meio da grande Paris, dessa constante balbúrdia, dessa cidade do trabalho que crescia tão amplamente no estrume das velhas ruas, abertas enfim à luz do sol. (ZOLA, 2008, p.411)

Ao que se refere à mão de obra feminina, sabemos que as mulheres sempre trabalharam ao longo da história. Contudo, de acordo com Michelle Perrot (1998), a desigualdade entre gêneros em questões trabalhistas se intensifica com o surgimento de trabalhos assalariados. As barreiras impostas e o preconceito contra as trabalhadoras advêm da crença de ser imprescindível que mulheres continuassem restritas aos lares, exercendo os serviços domésticos, por essa razão:

Tanto quanto um menor, as mulheres não podiam receber dinheiro. Tanto na Inglaterra como na França, foram necessárias leis – de 1857 na Grã-Bretanha e de 1970 na França – para que as mulheres casadas pudessem receber diretamente seus salários; (...). (PERROT, 1998, p.99)

O romance aborda essa forte diferença entre gêneros no espaço de trabalho. As vendedoras são submetidas a mais restrições, dificilmente elevam profissionalmente e, como se possuíssem prazo de validade na profissão, seu período de produtividade é menor ao de seus colegas, sendo encerrado no casamento ou com uma gestação:

As demissões bruscas a indignavam, ela [Denise] as considerava desastradas e perversas, nocivas a todos, tanto à casa quanto ao pessoal. Seus sofrimentos do início a machucavam ainda, uma piedade agitava seu coração a cada recém-chegada que encontrava nas seções, os pés quebrantados, os olhos cheios de lágrimas, arrastando sua miséria sob o vestido de seda, no meio da perseguição azeda dos antigos. Essa vida de cachorro batido tornava ruim as melhores; e o triste desfile começava: sangradas pelo ofício antes dos quarenta anos, elas não tinham nenhum futuro, caíam no desconhecido, muitas assoladas pela labuta, tísicas ou anêmicas, mortas de cansaço ou de friagem, algumas caídas na sarjeta, as mais felizes casadas e enterradas no fundo de uma lojinha da província. Podia ser considerada humana, justa, essa terrível consumação de carne que os grandes magazines promoviam a cada ano? (ZOLA, 2008, p.409)

Para todos funcionários é proibido vínculos afetivos dentro do estabelecimento, porém, para as trabalhadoras a regra torna-se mais rígida,

pois ocorria vista grossa aos homens de acordo à sua posição hierárquica no ambiente de trabalho, como no caso do próprio Octave Mouret e suas conhecidas relações amorosas com as vendedoras e clientes. Ou se o funcionário tivesse um vínculo de parentesco com alguém em superior cargo, como quando uma vendedora é demitida sem motivo específico por ter sido beijada por seu colega Albert Lhomme, filho de Aurélie Lhomme. A culpa sempre é direcionada à mulher, sem que haja algum respingo do escândalo sob o homem:

Bruscamente, porém, ela se exaltou, ao saber pela boca de Bourdoncle que este encontrara seu filho, no subsolo, beijando uma das jovens da lingerie, a vendedora a quem passava cartas. Era abominável, e ela acusou a moça de ter feito Albert cair numa emboscada; sim, o golpe fora definitivamente contra ela: quando se convenceram que sua seção era inatacável, quiseram desonrá-la corrompendo uma criança sem experiência. Mas ela apenas esbravejava assim para atarantar as coisas, pois não tinha ilusão nenhuma sobre seu filho, sabendo-o capaz de todas as idiotices. (...). Finalmente o escândalo foi sufocado por consideração à primeira das confecções, que o próprio Mouret tratava com deferência. Bourdoncle, uma semana mais tarde, contentou-se em despedir, sob um pretexto qualquer, a vendedora culpada de ter se deixado beijar. (ZOLA, 2008, p.178)

Em contraponto, destaca-se que mesmo inseridas em um contexto social e profissional marcado por uma forte desigualdade entre gêneros, a ascensão dos grandes magazines também estimula o aumento do número de mulheres atuantes no comércio, proporcionando para algumas trabalhadoras o início da busca por sua independência financeira, assim como representado no romance através da personagem Aurélie Lhomme, a *primeira* das confecções que, mesmo sendo um caso isolado, rompe com o modelo tradicional de mulher do século XIX ao ter uma postura imponente, ser independente financeiramente e estar em um cargo de chefia:

Ela fazia mais de doze mil francos nas confecções, embora seu salário fixo fosse de apenas cinco mil. E sua deferência por uma mulher que trazia tais somas para o lar estendia-se a seu filho, que era parte dela. (ZOLA, 2008, p.77)

Por fim, em constante dualidade, o romance percorre por um caminho de transformações urbanísticas e sociais centralizados na crescente loja *Paraíso das Damas*, mas que atinge a todos ao seu redor, beneficiando a uns,

prejudicando a outros. Essa exposição descritiva de duas divergentes perspectivas sociais sobre um mesmo momento histórico apaga a visão maniqueísta e aproxima a ficção da realidade à medida que o “monstro” que destrói tudo ao seu redor também traz melhores oportunidades e o progresso social.

3.1.2 A sociabilidade parisiense em sua vida privada

O indivíduo do final da Idade Média era limitado às comunidades rurais, pequenas cidades ou bairros. Contudo, o avanço nos meios de transporte, com as já mencionadas ferrovias, auxilia na circulação de pessoas, logo, ocorre uma migração da população das áreas rurais para as urbanas em busca de melhores oportunidades de trabalho, fazendo com que indivíduos passassem a viver uns mais próximos dos outros. Por esse motivo, e também com o objetivo de proteger-se dos olhares dos outros, famílias refugiam-se cada vez mais nos espaços privados de seus lares.

Philippe Ariès (2009), na introdução do livro *Histórias da vida privada III*, apresenta um panorama dessa aproximação do indivíduo social com a vida privada que decorre durante o século XIX. Segundo o historiador (p.11), três acontecimentos externos ligados à grande história político-cultural modificam a ideia de indivíduo e sua vida em sociedade. Dentre eles está a nova função do Estado e de sua justiça que passam a interferir com maior frequência ao longo do século XVIII no espaço social das comunidades.

Até então, a função social do indivíduo era de adquirir, defender ou ampliar seu papel social dentro da comunidade. Mas, entre os séculos XV e XVI, o enriquecimento e a diversidade das ocupações tornam cada vez mais desigual na sociedade, onde as relações por status social passam a consistir em ganhar aprovação, despertar a inveja ou a tolerância, tudo pela preservação da honra e das aparências:

O indivíduo não era como era, e sim como parecia, ou melhor, como conseguia parecer. Tudo visava a esse objetivo: a despesa excessiva, a prodigalidade (pelo menos nos bons momentos, criteriosamente escolhidos), a insolêncio, a ostentação. A defesa da honra chegava ao duelo ou à participação ativa e perigosa num duelo — ou a uma troca pública de palavras e golpes que desencadeavam um ciclo de vingança, estando excluído o recurso às instituições do Estado, como a justiça. (ARIÈS 2009, p.12)

Socialmente, a preservação da honra sempre foi mais imposta às mulheres. Esse constante julgamento social da aparência e do comportamento feminino é predominante durante todo o romance *O Paraíso das Damas*, não somente entre as mulheres da classe burguesa, que possuem uma necessidade de expor à sociedade uma conduta impecável, mas também entre a classe trabalhadora por meio de suas vendedoras, para as quais são impostos padrões sociais e comportamentais a ser seguidos:

Esta era a sua vida agora. Era preciso sorrir, mostrar-se forte e graciosa num vestido de seda que não lhe pertencia; e ela [Denise] agonizava de fadiga, mal alimentada, maltratada, sob ameaça permanente de ser brutalmente despedida. Seu quarto era seu único refúgio, o único lugar onde se abandonava a suas crises de lágrimas quando sofria demais durante o dia. (ZOLA, 2008, p.162)

Para a personagem Denise Baudu, por exemplo, não basta ser honesta, é preciso também provar constantemente sua dignidade, e quando está em contato com personagens masculinos, indiferente de ser seu irmão ou patrão, é alvo de vigia e difamação:

Foi doravante uma verdade assumida: Denise tinha um obreiro por amante e ocultava um filho no bairro. Criaram-na de alusões maldosas. Quando atinou pela primeira vez, ficou totalmente pálida diante da monstruosidade de tais suposições. Era abominável, ela quis se explicar, e balbuciou: - Mas são meus irmãos! (ZOLA, 2008, p.198)

A pressão social e o constante julgamento por parte de seus colegas aumentam conforme Denise conquista mais espaço na loja, e, ameaçados pelo seu destaque profissional, acusam-na de ter diversos relacionamentos amorosos com a finalidade de difamar sua honestidade e conduta, duvidando assim de sua capacidade de crescer profissionalmente com esforço e dedicação:

Entretanto, histórias circulavam, e havia uma corrente de rumores abomináveis sob as lisonjas e o respeito que Denise sentia crescer à sua volta. A loja inteira, a essa altura, contava que Hutin fora outrora seu amante; não ousavam jurar que a ligação continuava, somente suspeitavam de ainda se verem de tempos em tempos. E Deloche também dormia com ela: eles se encontravam o tempo todo em cantos escuros, falavam durante horas. Um verdadeiro escândalo! (ZOLA, 2008, p.385)

Todavia, destaca-se que, ao contrário de outros romances de Émile Zola que mostram a degradação pela promiscuidade, em *O Paraíso das Damas*, Denise Baudu supera os obstáculos, pois, mesmo vulnerável em meio à miséria e ainda responsável por dois irmãos, não se corrompe, resistindo até mesmo a possibilidade de se prostituir, o que resulta em uma trajetória de superação que contesta a própria teoria determinista adotada por Émile Zola.

O olhar julgador da sociedade à conduta feminina não se diferencia muito conforme a classe social. As mulheres pertencentes às classes mais altas possuem um pouco mais de liberdade velada, porém, também têm um padrão social de aparência a ser seguido.

A mulher burguesa via-se obrigada a apresentar uma conduta impecável perante a sociedade, como o exemplo da personagem Henriette Desforges, viúva com a vida sexual ativa, mas que a sociedade faz vista grossa aos seus relacionamentos, transformando-a em um exemplo comportamento feminino:

A senhora Desforges, filha de um conselheiro de Estado, era viúva de um homem da Bolsa que lhe deixara uma fortuna – negada por uns, exagerada por outros. Enquanto ele vivia, diziam, ela se mostrara grata ao barão de Hartmann, cujos conselhos de grande homem de finanças foram de grande proveito para o lar. Mais tarde, após a morte do marido, a ligação teria continuado, mas sempre discretamente, sem imprudências, sem estrondo. A senhora Desforges não se pavoneava, e, na alta burguesia em que nascera, era recebida por toda a parte. Mesmo agora que a paixão do banqueiro, homem cético e fino, se transformara numa simples afeição paternal, quando ela se permitia ter amantes – o que ele tolerava –, dava a seus flertes uma medida e um tato tão delicados, uma ciência do mundo tão habilmente aplicada, que as aparências mantinham-se salvas e ninguém ousava duvidar em voz alta de sua honestidade. (ZOLA, 2008, p. 94)

Por conseguinte, mesmo com atitudes que perante à sociedade são julgadas como erradas, as personagens, indiferente da classe social que pertença, são obrigadas a propagar uma imagem idealizada para as pessoas ao seu redor, sendo que conforme mais alta for a sua posição social e melhor sua condição financeira mais fácil e rápido seu desvio ao padrão social será amenizado ou até mesmo abafado.

Ainda, segundo Ariès (2009, p. 12), a sociedade do século XIX está dividida em três zonas: A zona cortesã, uma mistura arcaica de ação política ou estatal, onde contém festividade, engajamento pessoal, serviço e hierarquia; A zona das classes populares da cidade e do campo com sua mistura tradicional de trabalho e festas com ampla sociabilidade que tem por objetivo ostentar e adquirir prestígio, também sendo um ambiente mutável e renovável que inclui o mundo da venda, da rua, do passeio e da praça ao lado da igreja; E a zona da pequena nobreza e pessoas notáveis que mantém relações agradáveis com uma restrita parte da sociedade denominada por “amigos selecionados” geralmente dentro de seus lares.

Se por um lado, no romance, temos as classes populares representadas pelos trabalhadores do magazine com um círculo social um pouco maior, porém, ainda limitado às pessoas pertencentes a uma mesma classe social, por outro lado, temos também a representação burguesia local, empresários e pessoas de renome que fazem parte de um grupo social mais restrito e realizam encontros para os amigos mais íntimos na residência dos Desforges: “Todos os sábados à tarde, das quatro às seis horas, a senhora Desforges oferecia um chá com bolinhos às pessoas de sua intimidade que quisessem comparecer.” (ZOLA, 2008, p. 93)

O início da vida privada ocorre entre o século XVI ao XVIII e é distinguível algumas categorias que o caracterizam, dentre elas está *literatura de civilidade*, onde ocorre pequenas mudanças comportamentais em relação ao corpo tanto individual, quanto em público. Gestos corporais exagerados comuns em sociedade passam a ser substituídos por movimentos mais amenos e discretos:

(...) as pessoas param de se abraçar, ou seja, de se jogar nos braços umas das outras, de beijar a mão, o pé, de se lançar "de barriga no chão" perante uma dama que querem homenagear. Essas demonstrações veementes e patéticas são substituídas por gestos discretos e furtivos; não se trata mais de parecer nem de se afirmar aos olhos dos outros, porém, ao contrário, de lembrar aos outros apenas o necessário para não se fazer esquecer totalmente, sem se impor por um gesto excessivo. (ARIÈS, 2009, p.14)

Como se surgisse, por conseguinte, um novo pudor na maneira de enxergar e entender o próprio corpo e de interagir com os outros. Há uma preocupação em esconder determinadas partes do corpo, atos ou excreções, e temas como sexualidade tornam-se assuntos mais privados ou até mesmo, sonegados.

Essa transformação do olhar sobre o corpo do indivíduo e de seu comportamento mais decoroso em sociedade por muito tempo esteve mais presente nas classes altas. Todavia, no romance, a ascensão de uma nova classe social composta por trabalhadores de grandes magazines frequentados por clientes, sobretudo, das mais altas classes sociais, força as vendedoras a adquirirem jeitos e costumes em convivência com a burguesia:

A vida íntima das vendedoras ganhara ali ares de limpeza e elegância, uma afetação por sabonetes caros e roupas de cama finas, toda uma ascensão natural em direção à burguesia à medida que a sorte melhorava, embora se ouvissem ainda chulices e portas batendo na zoeira de pensão que as agitava de manhã e de noite. (ZOLA, 2008, p.321)

Para Ariès (2009, p.15), durante esse período também se torna mais aceitável o *gosto pela solidão*, pois, até então, estar sozinho era uma situação malvista socialmente, a partir de então todos passam a buscar companhias e o isolamento torna-se a pior pobreza, sendo aconselhável às pessoas de elevada posição a não ficarem sozinhas, exceto se fosse para rezar.

A tendência da solidão estende-se a estar em poucas companhias, surge assim também o conceito de *amizade*, semelhante ao que entendemos nos dias atuais, em que há uma iniciativa em partilhar momentos e gostos com amigos próximos, selecionados de seu vínculo social.

Destaca-se que mesmo tendo contato diariamente com muitas pessoas, as reuniões intimas, indiferente da classe social, são restritas a pessoas pertencentes ao mesmo grupo. Assim, no romance, os momentos de socialização entre as personagens apresentam-se divididos em dois núcleos: a burguesia e os funcionários.

Essas mudanças que ocorrem com o indivíduo em seu ambiente privado contribuem para a exteriorização de si que passa a ser mais autêntica por meio da expressão dos gostos individuais, em especial na arquitetura e na decoração do interior das casas pertencentes a famílias mais abastadas. Segundo Walter Benjamin (1985), durante o século XIX a estrutura interna das moradias começa a ser planejada de forma com que o espaço privado se desvincule do local de trabalho, mesmo ainda houvesse um espaço destinado a essa atividade, por exemplo, o escritório:

Pela primeira vez, o espaço em que vive o homem privado se contrapõe ao local de trabalho. Organiza-se no interior da moradia. O escritório é seu complemento. O homem privado, realista no escritório, quer que o *intérieur* sustente as suas ilusões. Esta necessidade é tanto mais aguda quanto menos ele cogita estender os seus cálculos comerciais às suas reflexões sociais. Reprime ambas ao confirmar o seu pequeno mundo privado. Disso se originam as fantasmagorias do "interior", da interioridade. Para o homem privado, o interior da residência representa o universo. Nele se reúne o longínquo e o pretérito. O seu *salon* é um camarote no teatro do mundo. (BENJAMIN, 1985, p.37)

Outra segregação presente nos lares pertencentes à burguesia está entre lugares masculinos e os femininos onde, para Michelle Perrot (1998), os homens ganham mais espaços, enquanto os ambientes femininos são elevados: “Nas casas, burguesas, o escritório ou biblioteca, reservados aos homens, estavam muitas vezes no térreo.” (PERROT, 1998, p.79).

Com o objetivo de tornar essas casas mais confortáveis para moradores e visitantes, o imobiliário simples e desmontável é substituído aos poucos por objetos de arte e móvel mais aconchegantes que enfatizam a posição social dos habitantes da residência, bem como as reuniões que passam a ser mais esperadas e planejadas com refeições mais fartas, e seus anfitriões e convidados vestindo trajes mais luxuosos:

E então que se desenvolve uma arte da mesa e dos vinhos, que exige iniciação, cultura, espírito crítico — o que hoje chamamos de gosto. Não só se difunde uma grande culinária de mestres, como a cozinha comum se torna mais exigente, mais requintada — os pratos rústicos e grosseiros se tornam receitas tradicionais, porém caprichadas e até sutis. Poderíamos fazer os mesmos comentários com relação à roupa, especialmente à roupa de ficar em casa. (ARIÈS, 2009, p.17)

Desta forma, ao introduzir seu ciclo social para dentro de suas residências, os proprietários dedicam-se à decoração do interior, demonstrando um maior interesse pelas artes em geral e usando-as para a exibição de seus gostos e personalidades como forma de ostentar e reafirmar de seu status social. De acordo com Benjamin (1985):

O interior não é apenas o universo do homem privado, mas também o seu estojo. Habitar significa deixar rastros. No interior, eles são acentuados. Colchas e cobertores, fronhas e estojos em que os objetos de uso cotidiano imprimam a sua marca são imaginados em grande quantidade. Também os rastros do morador ficam impressos no interior. (BENJAMIN, 1985, p.38)

No romance, o grandioso apartamento dos Desforges, localizado em uma área central, é descrito com detalhes. O luxuoso lugar de socialização do núcleo burguês possui um amplo salão para recepção de seus convidados. Toda a extravagância do ambiente confirma a posição social da moradora Henriette:

O salão, com seu mobiliário estilo Luís XVI, forrado de um brocado a buquês, seus cobres dourados, suas grandes plantas verdes, tinha uma intimidade feminina aconchegante apesar da grande altura do pé-direito; e pelas janelas avistavam-se as castanheiras das Tuileries, das quais o vento de outubro varria as folhas. (ZOLA, 2008, p. 95)

A moradia dos Desforges também exemplifica os outros indícios dessa transformação dos espaços privados que, conforme Ariès (2009, p.18), é o próprio reflexo de todas mudanças sociais na estruturação das casas: A dimensão de alguns cômodos diminui, enquanto aumenta o número de pequenos espaços, onde se concentra as atividades cotidianas, adquirindo mais autonomia entre os ambientes; há também a criação de espaços destinados a interligarem ou privatizarem cômodos individualmente; ocorre também uma especialização dos aposentos mais voltados à funcionalidade do que a intimidade; e surge uma preocupação com a distribuição do calor e da luz e a funcionalidade das lareiras para o maior conforto.

No apartamento de Henriette Desforges há uma divisão que interliga o dormitório a um gabinete, espaço utilizado para se vestir e guardar suas roupas:

Primeiro eles atravessaram o quarto de dormir, silencioso e vazio. Depois, empurrando uma porta, a senhora Desforges passou para o gabinete, onde Mouret entrou atrás dela. Era um cômodo bastante vasto, forrado de seda vermelha, mobiliado com uma penteadeira de mármore e um armário de três corpos, com largos espelhos. Como a janela dava para o pátio, já estava um tanto escuro. (ZOLA, 2008, p. 370)

As transformações na vida privada que afetam a estrutura dos lares também refletem mutuamente no indivíduo em seu grupo social e familiar. Ariès (2009, p.18) divide em três fases de mudanças: na primeira fase, a conquista da intimidade individual, que ocorre entre os séculos XVI e XVII, é marcada por um individualismo dos costumes da vida cotidiana, isto é, aos poucos, a socialização em espaços coletivos é substituída por espaços mais reservados. Como já discorrido e exemplificado no romance, as reuniões de socialização para os amigos mais íntimos são realizadas de maneira mais privativa dentro das residências:

Os espaços sociais que a conquista do Estado e os recuos da sociabilidade comunitária deixaram livres vão ceder lugar ao indivíduo para se instalar no isolamento, na sombra. Os espaços materiais que correspondem a esses espaços sociais são muito diversos, todos pouco funcionais. (ARIÈS, 2009, p.18)

Na segunda fase, ocorre uma organização de *grupos de convivialidade*, um número restrito de pessoas pertencente à burguesia, o qual não inclui a corte e nem as classes populares, reúnem-se formando grupos com interesses em comum:

(...) tais grupos desenvolveram uma verdadeira cultura de pequenas sociedades dedicadas à conversação e também à correspondência e à leitura em voz alta. As memórias e as cartas desse período são ricas de exemplos. (ARIÈS, 2009, p.19).

No caso do núcleo narrativo burguês do romance, os principais interesses em comum que pautam as conversas entre os homens são as questões de negócio, e entre as mulheres, o consumo. Portanto, por se tratar de assuntos relacionados, de forma geral, ao comércio de produtos destinados em sua grande maioria a mulheres, por vezes, os diferentes interesses em comum se interligam.

No exemplo a seguir vemos que em um mesmo encontro social enquanto os diálogos de Octave Mouret são direcionados à expansão de seu negócio, a loja *Paraíso das Damas*, as senhoras conversam basicamente sobre os produtos adquiridos no mesmo estabelecimento, formando assim duas diferentes perspectivas sobre o mesmo assunto:

Elas não o interrompiam mais, apertavam ainda mais o círculo, as bocas entreabertas por um vago sorriso, os rostos aproximados e tensos, como num arrojo de todo o ser em direção ao tentador. Seus olhos empalideciam, um leve estremecimento corria por suas nucas. E Mouret mantinha sua calma de conquistador em meio aos odores atordoantes que subiam de suas cabeleiras. Ele bebia, entre cada frase, um pequeno gole de chá, cujo o perfume amornava os cheiros amargos, nos quais havia um quê de animal selvagem. Diante de uma sedução tão senhora de si, suficientemente forte para mistificar as mulheres sem se perder na embriaguez exalada por elas, (...). (ZOLA, 2008, p. 116)

Como vimos, tais reuniões podem acontecer em aposentos mais íntimos ou isolados e não necessariamente são apenas encontros de leitura e conversa, mas também podem conter entretenimento, tais como jogos, cantos ou músicas. Alguns desses grupos, posteriormente, tornam-se instituições, clubes, salões literários ou recepções das damas no século XIX, com regulamentos, perdendo assim as características de espontaneidade e a informalidade.

A terceira fase de mudança está no próprio conceito de família à medida que a vida cotidiana se aproxima do espaço social, inserindo as manifestações da vida privada. Mesmo que ainda restrito a determinadas classes sociais, o grupo familiar passa de uma *unidade econômica* que aprisiona os indivíduos, para um lugar de refúgio do mundo exterior, estabelecendo assim relações sentimentais entre o casal e os filhos. Também é nesse momento que ocorre uma maior atenção à infância. Ariès (2009) acredita que:

Desenvolvendo novas funções, por um lado ela [família] absorve o indivíduo que recolhe e defende; por outro, separa-se mais nitidamente que antes do espaço público com o qual se comunicava. Estende-se à custa da sociabilidade anônima da rua, da praça. (ARIÈS, 2009, p.20)

Em contraponto, no romance, ainda vemos o conceito de família mais semelhante a uma transição econômica principalmente nas classes sociais

mais tradicionais em que a família possuí um estabelecimento comercial. Por isso, é esperado dos filhos, que quando crescessem, retribuissem parte do dinheiro investido em sua criação. Para os Baudus, por exemplo, resta apenas depositar seu futuro financeiro no casamento de sua filha, Geneviève, com alguém que para eles expandirá seu negócio:

Os Baudus não eram más pessoas. Mas queixavam-se de nunca ter tido boas oportunidades. Na época em que o comércio ia bem, tiveram de criar seis filhos, dos quais três haviam morrido antes dos vintes anos, o quarto seguira mau caminho e o quinto acabara de partir para o México como capitão. Só lhes restava Geneviève. Essa família custara muito caro, e a recente compra de uma grande casa de campo em Rambouillet, região de seu sogro, acabara de depauperá-los. Assim, crescia nele um azedume que o consumia em sua lealdade maníaca de velho comerciante. (ZOLA, 2008, p.40)

Esse sistema familiar possui regras inerentes e implícitas. Se a família possui pouca aquisição monetária, os mais jovens servem de aposentadoria para os mais velhos no futuro, e, se a família pertence à burguesia ou a nobreza, aos filhos é destinado o casamento com alguém de posição econômica ou social equivalente para manter ou aumentar a condição financeira e o status de todos.

Toda a transformação das relações sociais que ocorre ambiente familiar detalhada ao longo desse capítulo mostra como o espaço privado passou a se organizar como um espaço quase fechado e separado do ambiente público, composto pela família e algumas pessoas mais próximas. Todavia, no romance, são poucos os capítulos ou partes em que mostram as vivências da vida privada, sendo a maior parte do enredo desenvolvido dentro da loja *Paraíso das Damas*, ambiente de transações comerciais, onde o consumo e o consumismo predominam.

3.1.3 A utopia do consumo e seus reflexos na sociedade

O romance *O Paraíso das Damas* aborda diferentes questões comerciais que envolvem estratégias de vendas, concorrência entre o antigo e o novo comércio, relações pessoais e profissionais dentro de um sistema capitalista e o consumo por diferentes perspectivas.

Segundo o historiador Niall Ferguson (2016, p.237), em seu capítulo intitulado *Consumo*, o consumo está tão enraizado na sociedade que temos a impressão que sempre existiu, bem como outros aspectos da história da humanidade que mesmo com um caráter impositivo ainda é desejável pela civilização. O resultado é um dos maiores paradoxos da história moderna uma vez que ao mesmo tempo se encontra tantas possibilidades, há também uma homogeneização dos consumidores.

O consumo moderno, que tem por característica o excedente, está relacionado à produção em grande escala. Assim, para compreendermos melhor a mudança simbólica na relação entre produção e venda é importante conhecermos o conceito de *aura* apresentado de Walter Benjamin, em seu artigo *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*, que aborda a mudança da percepção da obra de arte que ocorre com o advento do capitalismo. Para o crítico a *aura* é “uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante por mais perto que ela esteja” (BENJAMIN, 2013, p.3).

Em outras palavras, é uma *essência* que faz com que a obra de arte não seja apenas um objeto, mas sim um conjunto de significados relacionados à cultura, à história e ao contexto que compõe a peça e a torna única. Logo, se antigamente o consumo de obras de arte estavam relacionados a sua criação artesanal, sendo pouco acessível e disseminadas, a necessidade de uma reprodução em massa dos bens de consumo provocou a destruição dessa aura.

Essa mudança conceitual pode ser transposta para o consumo de quaisquer bens materiais. A confecção de roupas, por exemplo, antes produzidas em peças únicas e sob medida para suprir uma determinada necessidade, com a Revolução Industrial são substituídas por produções em grande escala, desvinculando-se de seu propósito inicial, o que resulta na desvalorização do produto devido a sua reproducibilidade e no estímulo ao consumismo:

A Revolução Industrial teria sido sem sentido se tivesse consistido unicamente de um grande aumento na quantidade de tecido, ferro e energia mecânica que podia ser produzida em um ano. Igualmente importante foi o rápido desenvolvimento e a propagação de uma sociedade de consumo que de fato queria mais dessas coisas. Se a inovação tecnológica incentivou o lado da oferta, o lado da demanda da Revolução Industrial foi impulsionado pelo apetite aparentemente insaciável dos seres humanos por ter roupas. (FERGUSON, 2016 p.240)

A seda é um produto comumente reverenciado pelas personagens no romance *O Paraíso das Damas*, ocupando um considerável lugar no cotidiano das diferentes consumidoras e sendo utilizada como estratégia de venda por ser um produto que encanta tanto pela visão quanto pelo toque, uma vez que a forma com que é utilizada para decoração publicitária torna-a uma aliada para o declínio dos comerciantes tradicionais. De acordo com Gaillard:

No entanto, a vitória da loja de departamentos sobre a lojinha de bairro não se explica apenas por questões de preço e de abastecimento. O reinado ao mesmo tempo mutante e contínuo das sedas se deve ao poder de exalação que elas exercem sobre a clientela feminina. Não se pode esperar dos tecidos de uso comum, que compreendem a maior parte das mercadorias do Velho Elbeuf, uma encenação análoga àquela que Mouret realiza com as sedas do Paraíso. No átrio central que lhes pertence de direito, as sedas são o coração do espetáculo em cada grande venda. (GAILLARD, 2008, p.16)

A seda referenciada na obra literária é um exemplo de que se antigamente no sistema de compra e venda a necessidade surgia antes da produção, com a expansão da fabricação e do consumo de produtos supérfluos, a seda passa a ser vendida em grandes quantidades antes mesmo da necessidade. Assim, para o encanto do consumo não se perder em meio a

abundância, é construída toda uma áurea de mistificação do produto por meio de uma decoração deslumbrante que auxilia na sedução ao consumo:

A multidão também invadira as sedas. Era uma aglomeração compacta de pessoas, sobretudo diante do mostruário erguido por Hutin e no qual Mouret dera seu toque de mestre. Ao fundo de um corredor em torno de uma das colunas de ferro que sustentavam a vidraça, havia como uma cascata de tecido, uma corrente borbulhante despencando do alto e espalhando-se pelo assoalho. (...). As freguesas, lívidas de desejo, inclinavam-se como se quisessem se ver refletidas. Todas ficavam pasmadas diante dessa catarata inesperada, com temor surdo de serem levadas pelo transbordamento de tamanho luxo, e ao mesmo tempo com o irresistível desejo de se lançarem e se perderem em tal mar de tentações. (ZOLA, 2008, p.142)

A produção em grande escala não só ocasiona no consumo em abundância como também no *amontoamento*, assim denominado pelo sociólogo francês Jean Baudrillard (1995), que consiste em um enorme estoque de produtos diversificados em grandes armazéns que deslumbra e encanta o consumidor pela *evidência do excedente*, contrariando o produto excepcional em sua unicidade.

Baudrillard defende que a sociedade cultua o consumo por meio de grandes lojas de departamentos que reúnem produtos abrangentes de todas as áreas da vida humana, e, ao vender soluções, geram uma falsa sensação de felicidade. Essas lojas que vendem desde alimentos até móveis e vestimentas, englobando as artes, o lazer e a vida cotidiana, por sua vez, tornam-se uma pequena sociedade constituída por produtos variados que prometem suprir o máximo de necessidades possíveis em um mesmo local:

Chegamos ao ponto em que o «consumo» invade toda a vida, em que todas as actividades se encadeiam do mesmo modo combinatório, em que o canal das satisfações se encontra previamente traçado, hora a hora, em que o «envolvimento» é total, inteiramente climatizado, organizado, culturalizado. (BAUDRILLARD, 1995, p.19)

No entanto, a disponibilidade de uma grande variedade de produtos não significa que saciará as necessidades de todos. Para Baudrillard, na verdade isso caracteriza uma falsa sociedade em abundância, onde não existe equilíbrio à medida que “(...) o crescimento produz, reproduz e constitui a desigualdade social, os privilégios, o desequilíbrio, etc.” (BAUDRILLARD, 1995, p.50),

resultando em um aumento de consumo que atinge apenas uma parcela da sociedade já privilegiada e que só reforça a organização social desigual já existente.

A loja *Paraíso das Damas* tem por característica o *amontoamento*. Nesse espaço os consumidores encontram produtos tanto para prover as necessidades, como também para saciar as vontades fúteis de diversas áreas da vida. E até a disposição dos produtos é previamente organizada e exposta seguindo uma coerência decorativa:

Era a catedral do comércio moderno, sólida e leve, feita para uma romaria de clientes. No térreo, depois das promoções da porta, a galeria central expunha as gravatas, a luvaria e a seda; a galeria de Monsigny era ocupada pelas seções de branco e de estampados; a galeria de Michodière, pela malharia, os aviamentos, as casimiras e as lãs. Depois, no primeiro andar, encontravam-se as confecções, a lingerie, os xales, as rendas e outras sessões novas, enquanto no segundo andar haviam posto a roupa de cama, os tapetes, os forros e todos os artigos de grandes dimensões e de manuseamento difícil. (ZOLA, 2008, p.282)

Como já vimos, no romance é descrito esse cenário de divergência entre o comércio tradicional e a expansão de grandes lojas. Esse contrate reflete socialmente na relação do indivíduo com o consumo, pois, se de um lado os comerciantes locais ainda resistem à modernização, apegando-se a um pensamento antiquado sobre vendas, do lado oposto, Octave Mouret busca transformar, aos poucos, o consumo, antes uma necessidade, em uma atividade prazerosa por meio da sedução, em que os clientes embevecidos consumem primeiro com os olhos:

A única grande paixão de Mouret era triunfar sobre a mulher. Ele a desejava rainha em sua casa, e erguera esse templo para tê-la à sua mercê. Toda sua tática era inebriá-la de atenções galantes, extasiá-la em seus desejos, explorar seu fervor. Assim, noite e dia, ele quebrava a cabeça à procura de novas idéias. (ZOLA, 2008, p.282)

Assim, a *Paraíso das Damas*, além de um ambiente de compra e venda, transforma-se também em um espaço social confortável, planejado e desenvolvido para interação e convivência de seus clientes, buscando atender principalmente as necessidades de suas compradoras.

O interior da loja, como a disponibilidade dos produtos, é organizado pensado para encantar e, consequentemente, “prender” seus clientes pelo maior tempo possível, permanecendo ali não apenas para adquirir produtos da vitrine, mas também se tornando produtos vendáveis:

Primeiramente, era a potência decuplicada do acúmulo, todas as mercadorias amontoadas em um ponto, sustentando-se e se empurrando, nenhuma folga. Os artigos da estação estavam sempre disponíveis. E a cliente era fisgada de seção em seção, comprando um pedaço de tecido aqui, mais longe um rolo de linha, adiante uma sobrecasaca; ela se vestia, depois se via diante de encontros imprevistos, e ia assim cedendo à necessidade do inútil e do belo. (ZOLA, 2008, p. 110)

A estrutura e planejamento do ambiente de comércio tiveram uma expressiva mudança ao logo dos tempos, o espaço passa a ser planejado para agradar a sociedade moderna visando principalmente a estratégia de venda e sedução ao consumo do excedente. Os proprietários de grandes estabelecimentos começam a utilizar-se da arte da decoração para atrair cada vez mais clientes.

Segundo Colin Campbell (2001), a modernidade consegue relacionar o consumo a um ideal romântico não de interesse, mas mais próximo à sedução através da propaganda, o qual tende a reforçar o ato de consumir determinado produto como algo voltado à imaginação e ao exterior ao cotidiano:

E não é exatamente o “romance”, no sentido estrito, que se destaca tão notavelmente em associação com anúncios de perfume, cigarros ou *lingerie* - é que também os quadros e episódios utilizados são tipicamente “românticos no sentido mais amplo de serem exóticos, imaginosos e idealizados, ao passo que o verdadeiro objetivo dos anúncios, evidentemente, é o de nos induzir a comprar os produtos postos em destaque ou, em outras palavras, a consumir. (CAMPBELL, 2001, p.10)

Portanto, o ato de consumir passa a estar relacionado à imaginação do consumidor que projeta seus próprios significados no produto à venda, buscando mais a aquisição da imagem de determinado produto e sua representatividade na sociedade do que o produto físico em si:

O discernimento essencial que se exige é a compreensão de que os indivíduos não procuram tanta satisfação dos produtos, quanto prazer das experiências auto-ilusivas que constroem com suas significações

associadas. A atividade fundamental do consumo, portanto, não é a verdadeira seleção, a compra ou uso dos produtos, mas a procura do prazer imaginativo a que a imagem do produto se empresta, sendo o consumo verdadeiro, em grande parte, um resultante desse hedonismo “mentalístico”. (CAMPBELL, 2001, p.130)

Essa projeção da imaginação e expectativas no produto a ser comprado é o que o teórico associa ao “romance”, isto é, uma busca constante por satisfazer experiências que não se encontram em sua realidade.

A projeção imaginativa que o consumidor faz é denominada pelo teórico por *devaneios*, que são utilizados em propagandas para influenciar na decisão e escolha durante as compras. Assim, tende-se a persuadir o consumidor mais pela idealização projetada, do que por sua própria necessidade:

Que há uma estreita relação entre os devaneios da pessoa e sua seleção, compra, uso e disposição de bens e serviços se revela patentemente no caráter de muitos anúncios. Estes, tipicamente, se dirigem mais aos sonhos do que às necessidades, numa tentativa de associar determinados produtos a acalentadas ilusões e, consequentemente, despertar o desejo. Mas os processos através dos quais os sonhos se vinculam aos produtos não dependem inteiramente dos esforços dos anunciantes, pois os indivíduos podem tecer afetuosas fantasias em torno de algo visto num catálogo ou na vitrine de uma loja, sem o benefício de suas imagens e uma cópia. Assim, embora os anunciantes façam uso do fato de que as pessoas devaneiam, e de fato alimentem seus sonhos, a própria prática de devanear é inerente às sociedades modernas e não exige que a instituição comercial da propaganda lhe assegure a reiterada existência. (CAMPBELL, 2001, p.133)

No romance, esse estado de embriaguez que se assemelha a uma falta de consciência durante as compras é mais descrito nas consumidoras do gênero feminino que são constantemente apresentadas como pressas fáceis de sucumbir às tentações:

Era a mulher que os magazines disputavam, a mulher que capturavam na armadilha de seus preços, depois de tê-las atordoado diante das vitrines. Os grandes magazines haviam despertado novos desejos na carne feminina, eram uma tentação constante, à qual a mulher sucumbia fatalmente, cedendo inicialmente a suas compras de boa dona de casa, conquistada em seguida pela vaidade, e finalmente devorada. (ZOLA, 2008, p.112)

O planejamento de um espaço físico confortável e que atendesse todas as necessidades femininas passa a ser prioridade em grandes lojas, o que auxilia na emancipação social das mulheres burguesas, proporcionando-lhes

um pouco mais de liberdade em frequentarem lugares públicos. Não que nessas grandes lojas não houvesse departamentos destinados a vestimentas masculinas, porém, para Michelle Perrot (1998):

(...) os homens raramente compram ali. Suas mulheres fazem isso para eles, ou então seus criados de quarto. De resto, um homem elegante veste-se sob medida em seu alfaiate preferido. A confecção para homens é reservada às classes populares. Os catálogos dirigem-se principalmente às donas de casa. (PERROT, 1998, p.38)

A atração do público para as compras ocorre, em sua grande maioria, por meio da experiência visual, isso inclui a grandiosidade dos próprios estabelecimentos comerciais que já impressionavam pelo tamanho de seu exterior. Logo no início do romance, vemos o impacto da *Paraíso das Damas* sobre as personagens de Denise, Jean e Pepe que imediatamente se sentem encantados com a grandiosa loja ainda em expansão, porém, que já se destacava em Paris pelo contraste com o comércio tradicional:

Mas assim que embicou na rua, Denise foi atraída por uma nova vitrine, na qual estavam expostas as confecções femininas. Na loja de Cornaille, em Valognes, ela era especialmente encarregada das confecções. Porém, nunca vira aquilo, e uma admiração aguda a pregava à calçada. (ZOLA, 2008, p. 34)

As vitrines dos grandes magazines têm influência no consumo e por meio delas é que ocorre a sedução do consumidor. Por esse motivo é que as vitrines são exuberantes, com cores brilhantes e exposição de produtos da moda, tudo planejado e organizado para encantar o máximo de pessoas possíveis.

No romance, sem medo de exagerar, Octave Mouret investe na diversidade de cores e exposição de produtos que aparentasse casualidade, usando da criatividade e da inovação para montar as vitrines da *Paraíso das Damas*. Para ele, tudo deve ser exposto de forma com que as clientes fiquem desorientadas com tanta informação visual:

Ele pegava as peças e jogava-as sobre o balcão, amassando-as, criando gamas radiantes. Todos concordavam, o patrão era o melhor vitrinista de Paris, um vitrinista revolucionário na verdade, que fundara a escola do brutal e do colossal na ciência da vitrine. Ele pregava grandes quedas, como se as peças despencassem ao acaso das estantes; ele as queria chamejantes, com as mais ardentes

cores, umas avivando as outras. Ao sair da loja, ele dizia, as clientes tinham que sentir os olhos queimarem. (ZOLA, 2008, p.81)

Por consequência, ato de ir às compras deixa aos poucos de ser estritamente relacionado apenas ao consumo para ser associado também uma forma de entretenimento, em que o indivíduo desfruta esteticamente dos produtos que lhe são expostos, alimentando sua imaginação e desejo:

Isso se relaciona, por sua vez, a outro aspecto do moderno consumismo - a prática de olhar vitrines. Agora, ainda que as pessoas possam "ir às compras de um lado para outro" à procura de mercadorias, no sentido de comparar os preços e de tentar, desse modo, averiguar o que pode ser a "melhor aquisição, elas também se entregam às "compras" sem, na verdade, adquirir absolutamente nada, embora, é claro, extraíndo prazer da experiência. Em parte, evidentemente, o desfrute é estritamente estético, implicando a apreciação da arte dos projetistas e vitrinistas envolvidos. Acima disso, porém, há o prazer proveniente do uso imaginativo dos objetos vistos, isto é, de "experimentar" mentalmente as roupas examinadas, ou "ver" os móveis arrumados dentro de sua sala. (CAMPBELL, 2001, p.135)

O interior dos magazines também é planejado e construído pensando no conforto e entretenimento de seus clientes. E uma das principais inovações está nas posições estratégicas das mercadorias que além de acessíveis ao cliente também ocupam grande parte do ambiente.

A decoração interior é com frequência descrita detalhadamente durante a narrativa, posta como algo importante e de grande investimento para Octave Mouret. As estratégias de atração primária são aplicadas, porém, o que realmente mantém a atração dos consumidores é a própria lotação e movimentação dentro da loja:

Mas onde Mouret se revelava um mestre sem rival era na decoração interior das lojas. Ele tinha como lei que nem um canto do Paraíso das Damas deveria ficar vazio; por toda parte ele exigia barulho, multidão, vida; pois vida, dizia ele, atrai vida, faz brotar e se multiplicar. Dessa lei, ele gerava todo tipo de aplicações. Primeiramente era preciso se apertar para entrar no magazine, era preciso que, da rua, se acreditasse que um motim estava acontecendo; e ele obtinha esse aperto colocando os descontos logo na entrada, estante e cestas transbordando de artigos a preço de banana; a tal ponto que o povinho se amassava, obstruir a porta, dava a impressão que a loja estourava de gente, quando em geral só estava cheia pela metade. (ZOLA, 2008, p.284)

Se nos comércios tradicionais os produtos ficam escondidos em estantes escuras, no novo comércio trabalha-se com pontos comerciais estratégicos. Os produtos passam a ter mais visibilidade ao localizarem-se em lugares acessíveis aos clientes, não somente para serem vistos, mas também tocados, estimulando assim outros sentidos do corpo: "De fato, tendo em sua bolsa apenas o dinheiro do fiacre, a senhora de Boves tirava das caixas todos os tipos de rendas pelo simples prazer de vê-las e tocá-las." (Zola, 2008, p.140). Poder manusear os tecidos, sentindo sua textura, seduz os consumidores e estimula mais o consumo.

Todavia, a localização dos produtos não se restringe apenas a acessibilidade, outra inovação da loja é justamente sua divisão em sessões que abrangem vários tipos e modalidades de produtos, onde as consumidoras podem encontrar desde vestimentas a móveis e artigos em um mesmo local:

De uma ponta à outra, avistavam-se revoadas de rendas, palpitações de musselina, troféus de seda, apoteoses de manequins ricamente vestidos; e, acima de toda essa balbúrdia, lá no alto, a seção de móveis, como que suspensa, exibia pequenas camas de ferro guarnecididas de colchões macios, com brancas cortinas drapejadas, como um dormitório de pensionistas que repousariam em meio à marcha constante da clientela, que ia se tornando mais rara à medida que as seções se elevavam na loja. (ZOLA, 2008, p.299)

À vista disto, Octave Mouret planeja a organização dos departamentos da loja de forma que em toda e qualquer parte contenha produtos em destaque, evitando-se espaços vazios, em que, para chegar até a sessão pretendida, a cliente se via obrigada a passar por várias sessões, atiçando assim sua curiosidade e a vontade de realizar compras não planejadas:

(...). Primeiramente, esse vaivém contínuo de clientes as dispersa por toda loja, as multiplica e as faz perderem a cabeça; em segundo lugar, como é preciso conduzi-las de um canto da loja para outro, se elas desejam, por exemplo, o forro depois de terem comprado o vestido, essas viagens para todas as direções triplicam para elas o tamanho da casa; em terceiro lugar, elas são obrigadas a atravessar seções onde não teriam colocado os pés, novas tentações as fisgam de passagem, e elas sucumbem; em quarto lugar... (ZOLA, 2008, p.286)

Nesse processo, a propaganda de produtos é desvinculada de sua produção, e a decoração da loja está diretamente associada à magia. A

exposição dos produtos é feita por meio do agrupamento e organização dos significados que esses objetos possuem naquele contexto social, por esse motivo é comum os produtos serem expostos por cores ou temáticas:

A senhoras se deixaram levar. (...). Mas um bem-estar as invadia, parecia que entravam na primavera ao sair do inverno da rua. Enquanto do lado de fora soprava um vento gelido, nas galerias do Paraíso a bela estação amornava com tecidos leves, o brilho florido das nuanças delicadas, a alegria campestre das roupas de verão e das sombrinhas. (...). Era a exposição de sombrinhas. Todas abertas, arredondadas como escudos, elas cobriam o átrio, da cúpula de vidro ao cimácia de carvalho. Em torno das arcadas dos andares superiores, desenhavam festões; ao longo das colunas, desciam em guirlandas; sobre as balaustradas das galerias, até as rampas das escadarias, seguiam em linhas apertadas; e, por toda a parte, enfileiradas simetricamente, colorindo as paredes de vermelho, verde e amarelo, pareciam grandes lanternas venezianas, iluminadas para alguma gigantesca festa. Nos cantos, viam-se motivos complicados, estrelas compostas por sombrinha a trinta e nove centavos, cujos tons claros, azul-pálido, branco-queimado, rosa-bebê, bruniam com a doçura do amanhecer; enquanto, no alto, viam-se imensos pára-sóis japoneses, nos quais gruas douradas revoavam num céu de púrpura, flamejando com reflexo de incêndio. (ZOLA, 2008, p..290)

Para Baudrillard, há uma ordem de consumo derivada da manipulação dos signos, pois: “Raros são os objetos que hoje se oferecem isolados, sem contexto de objetos que os exprimam.” (BAUDRILLARD, 1995, p.17)

Outras estratégias de venda descrita no romance que tem por finalidade atrair clientes à loja consiste na variação de preços e a devolução de mercadorias. Octave Mouret, dono e administrador, vende peças de tecido com preço de custo conforme a demanda e quantidade em estoque:

Assim, ele descobrira que ela [a mulher] não resistia a um desconto, que comprava sem necessidade quando pensava estar fazendo um negócio vantajoso; e sob essa observação ele baseava seu sistema de diminuição de preços, baixando progressivamente artigos não vendidos, preferindo vendê-los com perda, fiel ao princípio da renovação rápida das mercadorias. (ZOLA, 2008, p.283)

E com a implementação da norma de devolução as clientes são impulsionadas a comprarem mais. Mouret acredita ser difícil ocorrer a devolução de um produto, principalmente pelo motivo das clientes sempre buscarem manter as aparências perante a sociedade, porém, caso ocorra, a consumidora ficará tentada em levar outro produto no lugar do devolvido:

Então ele penetrara ainda mais fundo no coração da mulher ao imaginar o sistema de “devoluções”, uma obra de arte da sedução jesuítica. “Leve de qualquer forma, senhora: poderá nos devolver o artigo se ele deixar de agradá-la.” E a mulher que ainda resistia, achava ali uma última desculpa, a possibilidade de voltar atrás sobre uma loucura: ela levava qualquer coisa com a consciência apaziguada. Agora, as devoluções e a baixa dos preços entravam no funcionamento clássico do novo comércio. (ZOLA, 2008, p.283)

Nesse sistema de consumo está enraizado um consumismo exacerbado, onde as clientes compram por impulso, seduzidas pela redução dos preços e as já existentes “queimas de estoque” por estação do ano, o que as impossibilita de comprarem apenas o produto previsto:

- O senhor entende, prezado barão, toda a mecânica está aí. É bem simples, mas era preciso descobrir. Não temos necessidade de uma grande injeção de dinheiro. Nossa único esforço é de nos desfazer rapidamente da mercadoria comprada e substituí-la por outra, o que faz o capital render rapidamente, gerando lucro. Dessa maneira podemos nos contentar com um pequeno lucro. (...). Porém, isso acabará com gerar milhões quando começarmos a operar sobre quantidades de mercadorias mais consideráveis e constantemente renovadas... O senhor acompanha o raciocínio, não? Nada mais claro. (ZOLA, 2008, p.110)

A propaganda externa também aparece como outro forte influenciador do aumento das vendas, há um investimento em publicidade realizado por meio de anúncios, cartazes e catálogos que contêm gravuras e amostras, traduzidos em diversas línguas e distribuídos por toda Paris:

(...) o Paraíso das Damas saltava aos olhos do mundo inteiro, invadia os muros, os jornais, até as cortinas de teatros. Ele [Octave Mouret] professava que a mulher não tinha forças contra o reclame, que acabava fatalmente seguindo a agitação. (ZOLA, 2008, p.283)

O planejamento e a prática de diversas técnicas de vendas resultam no consumo fútil, exagerado e impulsivo, em que socialmente o “comprar” que antes era uma necessidade, se torna uma ostentação, transformando o comércio em espaço em que a socialização e consumismo estão interligados.

São nesses novos espaços sociais criados para os consumidores é que são moldadas as relações sociais de aparência entre os indivíduos as quais, semelhante a um espelho, tornam o consumo algo padronizado, um contínuo ciclo. Logo, a atividade de consumir está além da tentativa de inserção em

determinado grupo social, caracteriza-se também pela busca de uma falsa individualidade, pois, o diferente acaba tornando-se igual.

Para o teórico Zygmunt Bauman (2008), o consumo é uma das bases das relações sociais e transforma a nossa sociedade em uma *sociedade de consumidores*. Nesse processo existe uma tendência de transformar as pessoas em mercadorias:

Na sociedade de consumidores ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A “subjetividade” do “sujeito”, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. (BAUMAN, 2008, p. 13)

A venda da imagem do sujeito para a sociedade perpassa por todo o romance, mas é vista mais comumente entre as mulheres que circulam publicamente, como discorrido no tópico anterior. O consumo torna-se ferramenta fundamental para construção e modelação dessa imagem que é exposta na sociedade.

Contudo, no romance, essa projeção de uma imagem idealizada para consumo também atinge os próprios funcionários do grande magazine *Paraíso das Damas* em seus ambientes de trabalho, os quais tem suas aparências e comportamentos em constante julgamento dos clientes:

O problema é que ela [Denise] parecia muito franzina e seu rosto acusava uma profunda tristeza. Sem exigir moças bonitas, queriam-nas agradáveis para as vendas. E, sob os olhares dessas senhoras e desses senhores que as estudavam, que a mediaram, como um jumento negociado por camponeses numa feira, (...). (ZOLA, 2008, p.88)

Percebe-se também um aumento do valor do sujeito como mercadoria através dos produtos consumidos, uma vez que os objetos adquiridos possuem um valor simbólico dentro da sociedade de consumo, e até mesmo o “não consumo”, presente na personagem de Denise Baudu, está repleto de ideologia.

As consumidoras de Zola têm suas personalidades marcadas e diferenciadas conforme a frequência e os produtos que compram. A senhora Marty, por exemplo, é caracterizada por realizar compras por impulso, sem muito critério de escolha. Compra escondida do marido que enlouquece afundado em dívidas e, por fim, passa a explorar um tio:

Ela era conhecida por sua sanha de gastar, perdendo todas as forças diante da tentação. De uma honestidade rigorosa, incapaz de ceder a um amante, tinha a carne fraca, e era incontrolavelmente covarde diante do menor pedaço de pano. Filha de um pequeno funcionário, ela hoje arruinava o marido (...). (ZOLA. 2008, p.97)

Ao contrário da personagem anterior, a senhora Bouderlais é descrita como uma consumidora mais sensata que utiliza da pesquisa de preço e está sempre em busca de promoções com a finalidade de economizar mais, acreditando tirar proveito da constante disputa entre estabelecimentos comerciais:

Então a senhora Bourdelais pôs-se a rir. Se era isso o que Henriette chamava de barganha! Duzentos francos por uma simples armação de marfim com um monograma! E por um pedacinho de chantili com o qual economizara alguns tostões! Podia-se encontrar os mesmos leques, já montados, por cento e vinte francos. Ela citou uma loja na rua Poissonière. (ZOLA, 2008, p.95)

A senhora de Boves, por sua vez, descendente de uma família pobre e casa-se com um conde que gasta dinheiro com amantes, por esse motivo, continua possuindo pouco poder aquisitivo após o casamento e, por se sentir torturada por não poder comprar, recorrentemente comete furtos:

Fazia um ano que a senhora de Boves furtava assim, assolada de uma necessidade furiosa, irresistível. As crises pioravam, aumentavam até se tornarem uma voluptuosidade necessária à sua existência, levando todas as considerações de prudência, satisfazendo-se com uma fruição tanto mais amarga que ela arriscava, sob os olhos da turba, seu nome, seu orgulho, a alta situação de seu marido. Agora que este último a deixava esvaziar as gavetas, ela roubava com o bolso cheio de dinheiro, ela roubava por roubar, como se ama por amar, sob o golpe de chicote do desejo, no desvario da neurose que seus apetites de luxo insatisfeitos tinham desenvolvido nela, outrora, por meio da enorme e brutal tentação dos grandes magazines. (ZOLA, 2008, p.480)

Há outras duas consumidoras que por não consumirem com certa frequência também não são tão descritas durante as compras tanto quanto as

personagens anteriores: a senhora Guibal, que não tem por hábito comprar, contentando-se mais em observar e passear pela *Paraíso das Damas*; e a senhora Henriette Desforges, que também não possui desespero em consumir, apenas comprando poucos produtos selecionados de seu real interesse.

O consumo excedente, mesmo que em diferentes escalas, está presente durante todo o romance, sobretudo inerente essas cinco personagens. O verbo *precisar*, por exemplo, é utilizado com frequência mesmo que o alvo de seus desejos de compra seja algo relacionado ao luxo, à beleza ou à futilidade, mas nunca a uma verdadeira necessidade:

Eu também – disse a outra [Senhora Marty]. – Prometi a meu marido que iria visitar a irmã dele em Montmartre... Então, ao passar por aqui, lembrei-me que estava precisando de uma metragem de fita. Comprar aqui ou em outro lugar, qual diferença, não é mesmo? Ah! Não vou gastar um tostão. Não estou precisando de nada mesmo. (ZOLA, 2008, p. 289)

Destaca-se que é atribuído adjetivos animalizados às consumidoras, sendo a metáfora animal, já mencionada no decorrer desse trabalho, também encontrada na descrição do consumo, especialmente quando em coletividade: “Era um novo espetáculo, o mar de cabeças vistas de cima, escondendo os corpetes, fervilhava com a agitação de um formigueiro.” (ZOLA, 2008, p.303)

De acordo com sociólogo britânico Colin Campbell (2001), a acessibilidade e diversidade de mercadorias, resultados do sistema de grande produção em massa, disseminam o hábito de consumir produtos que não fazem parte das necessidades básicas para a sobrevivência e que são considerados excedente, supérfluos e de luxo:

(...) produtos tais como brinquedos e jogos, romances, produtos de beleza, plantas ornamentais e, sobretudo, roupas da moda, dificilmente eram o tipo de compra que outros que não os muito ricos pudessem, com facilidade, denominar “necessidades”. (CAMPBELL, 2001, p. 42)

Conforme Campbell (2001, p.88), o consumo de objetos de luxo é característica do comércio moderno e possui duas vertentes de conceitos: A primeira crê no luxo como algo relacionado ao supérfluo, que excede à carência; enquanto a segunda vertente relaciona o luxo à experiência sensorial

e agradável, mais especificamente ao *bem-estar* que não necessariamente está vinculado a um objeto físico. Por essa segunda perspectiva, o consumo de luxo seria um caminho para a satisfação assimilável dentro da estrutura utilitária. Todavia:

Uma vez reconhecido, porém, que prazer e utilidade são conceitos muito diferentes, que se ligam a aspectos contrastantes da conduta humana, está aberto o caminho para se desenvolver uma teoria do comportamento do consumidor que se apóia mais numa estrutura de pensamento hedonista do que utilitária. (CAMPBELL, 2001, p.89)

Consumir objetos de luxo que estão além do considerado necessário torna-se um signo do status social do consumidor. Essa propensão ao consumo, advinda das classes mais abastadas, atinge a classe média que direciona seu olhar para cima, sendo influenciado socialmente por essas classes mais elevadas economicamente:

Tal teoria, naturalmente, transforma os que chegam ao pináculo da estratificação social em influência dominante e em árbitros do gosto, com o resultado coerente de que, mais cedo ou mais tarde, todas as fileiras inferiores procurarão adotar seus valores e atitudes. (CAMPBELL, 2001, p.51)

No romance, outro grupo social atingido pelo consumismo é a classe dos trabalhadores que ao se tornarem vendedores da loja *Paraíso das Damas* passam a ter contato com espaço luxuoso frequentado pela burguesia, onde, inevitavelmente, também são influenciados a manterem uma aparência social, para que assim possam permanecer, mesmo que na função de empregado, nesse ambiente de consumo:

Havia entre ele o luveiro uma rivalidade de belos homens que os dois afetavam desfrutar entre as clientes. Nem um nem outro, no entanto, podiam ser gabar de uma real boa fortuna; Mignot vivia a fantasia de que a mulher de um comissário de polícia era caída de amores por ele, enquanto Hutin havia realmente conquistado para a sua seção uma rendeira cansada de rodar pelos hotéis de má reputação do bairro; mas eles se contavam histórias, dando a entender que viviam aventuras misteriosas, que tinham, entre duas compras, encontros marcados com condessas. (ZOLA, 2008, p.138)

Como já mencionado no capítulo anterior, Engels e Marx acreditam que o trabalhador do século XIX recebia o mínimo para sobreviver, apenas para manter-se como uma mão de obra lucrativa, ativa e de fácil substituição,

movimentando um sistema capitalista que enriquece cada vez mais uma classe já abastada. Portanto, os teóricos pregam melhorias na remuneração salarial e nas condições de trabalho, para que assim o proletariado conquistasse além do básico:

O preço médio do trabalho assalariado é a remuneração mínima, ou seja, a soma dos gêneros alimentícios necessários para manter vivo, e trabalhando, o trabalhador. Assim, aquilo de que o trabalhador assalariado se apropria mediante sua atividade basta apenas para reproduzir sua vida nua e crua. Não queremos de modo algum suprimir esse apropriar-se dos produtos do trabalho com vistas à reprodução da vida pura e simples — um apropriar-se que não enseja ganho líquido resultante em poder sobre o trabalho de outros. O que queremos suprimir é apenas o caráter miserável dessa apropriação, que só permite que o trabalhador viva para multiplicar o capital, e apenas na medida em que essa vida seja do interesse da classe dominante. (ENGELS e MARX, 2011, p.43)

Entretanto, as teorias desenvolvidas por Engels e Marx aplicam-se mais ao contexto social de trabalho de outro romance de Zola, *Germinal* (1885), pois, a narrativa de *O Paraíso das Damas* já expõe um consumo instaurado também entre a classe trabalhadora.

Em vista disso, se até então trabalhadores urbanos recebiam o mínimo para sobreviver, quando inseridos dentro da sociedade de consumo, adaptaram-se ao meio, adquirindo, com limites, alguns costumes da burguesia. Segundo Ferguson, com o surgimento do trabalhador assalariado, surge também o trabalhador consumidor:

Os capitalistas entenderam o que Marx havia ignorado: que os trabalhadores também eram consumidores. Portanto, não fazia sentido tentar reduzir seus salários aos níveis de subsistência. (...) Longe de condenar as massas à “miséria”, a mecanização da produção têxtil criou cada vez mais oportunidades de emprego para os trabalhadores ocidentais (...). (FERGUSON, 2016 p.250)

O consumismo presente na classe de trabalhadores do romance é inerente ao indivíduo e independe de gênero. Essa nova categoria de consumidor sente a tranquilidade de uma estabilidade financeira, mesmo que momentânea, projetando assim seus desejos e vontades no consumo e na constante busca pelo conforto:

Como todos os rapazes do comércio, ele [Hutin] tinha gana de gastar, batendo-se a semana inteira em sua seção, com uma cupidez de avaro, com a única ambição de jogar o dinheiro pela janela no domingo, nas pistas de corrida, nos restaurantes e bailes; jamais uma economia, jamais um adiantamento, tudo era gasto imediatamente depois de recebido, com uma despreocupação total do dia seguinte. (ZOLA, 2008, p. 175)

Aliás, as moças do comércio não se mostravam nem um pouco mais sensatas que os rapazes: elas devoravam tudo, jamais um tostão de economia, gastavam duzentos a trezentos francos por mês em artigos de toalete e guloseimas. (ZOLA, 2008, p.181)

De acordo com Campbell, pela perspectiva econômica, o consumo é oposto ao conceito de produção à medida que se refere ao esgotamento de recursos econômicos. Assim, dialoga mais com a busca pela cessação de “necessidades” e a constante insatisfação resultante:

Humanamente concebido, portanto, o consumo se refere ao “uso de bens na satisfação de necessidades humanas”, sendo assim, tipicamente, o resultado do comportamento conscientemente motivado. (...). Os hábitos do consumo podem-se alterar, como consequência ou de uma inovação no uso dos recursos, ou de uma modificação do modelo das satisfações. (CAMPBELL, 2001, p. 60)

A busca interminável por necessidades, característica da insaciabilidade humana, torna-se um mistério que envolve o comportamento dos consumidores nas sociedades industriais modernas e não está relacionada à escolha de determinados produtos e nem somente aos padrões de consumo visíveis em determinados grupos sociais, mas sim ao eterno vazio a ser preenchido presente nas necessidades e desejos ocasionados pela interminável reposição de produtos.

O teórico Campbell (2001) não somente discorre sobre a insaciabilidade humana no consumo moderno, como busca compreender o surgimento das necessidades, principalmente referente a produtos até a pouco inexistente:

(...) o consumidor moderno (embora não refratário a tais tentações) se caracteriza por uma insaciabilidade que se eleva de uma básica inexauribilidade das próprias carências, que se levantam sempre, como uma fênix, das cinzas de suas antecessoras. Conseqüentemente, mal uma se satisfez e outra já se acha à espera preparada, reclamando a satisfação; quando esta é atendida, uma terceira aparece, então subseqüentemente uma quarta, e assim por diante, aparentemente sem fim. O processo é incessante e

ininterrupto. Raramente pode um habitante de sociedade moderna, não importa quão privilegiado ou opulento, declarar que não há nada que esteja querendo. Que isso deva ser assim nos causa admiração. Como é possível às necessidades aparecerem com tamanha constância, e de uma forma tão inexaurível, especialmente quando se referem, tipicamente, a novos produtos e serviços? (CAMPBELL, 2001, p.59)

A constante insatisfação diante das compras está presente em todo o romance em forma do consumo impulsivo. As clientes da loja consomem pelo fácil acesso às mercadorias, apenas acumulando produtos, sem que muitas vezes haja um planejamento prévio de suas compras:

Era a senhora Marty, que sua crise de gastos impelia através da loja. Suas compras haviam aumentado tanto desde as gravatas, as luvas bordadas e a sombrinha vermelha, que o último vendedor acabara colocando o pacote sobre uma cadeira, senão lhe teria destruído o braço; e ele a precedia, empurrando a cadeira, na qual se acumulavam saias, lenços, cortinas, uma luminária, três capachos. (ZOLA, 2008, p.307)

Isto posto, Campbell (2001, p.60) ainda afirma que essa “revolução” na forma de consumir resulta no desenvolvimento de expectativas por parte dos consumidores e, consequentemente, em inevitáveis frustrações. É um processo que se origina da *inventividade* do homem moderno que direciona para a produção de cada vez mais novos produtos e serviços, havendo uma distinção entre a nova *invenção* e a nova *necessidade*, sem que haja uma verdadeira intenção de suprir a segunda com a primeira:

A presença de produtos categorizados como novos, que possam ser diferenciados de outros já encontrados no comércio, é fundamental para atrair os clientes criando novas necessidades:

Desde que a própria prática do devaneio gera esse difuso desejo que foi designado como anseio, tudo o que se exige para a criação de novas necessidades é a presença de objetos no ambiente que, até certo ponto, possam ser “tomados como novos”. Ou seja, objetos que possam ser diferenciados dos comumente consumidos, numa proporção suficiente para serem identificados com imagens ilusivas. (CAMPBELL, 2001, p.131)

Campbell também defende que “o espírito do consumismo moderno é tudo, menos materialista” (CAMPBELL, 2001, p.131), pois está intrinsecamente

relacionado ao simbolismo e a imaginação projetada, e não ao produto materializado em si.

Contudo, há um conflito à medida que a realidade nunca preencherá a idealização do consumidor, mas sim resultará na desilusão e, consequentemente, no imediato surgimento de um próximo desejo reposto no lugar do anterior, instaurando-se, desta forma, um ciclo entre o desejo, a aquisição e a desilusão:

Sua motivação básica é o desejo de experimentar na realidade os dramas agradáveis de que já desfrutaram na imaginação, e cada “novo” produto é visto como se oferecesse uma possibilidade de concretizar essa ambição. Todavia, desde que a realidade não pode nunca proporcionar os prazeres perfeitos encontrados nos devaneios (ou, se de qualquer modo, tão-somente em parte, e muito ocasionalmente), cada compra leva literalmente à desilusão, algo que explica como o necessitar se extingue tão depressa, e por que as pessoas se desfazem dos bens tão rapidamente quanto os adquirem. (CAMPBELL, 2001, p.132)

Essa constância cíclica que envolve “vontade”, “compra” e “frustração” torna-se mais estimulada no romance com a possibilidade de devolução dos produtos, logo, as compradoras podem saciar seus desejos no mesmo momento em que eles surgem, criando mais um argumento de apoio ao consumo desregrado:

Ela [senhora Guibal] continuou a conversar, comentou como era conveniente esse mecanismo de devolução. Antes ela não comprava nunca, mas agora ela às vezes se deixava tentar. Na verdade, ia devolver quatro objetos de cinco adquiridos recentemente, e estava começando a ficar conhecida em todas as seções por seus negócios volúveis, por seu eterno descontentamento que lhe fazia retornar os artigos um a um, depois de tê-los guardado por vários dias. (ZOLA, 2008.p.296)

Por conseguinte, o consumo visto em geral nas personagens faz parte de um ciclo infindável, pois, após o suprimento de uma necessidade surge no consumidor um novo desejo a ser suprido.

Desta forma, de acordo com o teórico Zygmunt Bauman (2008), objetos são cada vez mais produzidos para suprirem necessidades instantâneas e logo serem descartáveis, ou seja, os produtos “nascem” antes do “problema” a que

se propõem solucionar, oferecem uma curta satisfação ao consumidor e logo são descartáveis:

A instabilidade dos desejos e a insaciabilidade das necessidades, assim como a resultante tendência ao consumo instantâneo e à remoção, também instantânea, de seus objetos, harmonizam-se bem com a nova liquidez do ambiente em que as atividades existenciais foram inscritas e tendem a ser conduzidas no futuro previsível. (BAUMAN, 2008, p. 27)

Na *obsolescência programada*, produtos são previamente planejados para que possuam pouca durabilidade e funcionalidade, com o objetivo de forçar o consumidor a comprar outro produto para substitui-lo em um prazo menor. A rápida substituição de determinado produto por outro mais moderno também favorece a redução da vida útil do objeto. Para a personagem de Octave Mouret essa técnica de reposição de mercadorias é “(...) a regra da casa, tudo devia desaparecer a cada ano. Vendiam com sessenta por cento de perda antes de guardar um modelo antigo ou um tecido desbotado.” (ZOLA, 2008, p.352)

Apoiado nos estudos do economista e filósofo John Galbraith, Campbell (2001, p. 76) aponta as três principais teorias sobre a origem das necessidades nos consumidores: A primeira, *Tradição Instintiva*, acredita que as necessidades são parte da herança biológica dos seres humanos, independentemente do social, como *pré-programadas*, sendo impossível *criá-las*; A segunda, *Tradição Manipulacionista*, em contraponto, defende a ideia de uma criação de necessidades ativas, logo, a *necessidade* não é algo inerente ao consumidor, mas sim algo implantado por meio de propagandas e programas de vendas; E a terceira, e a que serve de apoio para a análise desse trabalho, é a *Perspectiva Veblenesca* que também acredita em uma construção das necessidades, porém, por parte dos próprios consumidores de forma inconsciente, sendo o resultado social de uma *imitação e estímulo* de comportamentos de outros consumidores. Essa teoria provém dos escritos de Thorstein Veblen sobre o comportamento do consumidor, o qual, segundo Campbell (2001), acredita que:

(...) o ato do consumo tem profunda significação sociocultural e não devia ser examinado em termos meramente econômicos, já que as mercadorias adquirem importância como sinais, como símbolos e não tão-somente pela satisfação intrínseca que elas podem trazer. (CAMPBELL, 2001, p.76)

Assim, o consumo não está relacionado apenas à posição econômica do indivíduo, uma vez que vemos, no romance, exemplos de consumidores pertencentes a diferentes classes sociais, mas é mais sustentado por uma simbologia inerente aos produtos que, ao circularem entre os consumidores, influenciam a todos, indiferente de sua posição social.

Nessa teoria, o consumo de bens além de satisfazer as necessidades também serve para expor socialmente a *força pecuniária*, ou seja, o nível de riqueza do indivíduo e, consequentemente, de status social, o que se torna afirmação e reafirmação de sua posição econômica e social.

Nessa sociedade de consumo não basta comprar e possuir bens, existe uma necessidade de exposição do consumo. Por essa razão é que a atividade de comprar transforma-se em um ato público e os produtos adquiridos têm seu momento de apreciação pelas pessoas ao seu redor. Como uma idolatria, por meio dos objetos comprados, o consumidor torna-se o centro das atenções. No romance, as mulheres reúnem-se diante de um mesmo propósito: a satisfação de exibir suas aquisições como troféus.

Havia um momento que, muito excitada pela conversa, a senhora Marty revirava febrilmente sua bolsa de couro vermelha nos joelhos. Ela ainda não pudera mostrar suas compras e a ardia de vontade de espalhá-las, numa espécie de necessidade sensual. Bruscamente esqueceu-se do marido, abriu a bolsa e tirou alguns metros de uma estreita renda enrolada em torno de um cartão. (...). A renda passou de mão em mão. As senhoras exclamavam de prazer. (...). Mas, diante do sucesso da valenciana, não pôde resistir ao impulso de tirar mais um lenço. (...). E a partir daí a bolsa se tornou interminável. A senhora Marty corava de prazer, um pudor feminino que se desnuda a tornava encantadora e embaracada a cada novo artigo que retirava. (ZOLA, 2008, p.118).

Isso reforça outra teoria de Thorstein Veblen debatida por Campbell sobre o comportamento do consumidor, os efeitos denominados *bandwagon* e *esnobe* que veem o consumo de bens como influência do comportamento de

outros consumidores, seja estimulando ou desestimulando a compra de acordo com o grupo social que esteja inserido:

(...) implica o reconhecimento do fato de que o consumo de bens por um indivíduo é afetado pelo comportamento dos outros consumidores. Ou a procura de bens ou serviços é aumentada pelo fato de que outros são vistos consumindo-os (*bandwagon*), ou diminuído pelo fato de que outros estão consumindo-os (*esnobe*). (CAMPBELL, 2001, p.77)

Ao buscar a ascensão hierárquica socialmente ou manter-se em posição superior em comparação com as demais pessoas de seu círculo social, o indivíduo utiliza e perpassa o *Efeito Veblen*, em que o desejo ao consumo de bens de luxo é alterado conforme seu valor de venda. Ou seja, o aumento do preço de um produto o torna mais desejável e também, ao contrário, a queda do preço do produto reflete na queda do interesse por parte dos consumidores:

(...) o reconhecimento de que o preço de uma mercadoria é um símbolo culturalmente significativo por seu próprio direito e não um índice de valor econômico ou utilidade. Segundo o raciocínio de Veblen, portanto, eles aceitam que a procura de bens pode crescer com o preço, em que a função do consumo deva manifestar a força pecuniária. (CAMPBELL, 2001, p.77)

No entanto, na loja *Paraíso das Damas*, ao contrário do visto no *Efeito Veblen*, o consumo exagerado e realizado por meio do impulso é mais estimulado com a baixa do valor de determinados produtos que acaba por servir como atrativo durante as compras:

Mouret calculara justo: todas as donas-de-casa, uma tropa serrada de pequenas burguesas e de mulheres de touca, tomavam de assalto as promoções, os descontos e os cortes avulsos, expostos desde a rua. Mão ávidas apalpavam continuamente as “penduras” da entrada, uma chita sete soldos, uma mescla de lã e algodão a nove soldos, sobretudo uma orleã a trinta e oito centavos, que estavam esbulhando as pobres bolsas. Era um acotovelamento sem fim, com empurrões frenéticos em torno das estantes e dos cestos, onde as pechinchas transbordantes – rendas a dez centavos, fitas a cinco soldos, ligas a três soldos, luvas, anáguas, gravatas, meias de algodão – desapareciam em um nada de tempo, como se devoradas por uma miríade voraz. (ZOLA, 2008, p. 288)

Desta maneira, o ato de consumir reside mais na esfera do simbólico, visto que por ser constituído por símbolos culturais que transmitem mensagens visuais que partem do indivíduo para a sociedade ao seu redor, o consumidor torna-se o resultado de uma construção planejada por si próprio. Como vimos

no início desse capítulo, se para Walter Benjamin há uma destruição da áurea devido à produção em grande escala, para Pierre Bourdieu (2010) ainda existe um simbolismo inerente as mercadorias.

Em sua sociologia do sistema simbólico, Bourdieu defende que os símbolos são instrumentos inerente à integração social do indivíduo e contribuem para a reprodução da ordem social:

Os símbolos são instrumentos por excelência da «integração social»: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (...), eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração «lógica» é a condição da integração «moral». (BOURDIEU, 1989, p. 10)

Ressalta-se que no romance a construção simbólica está presente desde a escolha do estabelecimento para a realização das compras, pois, comprar na loja *Paraíso das Damas* devido à sua popularidade é mais do que estar em visibilidade, representa também pertencer a um grupo social elitizado mesmo que a loja seja aberta a todos os públicos. Assim, mesmo que ainda exista clientes que procurem os comércios tradicionais durante o processo de expansão do grande magazine, eles acabam sempre voltando para a *Paraíso das Damas*.

Segundo Baudrillard (1995), a nova forma organizacional da sociedade também é pautada no consumo de signos que proporciona uma “ilusão” de que todas as necessidades do sujeito serão solucionadas. Esse sistema de signos é composto por associações imaginárias e simbólicas relacionadas à felicidade que quando adicionadas às mercadorias tem por finalidade de torná-las mais atraentes. À vista disso, o consumo em grande frequência torna-se a “acumulação dos signos da felicidade” (p.22).

Essa felicidade parte de uma iniciativa individual, mas é internalizada pelo grupo social de pertencimento do indivíduo que também é fundamental para sua concretização, por esse motivo é que o ato “ir às compras” muitas vezes é praticado em conjunto, dificilmente as consumidoras escolherão estar sozinhas no *Paraíso das Damas*:

Então, todas as vozes retomaram ao mesmo tempo. A senhora Guibal, Henriette e Blanche mediam, cortavam, desperdiçavam. Era um despojamento de tecidos, uma pilhagem das lojas, um apetite de luxo que ampliava em vestes invejadas e sonhadas, uma tal felicidade em estar na moda que elas pareciam respirar os tecidos como o ar morno necessário à sua existência. (ZOLA, 2008, p.112)

Esses grupos e reuniões sociais também são responsáveis por construir essas referências de consumo/felicidade que nivela seus consumidores, por esse motivo é que:

(...) nunca se consome o objecto em si (no seu valor de uso) – os objectos (no sentido lato) manipulam-se sempre como signos que distinguem o indivíduo, quer filiando-o no próprio grupo tomado como referência ideal que demarcando-o do respectivo grupo por referência a um grupo de estatuto superior. (BAUDRILLARD, 1995, p.60)

O significado que determinado produto possa ter, indiferente do conteúdo da mensagem, é mais evidenciado do que a própria funcionalidade da mercadoria. E imerso nessa ilusão, o consumidor abraça a comodidade dos signos e rejeita a realidade, o que resulta em uma alternância de prioridades em que as falsas necessidades são hierarquicamente colocadas acima devido à satisfação momentânea e pré-estipulada pelo grupo social a que pertence:

As necessidades visam mais os valores que os objectos e a sua satisfação possui em primeiro lugar o sentido de uma *adesão a tais valores*. A escolha fundamental, inconsciente e automática do consumidor é aceitar o estilo de vida de determinada sociedade particular (portanto, deixa de ser escolha! – acabando igualmente por ser desmentida a teoria da autonomia e da soberania do consumidor). (BAUDRILLARD, 1995, p.70)

O consumo deixa de ser uma escolha pessoal e transforma-se em uma idealização social pautada nos gostos que transitam dentro de determinado grupo, resultando em um apagamento da individualidade do consumidor. Assim, dentro dessa sociedade consumista, as relações entre sujeitos intermediadas pelas aquisições de bens transformam-se em um processo recíproco de dualidade, uma vez que o meio influencia o sujeito, e o sujeito também influencia o meio.

Segundo Bourdieu, a segregação hierárquica entre os grupos sociais ocorre por meio das ideologias que, comumente vistas como inerentes a um grupo, são constituídas de interesses individuais que juntos resultam em um

falso pertencimento ao coletivo que, em sua totalidade, tem por intenção distinção dos outros grupos sociais:

As ideologias, por oposição ao mito, produto colectivo e colectivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das diferentes classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. (BOURDIEU, 1989, p. 10)

Há um simbólico conflito entre classes sociais que esconde uma relação de dependência, pois, para se definir enquanto grupo, uma classe social depende de outras para existir e dar sentido à sua verdade de mundo:

As diferentes classes e fracções de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. (BOURDIEU, 1989, p. 11)

No romance, o encontro entre distintas classes sociais, a burguesia e os trabalhadores no ambiente de consumo, resulta em um confronto silencioso entre egos, sustentado pela inveja e pela arrogância, em que a outra posição social inevitavelmente torna-se uma rival intrínseca:

E as senhoras exalavam seu rancor. Devoravam-se atrás dos balcões, mulheres apunhalando mulheres, uma rivalidade de dinheiro e beleza. Era uma inveja impertinente das vendedoras contra as clientes alinhadas, as damas cujos ares elas se esforçavam para copiar, e uma inveja ainda mais azeda das clientes malpostas, as pequenas burguesas contra as vendedoras, essas moças vestidas de seda de quem as outras queriam obter uma humildade de criada por uma compra de dez soldos. (ZOLA, 2008, p.364)

Conforme Bourdieu, os *grupos de status* são compostos por elementos simbólicos, seja através do consumo de determinadas vestimentas, produtos de valores exuberantes, escolha de específicas práticas artísticas e culturais e até comportamentos e práticas sociais, estando mais vinculado ao ser e apresentar-se do que o ter e possuir simplesmente os bens:

(...) as diferenças propriamente econômicas são duplicadas pelas distinções simbólicas na maneira de usufruir estes bens, ou melhor, através do consumo, e mais, através do consumo simbólico (ou ostentatório) que transmuta os bens em signos, *as diferenças e fatos e distinções significantes*, ou, para falar com os lingüistas, em "valores", privilegiando a *maneira*, a forma da ação ou do objeto em detrimento de sua função. Em consequência, os traços distintivos mais prestigiosos são aqueles que simbolizam mais claramente a posição diferencial dos agentes na estrutura social - por exemplo, a roupa, linguagem ou a pronúncia, e sobretudo "as maneiras", o bom gosto e a cultura - pois aparecem como propriedades essenciais da pessoa, como um ser irredutível ao ter, enfim como uma *natureza*, mas que é paradoxalmente uma natureza cultivada, uma cultura tornada natureza, uma graça e um dom. (BOURDIEU, 2007, p. 16)

Já para Zygmunt Bauman, a maneira como um indivíduo enxerga o outro também é fruto de sua construção social. E essa perspectiva da pessoa como mercadoria, em que é atribuído valor a um produto criado e aperfeiçoado para ser vendido, não se restringe apenas à relação entre empregado e empregador, mas também reflete na formação da identidade e personalidade pessoal à medida que as pessoas passam a desenvolver suas habilidades, gostos e estilo de vida pensando também como uma mercadoria a ser vendida. As pessoas estão constantemente consumindo e sendo consumidas:

"Consumir", portanto, significa investir na afiliação social de si próprio, o que, numa sociedade de consumidores, traduz-se em "vendabilidade": obter qualidades para as quais já existe uma demanda de mercado, ou reciclar as que já se possui, transformando-as em mercadorias para as quais a demanda pode continuar sendo criada. A maioria das mercadorias oferecidas no mercado de consumo deve sua atração e seu poder de recrutar consumidores ávidos a seu valor de *investimento*, seja ele genuíno ou suposto, anunciado de forma explícita ou indireta. Sua promessa de aumentar a atratividade e, por consequência, o preço de mercado de seus compradores está escrita, em letras grandes ou pequenas, ou ao menos nas entrelinhas, nos folhetos de todos os produtos inclusive aqueles que, de maneira ostensiva, são adquiridos principalmente, ou mesmo exclusivamente, pelo puro prazer do consumidor. O consumo é um investimento em tudo que serve para o "valor social" e a auto-estima do indivíduo. (BAUMAN, 2008, p. 44)

Em outras palavras, o indivíduo dentro de seu contexto social torna-se um produto em constante aperfeiçoamento na estante "sociedade" e procura ser "vendável" pelo maior tempo possível através de suas escolhas de consumo como objetos, vestimentas, móveis, imóveis, dentre outros.

No romance, essa venda de consumidores, especialmente relacionada ao público feminino, é exposta de forma crítica e por vezes simbólica, sendo

comum designar um valor às pessoas, como no trecho a seguir em que manequins são comparados às mulheres que do lugar da cabeça possuem uma enorme etiqueta que denuncia seu valor social:

Os pescoços arredondados dos manequins enchiham os tecidos, os largos quadris exageravam a estreiteza das cinturas, as cabeças ausentes haviam sido substituídas por grandes etiquetas presas com alfinetes no moletom vermelho do colo. Enquanto isso, de cada lado da vitrine, por meio de um jogo ótico calculado, espelhos refletiam os manequins e os multiplicavam infinitamente, povoando a rua com essas belas mulheres à venda que, no lugar das cabeças, ostentavam seus preços em números enormes. (ZOLA, 2008, p. 35)

A vendabilidade ocorre no investimento em si próprio, fruto do ato de consumir, resultando assim em uma objetificação do indivíduo em que os membros da sociedade de consumidores transformam-se mercadorias de consumo.

Segundo Bauman, as pessoas não só se expressam constantemente através de suas vestimentas, mas também pela quantidade, qualidade e valor de suas compras. Inevitavelmente os indivíduos dessa sociedade de consumo também sofrem com uma constante sensação de insuficiência e inadequação social, em que o produto certo resulta na propaganda esperada, transformando assim o consumidor em mercadoria:

(...) consumidores de ambos os sexos, todas as idades e posições sociais irão sentir-se inadequados, deficientes e abaixo do padrão a não ser que respondam com prontidão a esses apelos. (BAUMAN, 2008, p.43).

Mesmo voltada a um público mais burguês, o grande e fictício magazine *Paraíso das Damas* é aberto a mulheres pertencentes a diferentes classes sociais, logo, mesmo não sendo algo explícito, pois o intuito é vender indiferente da classe social da cliente, essa diferenciação econômica de cada consumidora ganha destaque pelo valor final de suas compras:

Ela ficou ali enquanto Marguerite mostrava os modelos. Esta usava com as clientes uma voz secamente polida, uma atitude desagradável de moça pobre vestida de seda que esbarra dia após dia com a bela elegância, pela qual guardava, sem se dar conta, grande ciúme e rancor. Quando ouviu a senhora Marty dizer que não queria ultrapassar duzentos francos, fez uma careta de piedade. Ah! A senhora deveria colocar um pouco mais, é impossível encontrar algo

apropriado para senhora por duzentos francos. E ela lançava sobre o balcão mantôs ordinários, com gesto de significativa: “Veja como é pobre!” A senhora Marty não ousava achá-lo os bons. (ZOLA, 2008, p.152)

Todo esse processo de projeção de uma imagem para a sociedade resulta em uma perceptível mudança na concepção de corpo, se antes era visto como herança que o indivíduo recebia pronta e acabada, passa a ser visto como projeto inacabado, resultando no estímulo de um consumo como investimento pessoal por meio da agregação material e modificação corporal.

Os indivíduos que não possuem a imagem socialmente idealizada não se encaixam no padrão, logo são impulsionados a serem corrigidos ou serão descartáveis, conforme é visto longo do romance no sofrimento e também resistência da personagem Denise Baudu que é constantemente maltratada e julgada por seus colegas, mas persiste na sua tentativa de ser aceita nessa sociedade de aparências:

Embora tão magra, com o ar tão frágil, ela resistiu, enquanto muitas vendedoras acabavam deixando o comércio tomadas de esgotamento. Sua boa resistência ao sofrimento, a obstinação de sua valentia mantinham-na sorridente e firme, enquanto no íntimo desfalecia, no limite de suas forças, extenuada por um trabalho ao qual muitos homens teriam sucumbido. Em seguida, seu tormento foi ter a seção toda contra si. Ao martírio físico, acrescentava-se a surda perseguição de suas colegas. Depois de dois meses de paciência e docilidade, não conseguira ainda desarmá-las. Eram palavras ofensivas, invenções cruéis, uma exclusão que, em sua necessidade de carinho, era como uma punhalada no coração. Durante muito tempo troçaram de seu início desastrado; as palavras “caipira” e “espantalho” circulavam; aquelas que perdiam uma venda eram “enviadas” para Valognes; ela era, enfim, a idiota do balcão. (ZOLA, 2008, p.162)

Quanto à personagem Denise, por não possuir escolhas, é questão de necessidade tentar pertencer a esse grupo tanto para sustentar a si, como a seus irmãos. Porém, o consumo de uma imagem estética ideal e quase impossível de ser alcançada apenas para se encaixar em um padrão imposto pela sociedade resulta em uma insaciabilidade pois, aqueles que supostamente se adequam a esse molde também estão constantemente insatisfeitos com a aparência e buscam a correção de seus supostos problemas.

4 Considerações Finais

Durante o período de revoluções há uma sensação de aceleração do tempo e os acontecimentos históricos começam a transpassar a vida de indivíduos de diferentes grupos sociais, tornando-os parte da história. A união de distintas vivências influencia em uma nova concepção de passado e de sua relação com o presente, pois, o indivíduo começa a se sentir pertencente à história de maneira interna e não mais apenas como um espectador.

As relações entre sujeito e sua vivência sempre estiveram intrínsecas à literatura, seja ao retratar diretamente acontecimentos políticos e sociais, seja por meio das visíveis marcas do contexto histórico de criação presentes em narrativas. Logo, não há como dissociar a literatura de seu momento histórico de criação. Entretanto, se antes havia uma distância entre as vivências empíricas e a criação de narrativas literárias, em que buscava retratar acontecimentos longínquos e personagens inverossímeis, com o tempo escritores buscam cada vez mais a aproximar a história ficcional da realidade de seus leitores.

A proposta de criar a ficção mais fiel à realidade atrai leitores que buscam, em romances de cunho documental, conhecer melhor determinada época, costumes e até mesmo diferentes perspectivas da história. Como uma viagem no tempo, esse resgate da identidade social por meio da literatura torna o passado vivenciável e, portanto, contribui para uma melhor compreensão do presente.

Mesmo que os acontecimentos históricos não sejam a temática central dos romances de Émile Zola, ele é um escritor de seu tempo que transita por diferentes espaços e eterniza em seus romances sua contemporaneidade ao passo que também os torna universais ao trazer temáticas pertinentes na atualidade.

Zola parte da realidade para criar suas narrativas e mesmo que possua uma visão externa do ambiente que retrata, seus romances cumprem a função utilitária de denunciar mazelas da sociedade, no caso do romance *O Paraíso das Damas*: a disputa e dualidade de um sistema capitalista que enriquece a uns e empobrece a outros, aumentando para parte da sociedade uma desigualdade econômica já existente. Assim, ao tentar se contrapor ao ideal romântico por acreditar na transformação social através da exposição crítica da sociedade, o escritor cria também seu ideal utópico em que demonstra esperança na melhora da situação.

Vimos como as transformações sociais abordadas neste trabalho influencia na produção do romance *O Paraíso das Damas*, em que apresenta uma época de crescente urbanização e ascensão da industrialização. A representação das relações comerciais tanto na área de trabalho, como na esfera de consumo é apresentada de maneira dual, em que de um lado vemos a necessidade dessa ascensão para a modernidade social e, do outro, nos compadecemos com o declínio de pequenos comerciantes e suas famílias. Contudo, a dualidade criada por Zola não é maniqueísta, pois os dois lados são conciliáveis e encontram-se nesse mesmo âmbito comercial.

A loja *Paraíso das Damas* ao mesmo tempo que proporciona mais oportunidades de trabalho e o progresso urbano também é constantemente comparada a um monstro ou a uma máquina destruidora que monopoliza o comércio local, característica que reflete na forma de se portar de alguns vendedores os quais estão absorvidos a maior parte de seu tempo em uma eterna disputa com seus colegas.

A composição dessas personagens com características mais próximas à realidade faz com que se distanciem do caricato e, por estarem em movimento, constituem-se e transformam-se em relação à sociedade, sendo analisadas e utilizadas como comprovações de teorias científicas já mencionadas. No entanto, contrariando as teorias empregadas na vasta obra de Zola também se encontra personagens com trajetórias de resistência, tais como Denise Baudu

que supera às adversidades não sucumbindo ao meio e nem à sedução do consumo.

A narrativa também mostra uma mudança gradativa das funções e espaços ocupados pelas mulheres na sociedade de consumo, que, mesmo sempre havendo uma forte desigualdade de gênero no contexto social e profissional, a introdução de trabalhadoras no comércio proporcionou, de certa maneira, o início da busca por independência financeira. Em contraponto, o romance reforça que as mulheres inseridas no mercado de trabalho, como é representado por meios das vendedoras, ainda possuem menos oportunidades de ascensão e um período de produtividade menor que de seus colegas. Desigualdade entre gêneros encontrada ainda em nossa contemporaneidade.

Se de um lado temos mulheres aos poucos ocupando novos espaços de trabalho, por outro lado, o crescimento da loja *Paraíso das Damas* também impulsiona o mercado de consumo destinado especialmente às clientes do gênero feminino, onde técnicas de venda e marketing passam a ser planejadas visando a atrair especialmente as mulheres. Essa sedução para um consumo excedente ocorre desde o planejamento de um espaço físico confortável e que atenda todas as necessidades das mulheres burguesas e as entretenha pelo maior tempo possível.

A sociedade de consumo presente no romance é pautada no estímulo ao desejo pelo supérfluo, daquilo que está além as necessidades. Esse sistema capitalista segregá os grupos sociais, estrutura padrões idealizados e estimula indivíduo a encaixar-se em algum grupo que passará a estipular as regras implícitas e, inevitavelmente como em um ciclo, exigirá determinado fluxo de consumo. Quando inserida na sociedade de consumo, a pessoa é encorajada a criar uma imagem que vai definir e redefinir sua identidade.

Inspirado na vida real, no romance, a venda de produtos em grande escala e o constante estímulo ao consumo modificam ao longo do tempo as relações sociais, e o ato de comprar, antes necessidade, passa a influenciar na formação das identidades dos indivíduos.

O consumismo também possui o poder de transformar as vontades, desejos, anseios e, principalmente, como as pessoas veem a si mesmas e como constroem e projetam a sua imagem para os outros.

Se, no romance, as personagens constroem uma imagem de si para a sociedade e vendem-se como mercadoria por meio do que consumem, na atualidade, um exemplo dessa propaganda pessoal está nas redes sociais, “vitrines virtuais” que facilitam a propaganda de si mesmo, as pessoas são o que querem expor, logo, escolhem o que querem ser. Porém, o processo recíproco de identificação continua presente, onde a propaganda criada para a venda dos produtos/imagens padroniza grupos sociais ao mesmo tempo que o indivíduo tenta se encaixar no padrão social escolhido e, certamente, utópico.

O consumo presente no romance está relacionado à exacerbação, o consumo excessivo ou de objetos de grande valor é um padrão e sinônimo de segurança, conforto e respeito, não basta apenas sentir-se seguro, mas deve-se mostrar seguro. Contudo, significado de “felicidade” como resultado do ato de consumir é variável de acordo com as diferentes épocas, grupos e espaços sociais. Não há comprovação da existência de uma felicidade duradoura e a promessa de satisfação só existe até o momento da conquista do objeto. Se a satisfação não tivesse um fim, o consumismo não existiria.

Os estudos de Émile Zola sobre as relações comerciais reforçam que as técnicas de vendas atravessam o século XX e o consumo nos dias atuais continua intrínseco à sociedade como base das relações, porém, ampliado, uma vez que hoje os consumidores possuem mais alternativas para desejar, adquirir e, consequentemente, frustrar-se.

Em divergência ao parágrafo anterior, nos dias atuais, há também o surgimento de tendências econômicas que percebem o consumo por outras perspectivas como, por exemplo, o *minimalismo*, criado a princípio dentro do meio artístico, quando introduzido à sociedade de consumo se opõem em partes ao capitalismo por ter como base a redução de materiais. O desapego é visto como algo libertador e uma parcela crescente de pessoas com bons

recursos financeiros têm trocado suas grandes moradias por casas pequenas, porém ainda sofisticadas.

Por fim, se antes a relação entre vendedor e consumidor estava mais próxima como representada no romance, hoje vemos que não há necessidade de interação física para realização de uma transição comercial. Os vendedores, quando há, não mais vendem algo criado, cultivado ou construído por eles, mas sim representam um produto de outra pessoa. No entanto, mesmo com visíveis transformações positivas nas leis trabalhistas ainda há muito a ser conquistado.

5 Referências

ARIÈS, P. **Por uma história da vida privada**, p. 7-19 In: ARIÈS, P. e CHARTIER, R., História da vida privada, vol. 3: da Renascença ao Século das Luzes / organização Roger Chartier; tradução Hildegard Feist. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ARISTÓTELES. Poética. In: ARISTÓTELES. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1996;

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Ed. 70, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008;

BENJAMIN, Walter. **A Obra de arte na Era de Sua Reproduzibilidade Técnica** (Org. e Prefácio – Márcio Seligmann-Silva), Tradução: Gabriel Valladão Silva, 1ª Edição, Porto Alegre, RS: L&PM, 2013;

_____ ; **Paris, capital do século XIX**. <Exposé de 1939> In: KOTHE, Flávio R. (org.). Walter Benjamin. Trad. Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985. p. 30-43. Disponível em <<https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/03/benjamin-w-paris-capital-do-sc3a9culo-xix-trad-kothe.pdf>> Acesso em 3 de maio de 2021;

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o poder simbólico**, In: BOURDIEU, PIERRE. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989;

_____ ; **A economia das trocas simbólicas** / Pierre Bourdieu; introdução, organização e seleção Sergio Miceli. – São Paulo: Perspectiva, 2007;

CARONI, Ítalo. **A utopia naturalista.** In: ZOLA, Émile. Do romance. São Paulo: Edusp, 1995;

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espirito do consumismo moderno** / Colin Campbell: tradução de Mauro Gama – Rio de Janeiro: Rocco, 2001;

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: CANDIDO, Antonio. **O Discurso e a Cidade.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. Disponível em <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2017/10/antonio-candido-de-cortic3a7o-a-cortic3a7o.pdf>> Acesso em 4 de abril de 2021;

CANDIDO, Antonio. **Degradação do Espaço: (Estudo sobre a correlação funcional dos ambientes, das coisas e do comportamento em L'Assommoir).** Rev. Let., São Paulo, v.46, n.1, p.29-61, jan./jun. 2006. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/lettras/article/view/41/35>>. Acesso em 5 de abril de 2021;

CARPEAUX, Otto Maria. **O Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo por Carpeaux.** – São Paulo: Leya, 2012. – (História da literatura ocidental; v. 7)

FERGUSON, Niall. **Civilização: Ocidente x Oriente.** Tradução de Janaina Marco Antônio, 2^a ed. – São Paulo: Planeta, 2016;

FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico.** Revista USP. São Paulo, CCS-USP, n. 53, março/maio 2002, trad. Fábio Fonseca de Melo, p. 166-182. Disponível em <http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Friedman_Ponto-de-vista-ilovepdf-compressed.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2021;

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary.** Tradução de Fúlia Maria Luiza Moretto. – São Paulo: Abril, 2010;

GAILLARD, Jeanne. **Prefácio**. In: ZOLA, Émile. *O Paraíso das Damas*. Tradução de Joana Canêdo. – São Paulo: Estação Liberdade, 2008;

HAUSER, Arnold. **História social da Literatura e da Arte**. TOMO II. Trad. Walter H. Geenen. São Paulo: Mestre Jou, 1980. V. 1;

HOBSBAWM, E. J. **A era das revoluções**. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977a;

_____ ; **A era do capital**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977b;

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo*. 10^a. ed. – São Paulo: Ática, 2002;

LUKÁCS, György. **Narrar ou descrever**. In: *Ensaios sobre a literatura*. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965. p.43-94;

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/390070871/LUKACS-Gyorgy-O-romance-historico-pdf>>. Acesso em: 8 de junho de 2021;

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de Sérgio Tellaroli. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, [1848] 2011.

MITTERAND, H. **Vida de Émile Zola**. In: ZOLA, É. *Germinal*. Tradução de Mauro Pinheiro. – São Paulo: Estação Liberdade, 2012;

PERES, Marcos Flamínico. **Émile Zola encena o mundo do consumo e do supérfluo**. Folha de Saulo, ilustrada, on-line, novembro, 2008. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2211200814.htm>>. Acesso em: 24 de agosto de 2020;

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. Tradução de Roberto Leal Ferreira São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998;

ROCHA, Everardo; FRID, Marina; CORBO, William. **NEGÓCIOS E MAGIAS: Émile Zola, Au Bonheur des Dames e o consumo moderno**. CMC Comunicação, mídia e consumo, Congresso internacional comunicação e consumo, COMUNICON2014, v.11, n.32, outubro, 2014. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/800>>. Acesso em: 26 de agosto de 2020;

ROCHA, Everardo 1951 - **O Paraíso do Consumo: Émile Zola, a magia e os grandes magazines** / Everardo Rocha, Marina Frid, William Corbo. – 1^a. Ed. – Rio de Janeiro: Mauad X, 2016;

SANTOS, Kassandra Naely Rodrigues dos. **Uma leitura do naturalismo nos romances Germinal, de Émile Zola e o cortiço, de Aluísio de Azevedo**. Letras – UNIPAMPA: Bagé, 2017. Disponível em <<http://dspace.unipampa.edu.br:8080/jspui/bitstream/riu/2827/1/TCC%20Kassandra%20Santos%202017.pdf>> Acesso em: 13 maio. 2021.

WINOCK, Michel. **As vozes da liberdade: os escritores engajados do século XIX**. Trad. Eloá Jacobina. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

ZOLA, Émile. **A Besta Humana**. Tradução de Joaquim Pereira Neto. – 2. ed. rev. – São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____ ; **A Conquista de Plassans**. São Paulo: Companhia Brasil Editora, 1956a;

_____ ; **A Fortuna dos Rougon.** São Paulo: Companhia Brasil Editora, 1956b;

_____ ; **A Taberna.** Tradução de Eduardo de Barros Lobo. – Lisboa: Guimarães Editores, 1956c.

_____ ; **Do Romance.** Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Edusp, 1995; Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/c0n>>. Acesso em: 5 de janeiro de 2021;

_____ ; **Germinal.** Tradução de Mauro Pinheiro. – São Paulo: Estação Liberdade, 2012;

_____ ; **Naná.** Tradução de Roberto Valeriano. – São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2002.

_____ ; **O Paraíso das Damas.** Tradução de Joana Canêdo. – São Paulo: Estação Liberdade, 2008;

_____ ; O Romance Experimental. In: ZOLA, Émile. **O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____ ; **Roupa Suja.** São Paulo: Companhia Brasil Editora, 1956d.